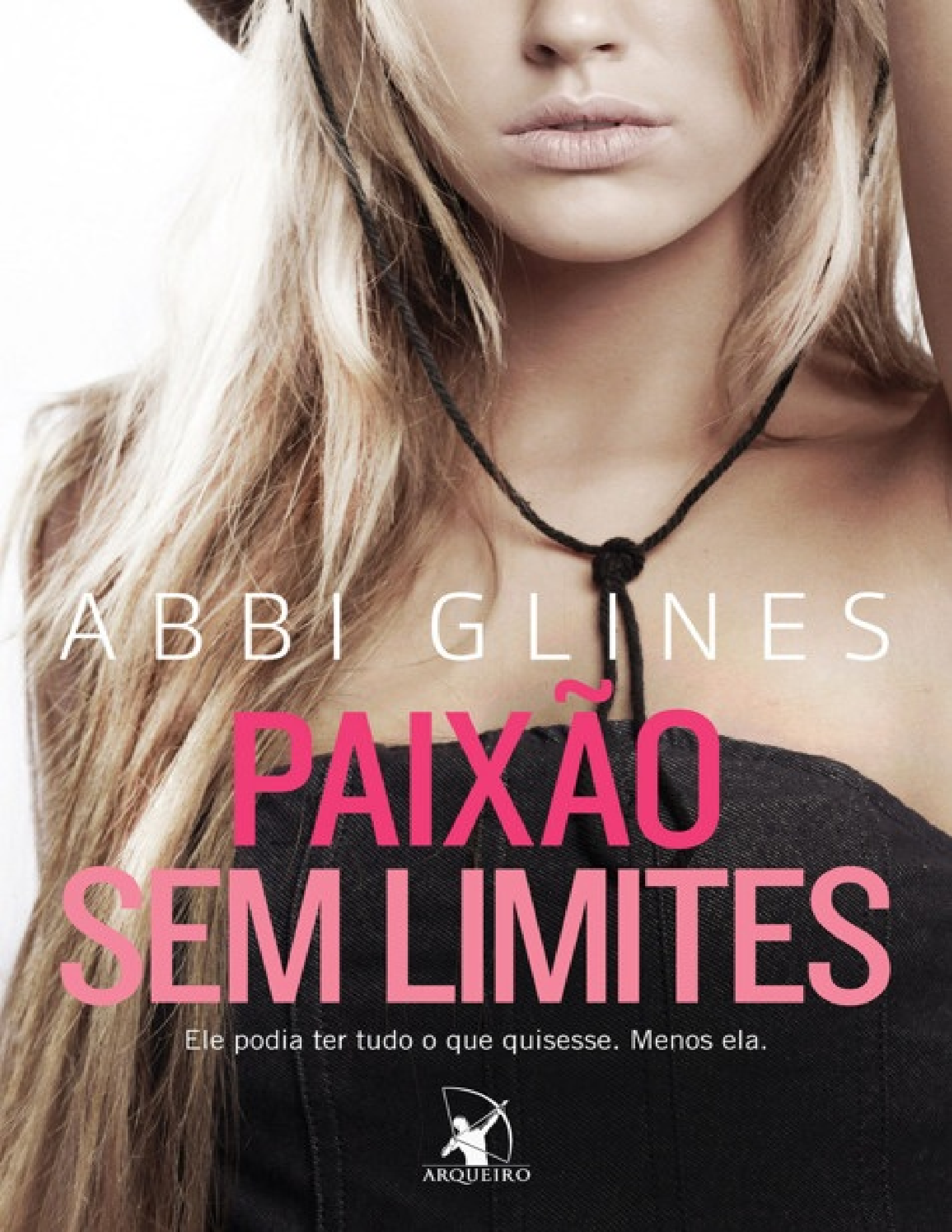
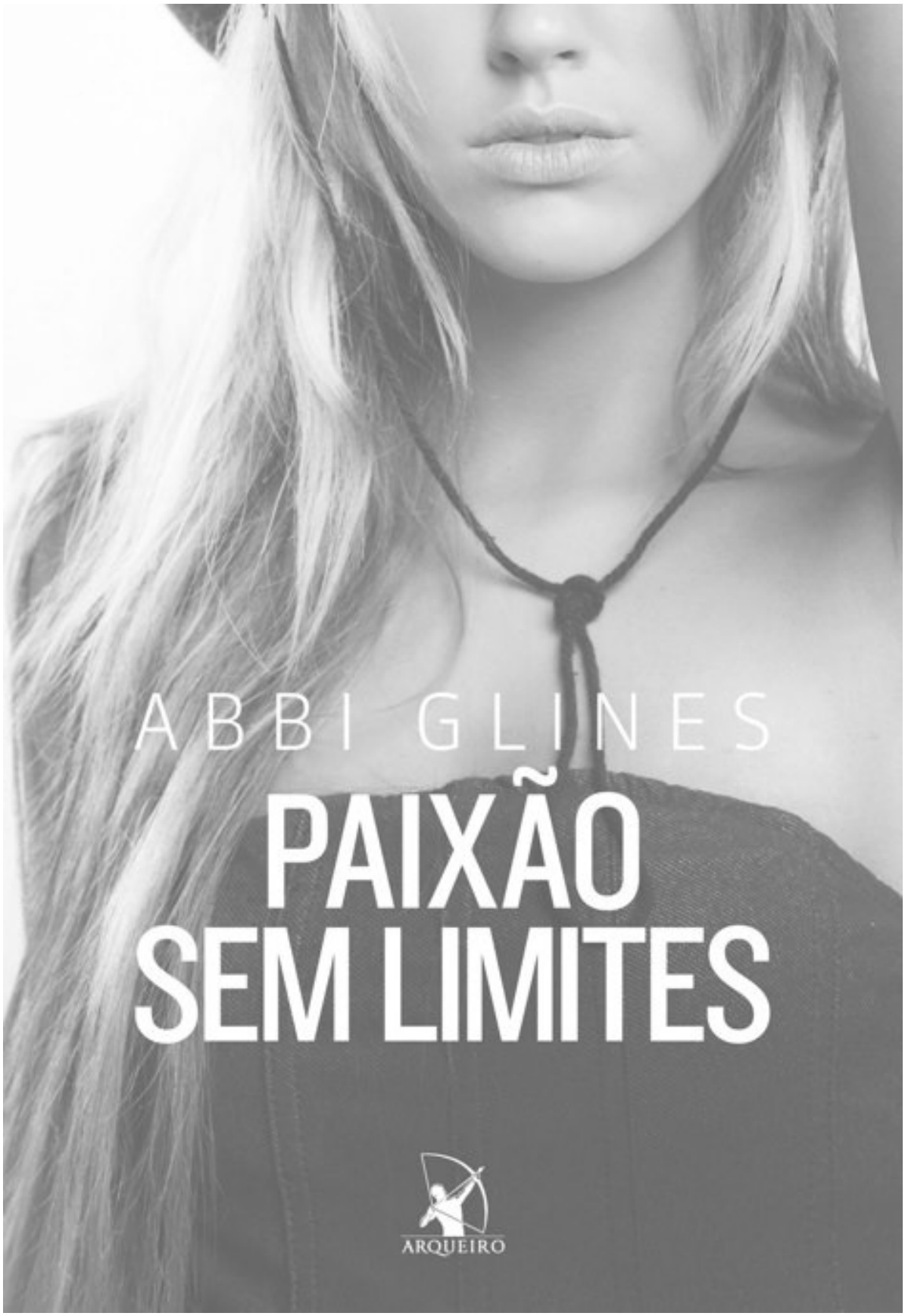

ABBI GLINES
PAIXÃO SEM LIMITES
Ele podia ter tudo o que quisesse. Menos ela.
ARQUEIRO

PAIXÃO

SEM LIMITES


ABBI GLINES
PAIXÃO SEM LIMITES
ARQUEIRO

Título original: *Fallen Too Far*

Copyright © 2012 por Abbi Glines
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fernanda Abreu

preparo de originais: Victor Almeida

revisão: Magda Tebet e Rachel Agavino

diagramação: Adriana Moreno

capa: Rodrigo Rodrigues

imagem de capa: Maksim Toome / Istockphotos

produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

G476p

Glines, Abbi
Paixão sem limites [recurso eletrônico] / Abbi Glines [tradução de Fernanda Abreu]; São Paulo: Arqueiro, 2013.
recurso digital

Tradução de: Fallen too far
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-226-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

13-05744

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Liz Reinhardt, minha maior incentivadora durante a criação deste livro. Ao longo da vida você encontra pessoas que se tornam amigos sem os quais não pode mais se imaginar vivendo. Liz é uma dessas pessoas.

Capítulo 1

O que eu costumava ver estacionado em frente a uma casa onde estivesse ocorrendo uma festa eram caminhonetes com lama nos pneus, não automóveis caros e importados. Pelo menos vinte deles ocupavam o comprido acesso de carros daquela casa. Parei a picape Ford de quinze anos da minha mãe em cima da grama para não atrapalhar a saída de ninguém. Meu pai não tinha me dito que daria uma festa esta noite. Na verdade, não tinha me dito quase nada.

Ele tampouco havia aparecido para o funeral da minha mãe. Se eu não precisasse de um lugar para morar, não estaria ali. Tive que vender a casinha que a minha avó nos deixara para pagar as últimas despesas médicas da minha mãe. Tudo que me restava eram as minhas roupas e a picape. Ligar para o meu pai depois de ele não aparecer nem uma vez sequer durante os três anos da batalha da minha mãe contra o câncer foi complicado. Complicado, mas necessário: ele era o único parente que me restava.

Olhei para a imensa casa de três andares situada bem em cima da areia branca da praia de Rosemary, na Flórida. Aquela era a nova casa do meu pai. Sua nova família. Eu não iria me encaixar ali.

De repente, alguém abriu com um tranco a porta da minha picape. Por instinto, levei a mão até debaixo do assento e peguei a minha nove milímetros. Levantei-a e apontei em cheio para o intruso, segurando-a com as duas mãos e pronta para puxar o gatilho.

– Caraca... eu ia dizer que você estava perdida, mas agora digo o que você quiser. Só guarda esse troço, por favor.

Do outro lado da minha pistola estava um sujeito de cabelos castanhos desgrenhados presos atrás das orelhas, com as duas mãos para cima e os olhos arregalados.

Levantei uma das sobrancelhas e mantive a pistola firme. Ainda não sabia quem era aquele cara. Puxar a porta da picape de alguém com um tranco não era um

jeito normal de cumprimentar um desconhecido.

– Não, acho que não estou perdida. Aqui não é a casa de Abraham Wynn?

O sujeito engoliu em seco, nervoso.

– Hã... com esse troço apontado para a minha cara eu não consigo pensar direito. Você está me deixando bem nervoso, meu bem. Poderia baixar a pistola antes que aconteça um acidente?

Acidente? Sério? O cara estava começando a me irritar.

– Eu não conheço você. Está escuro aí fora e eu estou sozinha em um lugar desconhecido. Então me desculpe se eu não me sentir muito segura neste momento. Pode confiar em mim: não vai acontecer acidente nenhum. Eu sei manejar uma pistola muito bem.

O cara não pareceu acreditar em mim e, agora que eu estava olhando melhor, não me parecia realmente ameaçador. Mesmo assim, eu ainda não estava pronta para baixar a arma.

– Abraham? – repetiu ele devagar. Começou a balançar a cabeça, então parou. – Peraí, o padrasto novo do Rush se chama Abe. Eu o conheci antes dele e Georgianna viajarem para Paris.

Paris? Rush? Como assim? Esperei mais explicações, mas o cara continuou a encarar a pistola, prendendo a respiração. Com os olhos fixos nele, baixei a arma e me certifiquei de acionar a trava de segurança antes de guardá-la debaixo do banco do motorista. Talvez sem a pistola ele conseguisse se concentrar e me explicar.

– Você tem porte de arma para esse troço? – perguntou ele, sem acreditar.

Eu não estava com disposição para conversar sobre o meu direito de portar armas. Precisava de respostas.

– Abraham está em Paris? – perguntei, querendo uma confirmação.

Ele sabia que eu chegaria hoje. Tínhamos nos falado na semana anterior, depois que vendi a casa.

O sujeito fez que sim devagar e relaxou a postura.

– Você o conhece – perguntou?

Na verdade, não. Desde que ele tinha abandonado a minha mãe e eu havia cinco anos, eu só o vira umas duas vezes. Eu me lembrava do pai que assistia às minhas partidas de futebol e fazia hambúrgueres na churrasqueira do quintal

para as festas dos vizinhos do bairro. O pai que eu tivera até o dia em que a minha irmã gêmea, Valerie, morreu em um acidente de carro... quando ele estava dirigindo. Nesse dia, ele mudou e se tornou o homem que não me ligava para saber se eu estava bem enquanto cuidava da minha mãe doente. Esse homem eu não conhecia. Nem um pouco.

– Sou a filha dele. Blaire.

O cara arregalou os olhos, jogou a cabeça para trás e riu. Qual era a graça? Estava esperando que explicasse quando ele estendeu a mão.

– Venha cá, Blaire. Quero apresentar você a uma pessoa. Ele vai amar saber disso.

Encarei a mão dele e estendi o braço para pegar a minha bolsa.

– Tem outra arma aí nessa bolsa? Devo avisar a todo mundo para não te irritar?

O tom provocador da voz dele me impediu de dizer alguma grosseria.

– Você abriu a minha porta sem bater. Fiquei com medo.

– E a sua reação instantânea quando sente medo é apontar uma arma? Caramba, menina, de onde você é? A maioria das garotas que eu conheço daria um gritinho ou alguma coisa assim.

A maioria das meninas que ele conhecia não fora forçada a se proteger nos últimos três anos. Precisei cuidar da minha mãe, mas não tinha ninguém para cuidar de mim.

– Eu sou do Alabama – respondi, ignorando a mão dele e saltando sozinha da picape.

A brisa do mar bateu no meu rosto e o cheiro salgado da praia era inconfundível. Eu nunca tinha visto uma praia. Pelo menos não ao vivo. Apenas em fotos e filmes, mas o cheiro era exatamente o que eu imaginava que seria.

– Quer dizer então que é verdade o que dizem sobre as meninas de Bama – retrucou ele e isso me chamou a atenção.

– Como assim?

Ele desceu os olhos pelo meu corpo e tornou a subir até o meu rosto. Abriu um sorriso.

– Jeans justo, camiseta sem manga e uma pistola. Caramba, acho que errei de estado.

Revirei os olhos e abri a traseira da picape. Tinha uma mala e várias caixas que

precisava levar para a Legião da Boa Vontade.

– Deixe eu te ajudar.

Ele deu a volta e estendeu as mãos para dentro da caçamba da picape para pegar a mala que a minha mãe mantivera guardada no armário para a "viagem de carro" que nunca chegamos a fazer. Ela vivia dizendo que um dia iríamos atravessar o país e subir a costa oeste. Isso foi antes de ela ficar doente.

Espantei essas lembranças e me concentrei no presente.

– Obrigada, hã... acho que não sei o seu nome.

O cara puxou a mala e se virou de volta para mim.

– Como assim? Esqueceu de perguntar quando estava com a arma apontada para a minha cara?

Dei um suspiro. Bem, talvez eu tenha exagerado um pouco com a pistola, mas ele me assustara.

– Meu nome é Grant. Eu sou... hã... amigo do Rush.

– Rush? – O mesmo nome outra vez. – Quem é Rush?

O sorriso de Grant tornou a se abrir.

– Você não sabe quem é Rush? – Ele estava achando muita graça. – Porra, que bom que eu vim aqui hoje. – Ele virou a cabeça em direção à casa. – Vamos. Vou apresentar você.

Fui andando ao seu lado enquanto ele me conduzia até a casa. Quando nos aproximamos, a música lá dentro ficou mais alta. Se o meu pai não estava lá, quem estaria? Georgianna era a mulher dele, mas isso era tudo o que eu sabia. Será que aquela festa era dos filhos dela? Quantos anos eles tinham? Georgianna tinha filhos, não tinha? Eu não me lembrava. Meu pai fora muito vago ao falar dela. Dissera que eu iria gostar da minha nova família, mas não mencionou quem era essa família exatamente.

– Esse Rush mora aqui? – perguntei.

– Mora. Bem, pelo menos no verão. Ele se muda para as suas outras casas conforme a estação.

– *Outras* casas?

Grant deu uma risada.

– Você não sabe nada sobre a família para a qual o seu pai entrou, né, Blaire?

Mal sabia ele. Fiz que não com a cabeça.

– Então, rápida miniaula antes de entrarmos na loucura – disse ele, parando no alto da escada que conduzia à porta da frente e olhando para mim. – Rush Finlay é o seu irmão postiço. É filho único do famoso baterista do Slacker Demon, Dean Finlay. Os pais dele nunca se casaram. A mãe, Georgianna, era groupie quando jovem. Essa casa é dele. A mãe mora aqui porque ele deixa. – Ele parou e olhou para a porta bem na hora em que ela se abriu. – E toda essa gente aqui é amiga dele.

Uma loura arruivada alta e longilínea me encarava da porta, usando um vestido curto azul-royal e um par de sapatos de salto que me fariam quebrar o pescoço se eu tentasse calçá-los. Percebi o desagrado na sua expressão mal-humorada. Eu não sabia muita coisa sobre aquele tipo de gente, mas sabia que as minhas roupas de loja de departamento não eram algo que ela aprovasse. Ou isso, ou tinha uma barata andando em cima de mim.

– Oi, Nannette – falou Grant.

– Quem é ela? – perguntou a garota, olhando para ele.

– Uma amiga. Não faça essa cara de quem chupou limão, Nan; não fica bem em você – respondeu ele, estendendo a mão para segurar a minha e me puxar para dentro da casa.

A sala não estava tão cheia quanto eu imaginara. Quando passamos pelo grande saguão aberto, um arco ia dar no que imaginei ser uma sala de estar. Mesmo assim, era bem maior do que a minha casa inteira, ou melhor, minha ex-casa. Duas portas de vidro se abriam para uma vista do mar de tirar o fôlego. Eu queria ver aquilo de perto.

– Por aqui – informou Grant.

Falava comigo enquanto se encaminhava até um... bar? Sério mesmo? Tinha um bar dentro de casa?

Olhei de relance para as pessoas ao nosso redor. Todas paravam um instante para me dar uma rápida conferida de cima a baixo. Eu estava me destacando à beça.

– Rush, esta é a Blaire, acho que talvez ela seja sua. Encontrei-a lá fora com um ar meio perdido – disse Grant.

Desviei os olhos daquela gente curiosa para ver quem era aquele tal de Rush.

Ai. Ai, ai, ai.

– É mesmo? – respondeu Rush com uma voz preguiçosa, arrastada. Com uma cerveja na mão, ele se inclinou para a frente no sofá branco. – Ela até que é gata, mas é muito novinha. Não dá para dizer que é minha.

– Ah, ela é sua, sim. Considerando que o papai dela fugiu para passar as próximas semanas em Paris com a sua mamãe... Eu diria que agora ela é sua, sim. Eu bem que ofereceria a ela um quarto na minha casa se você preferisse. Quer dizer, se ela prometer deixar a arma na picape.

Rush estreitou os olhos e me estudou com atenção. Os olhos dele tinham uma cor esquisita. Surpreendente e incomum. Não eram castanhos nem cor de avelã. Eram de uma cor quente, com um pouco de prateado. Eu nunca tinha visto nada como aquilo. Seriam lentes de contato?

– Nem por isso ela é minha – respondeu ele por fim, recostando-se no sofá.

Grant pigarreou.

– Está de brincadeira, não está?

Rush não respondeu. Em vez disso, tomou um grande gole da garrafa *longneck* que tinha nas mãos. Seus olhos agora estavam cravados em Grant e pude ver o alerta na sua expressão. Ele iria me pedir para ir embora a qualquer momento. Aquilo não era nada bom. Eu tinha apenas 20 dólares na bolsa e estava quase sem gasolina. Já tinha vendido tudo de valor que possuía. Ao ligar para o meu pai, explicara que só precisava de um lugar para ficar até arrumar um emprego e ganhar dinheiro suficiente para encontrar onde morar. Ele concordara na hora e me dera o seu endereço, dizendo que adoraria que eu ficasse na sua casa.

Rush prestava atenção em mim outra vez. Estava esperando que eu fizesse alguma coisa. O que queria que eu dissesse? Um leve sorriso de ironia moveu os seus lábios e ele piscou para mim.

– Estou com a casa cheia de convidados hoje. E a minha cama já está lotada. – Ele desviou os olhos para Grant. – Acho que é melhor ela procurar um hotel até eu conseguir falar com o *papai* dela.

A repulsa na sua língua ao pronunciar a palavra "papai" não passara despercebida. Ele não gostava do meu pai. Na realidade, eu não podia culpá-lo. Afinal, aquilo não era problema dele. Quem me mandara até ali fora o meu pai. Eu tinha gastado quase todo o meu dinheiro em gasolina e comida durante o trajeto. Por que fui confiar naquele homem?

Estendi a mão e peguei a alça da mala que Grant ainda segurava.

– Ele tem razão. É melhor eu ir embora. Foi uma péssima ideia – falei, sem olhar para Grant.

Puxei a mala com força e ele a soltou com alguma relutância. Conforme caía a ficha de que eu estava prestes a ficar sem casa, senti lágrimas arderem nos meus olhos. Não consegui olhar para nenhum dos dois.

Mantendo os olhos baixos, virei-me e me dirigi para a porta. Ouvi Grant batendo boca com Rush, mas me forcei a não escutar. Não queria ouvir o que aquele cara lindo estava dizendo sobre mim. Ele não gostava de mim. Isso tinha ficado claro. Meu pai não parecia ser um membro bem-vindo da família.

– Já vai, tão cedo? – perguntou-me uma voz meio pegajosa.

Ergui os olhos e deparei com o sorriso satisfeito da menina que abrira a porta. Ela tampouco me queria ali. Será que eu era tão repulsiva assim para aquelas pessoas? Tornei a olhar para o chão e abri a porta. Era orgulhosa demais para deixar aquela vaca *mesquinha* me ver chorar.

Quando estava segura do lado de fora, deixei escapar um soluço e andei até a minha picape. Se não estivesse carregando a mala, teria corrido. Precisava da segurança da picape. Meu lugar não era ali, naquela casa ridícula com aquela gente metida. Estava com saudades de casa. Da minha mãe. Outro soluço escapuliu. Fechei a porta da picape e a tranquei.

Capítulo 2

Enxuguei os meus olhos e me forcei a respirar fundo. Não podia desmoronar agora. Não tinha desmoronado ao segurar a mão da minha mãe enquanto ela dava o último suspiro ou quando o seu caixão fora baixado para dentro da terra fria. Também não desmoronara ao vender o único lugar que tinha para morar. Não iria desmoronar agora. Iria sair dessa.

Não tinha dinheiro suficiente para um quarto de hotel, mas tinha a minha picape. Poderia morar nela. Meu único problema seria arrumar um lugar seguro para estacionar durante a noite. Aquela cidade parecia segura, mas eu tinha quase certeza de que aquela picape velha estacionada em qualquer lugar durante a noite chamaria a atenção. A polícia viria bater na minha janela antes mesmo de eu conseguir pegar no sono. Eu teria que gastar meus últimos 20 dólares em gasolina. Concluí que teria que ir até uma cidade maior, onde a minha picape passasse despercebida em um estacionamento.

Talvez eu pudesse estacionar atrás de um restaurante e arrumar um emprego por lá. Não precisaria de gasolina para ir e voltar do trabalho. Minha barriga roncou, lembrando-me de que não comia desde a manhã. Precisaria gastar alguns dólares em comida. E rezar para arrumar um emprego quando amanhecesse.

Eu ficaria bem. Virei a cabeça para olhar atrás da picape antes de engatar a marcha a ré. Olhos prateados me encaravam.

Dei um gritinho antes de perceber que era Rush. O que ele estava fazendo em pé do lado da minha picape? Será que tinha saído para garantir que eu sumiria do seu terreno? Eu realmente não queria mais falar com ele. Comecei a desviar os olhos e a me concentrar em sair dali quando ele levantou uma das sobrancelhas para mim. O que significava aquilo?

Sabe de uma coisa? Eu não estava nem aí. Mesmo que ele estivesse sexy para caramba fazendo aquilo. Comecei a acelerar a picape, mas, em vez do ronco do

motor, tudo que ouvi foi um clique e silêncio. *Ah, não. Agora não. Por favor, agora não.*

Girei as chaves e rezei para estar enganada. Sabia que o marcador de combustível estava quebrado, mas prestara atenção na quilometragem. Não deveria estar sem gasolina. Ainda tinha alguns quilômetros. Sabia que tinha.

Bati com a palma da mão no volante e xinguei a picape várias vezes, mas nada aconteceu. Eu estava ferrada. Será que Rush chamaria a polícia? Ele queria tanto que eu fosse embora que tinha saído para se certificar. Agora que eu não conseguia ir embora, será que ele mandaria me prender? Ou pior: chamar um reboque? Se ele fizesse isso, eu não teria dinheiro para recuperar a picape. Pelo menos na cadeia eu teria cama e comida de graça.

Engoli em seco, abri a porta da picape e torci pelo melhor.

– Problemas? – perguntou ele.

Minha frustração era tanta que eu queria gritar, mas apenas concordei.

– Acabou a gasolina.

Rush deu um suspiro. Não falei nada. Decidi que o melhor naquela situação era aguardar o veredito. Eu sempre poderia implorar depois.

– Quantos anos você tem?

O quê? Ele estava mesmo perguntando a minha idade? Eu estava presa no acesso de carros da sua casa, ele queria que eu fosse embora e, em vez de conversar sobre as minhas alternativas, ele estava perguntando a minha idade? Que cara estranho.

– Dezenove – respondi.

Rush levantou as duas sobrancelhas.

– Sério?

Eu estava fazendo força para não me irritar. Precisava que aquele cara tivesse compaixão de mim. Forçando-me a engolir o comentário irônico que estava na ponta da minha língua, sorri.

– Sério.

Rush sorriu e deu de ombros.

– Foi mal. É que você parece mais nova. – Ele *parou* e os seus olhos desceram pelo meu corpo e tornaram a subir. O súbito calor no meu rosto foi constrangedor. – Retiro o que eu disse. Seu corpo tem toda a pinta de 19. É o seu

rosto que parece muito jovem. Você nunca usa maquiagem?

Era uma pergunta? O que ele estava fazendo? Eu queria saber o que o futuro me reservava, não falar sobre o fato de que usar maquiagem era um luxo ao qual eu não podia me dar. Além disso, meu ex-namorado (e atual melhor amigo) Cain sempre dizia que eu não precisava de mais nada para melhorar a minha aparência. O que quer que isso significasse.

– A gasolina acabou. Eu tenho 20 dólares na bolsa. Meu *pai* fugiu e me abandonou depois de me dizer que me ajudaria. Acredite em mim: ele era a ÚLTIMA pessoa para quem eu pediria ajuda. E não, eu não uso maquiagem. Tenho problemas mais graves no momento do que ficar bonita. E agora, você vai chamar a polícia ou um reboque? Se eu puder escolher, prefiro a polícia. – Fechei a boca para encerrar o meu desabafo. Ele tinha me pressionado e eu não consegui segurar a língua. Agora cometi o erro de dar a ele a ideia do reboque. Merda.

Rush inclinou a cabeça e me observou. Quase não consegui suportar o silêncio. Eu acabara de compartilhar informação demais com aquele sujeito. Se ele quisesse, poderia dificultar a minha vida.

– Eu não gosto do seu pai e, pelo tom da sua voz, você também não – disse ele, perspicaz. – Tem um quarto vazio hoje à noite. Vai ficar vazio até a minha mãe voltar. Eu não peço para a empregada dela vir quando ela está viajando. Nas férias dela, Henrietta só vem fazer faxina uma vez por semana. Você pode ficar no quarto dela debaixo da escada. É pequeno, mas tem cama.

Ele estava me oferecendo um quarto. Eu não iria cair em prantos. Poderia fazer isso mais tarde. E, pelo menos, não iria para a cadeia. Graças a Deus.

– Minha alternativa é esta picape. Posso garantir a você que o que está me oferecendo é bem melhor. Obrigada.

Rush franziu o cenho por um instante, mas a expressão logo sumiu e o sorriso descontraído voltou a surgir no seu rosto.

– Cadê a sua mala? – indagou ele.

Fechei a porta da picape e fui até a traseira para pegar a mala. Antes que eu pudesse estender a mão, um corpo quente com um cheiro desconhecido e delicioso se esticou por cima do meu. Congelei enquanto Rush pegava a minha mala e a puxava para fora.

Eu me virei e ergui os olhos para ele. Rush piscou.

– Posso carregar a sua mala. Não sou tão babaca assim.

– O-obrigada – gaguejei, sem conseguir desgrudar o meu olhar.

Os olhos dele eram inacreditáveis. Os grossos cílios pretos que os emolduravam pareciam quase um delineador. Ele tinha um realce natural em volta dos olhos. Que injustiça. Os meus cílios eram louros. Eu daria tudo para ter cílios iguais aos dele.

– Ah, que bom que você a deteve. Eu estava dando cinco minutos antes de sair para me certificar de que não tinha afugentado totalmente a garota.

A voz conhecida de Grant me fez sair do meu transe e eu me virei, grata pela interrupção. Estivera encarando Rush feito uma idiota. Estava surpresa de que ele não tivesse mandado eu dar o fora outra vez.

– Ela vai ficar no quarto da Henrietta até eu conseguir falar com o pai dela e dar algum outro jeito. – Rush soava contrariado. Entregou a mala a Grant e disse: – Tome, mostre o quarto a ela. Tem gente me esperando.

Rush se afastou sem olhar para trás. Foi preciso toda a minha força de vontade para não ficar olhando enquanto ele ia embora. Principalmente porque o seu traseiro naquele jeans justo era muito tentador. Ele não era alguém por quem eu devesse me sentir atraída.

– Esse cara é mal-humorado demais – comentou Grant, balançando a cabeça e olhando para mim. Não pude discordar.

– Não precisa carregar a minha mala lá para dentro de novo – falei, estendendo a mão para pegá-la.

Grant afastou a mala da minha mão.

– Por acaso, eu sou o irmão gentil. Não vou deixar você carregar esta mala tendo um par de braços muito fortes, para não dizer muito impressionantes, para carregá-la.

Eu teria sorrido, se não fosse a palavrinha que me fez virar a cabeça na sua direção.

– Irmão? – perguntei.

Grant sorriu, mas o sorriso não chegou aos olhos.

– Acho que me esqueci de dizer que eu sou filho do marido número dois da Georgianna. Ela ficou casada por doze anos com o meu pai, desde que eu tinha 3 anos e Rush, 4. Quando se separaram, Rush e eu já éramos irmãos. O simples

fato do meu pai ter se divorciado da mãe dele não mudou nada para a gente. Fomos para a faculdade juntos e entramos até para o mesmo grêmio.

Ah, certo. Por essa eu não esperava.

– Quantos maridos a Georgianna teve?

Grant deixou escapar uma risada curta e dura. Em seguida, começou a andar em direção à porta.

– O seu pai é o número quatro.

Meu pai era um idiota. Aquela mulher parecia trocar de marido como quem troca de calcinha. Quanto tempo demoraria para se livrar dele e partir para outra?

Grant tornou a subir a escada e não me disse mais nada enquanto seguia na direção da cozinha. Era um cômodo imenso, com bancadas de mármore preto e aparelhos complicados. Lembrava aqueles lugares que saem nas revistas de decoração. Ele abriu uma porta que parecia uma grande despensa com espaço para uma pessoa entrar. Sem entender, olhei em volta e o segui até lá dentro. Ele foi até o fundo e abriu outra porta.

Havia espaço suficiente para ele entrar e pôr a minha mala em cima da cama. Era óbvio que estávamos debaixo da escada. Espremido entre a cama e a parede tinha um criado-mudo. Tirando isso, mais nada.

– Não tenho a menor ideia de onde você pode guardar a sua mala. Este quarto é bem pequeno. Para ser sincero, é a primeira vez que venho aqui. – Grant balançou a cabeça e suspirou. – Escute, se quiser ir comigo para o meu apartamento, tudo bem. Pelo menos posso lhe oferecer um quarto no qual dê para se mover.

Por mais gentil que Grant fosse, eu não estava disposta a aceitar a oferta. Ele não precisava de uma hóspede indesejada ocupando um dos seus quartos. Pelo menos ali eu estava escondida e ninguém iria me ver. Poderia limpar a casa e arrumar um emprego em algum lugar. Talvez Rush me deixasse ficar dormindo naquele quartinho desocupado até eu ter dinheiro suficiente para ir embora. Ali eu não tinha tanto a sensação de estar impondo a minha presença. No dia seguinte, iria encontrar um mercado e usar os meus 20 dólares para comprar comida. Pão com manteiga de amendoim devia bastar por uma semana, mais ou menos.

– Aqui está perfeito. Assim eu não atrapalho. Além do mais, Rush amanhã vai ligar para o meu pai e descobrir quando ele volta. Talvez ele tenha um plano, sei lá. Mas obrigada, valeu mesmo pela oferta.

Grant correu os olhos pelo lugar mais um vez e fez uma cara feia. Ele não estava contente com aquele quarto, mas eu estava aliviada. Que gentileza a dele se importar comigo.

– Detesto deixar você aqui atrás. Parece errado.

Ele tornou a olhar para mim, e dessa vez a sua voz adquiriu um tom de súplica.

– Está ótimo. Muito melhor do que na picape.

Grant franziu o cenho.

– Na picape? Você ia dormir lá?

– Ia, sim. Mas isto aqui me dá um pouco de tempo para decidir qual vai ser o meu próximo passo.

Grant passou uma das mãos pelos cabelos desgrenhados.

– Você me promete uma coisa? – pediu.

Eu nunca fui de prometer nada. O que eu sabia sobre promessas era que elas se quebravam com facilidade. Dei de ombros. Era o melhor que podia fazer.

– Se Rush obrigar você a ir embora, ligue para mim.

Comecei a concordar, mas percebi que não tinha o telefone dele.

– Onde está o seu celular para eu poder gravar o meu número? – perguntou ele.

Aquilo iria fazer eu soar ainda mais digna de pena.

– Não tenho.

Grant me encarou boquiaberto.

– Não tem celular? Não é à toa que você anda armada. – Ele enfiou a mão no bolso e pegou o que parecia um recibo. – Tem caneta?

Tirei uma da bolsa e entreguei para ele.

Ele anotou o número rapidamente e me entregou o papel e a caneta.

– Ligue para mim. É sério.

Eu jamais ligaria, mas era gentil ele me oferecer. Concordei. Não tinha prometido nada.

– Espero que você durma bem aqui.

Ele olhou em volta com um ar preocupado. Eu iria dormir maravilhosamente.

– Eu vou – garanti.

Ele assentiu, saiu do quarto e fechou a porta. Esperei até ouvi-lo fechar também a porta da despensa antes de me sentar na cama ao lado da mala. Aquilo estava bom. Eu podia me virar com aquilo.

Capítulo 3

Mesmo sem janelas no quarto para me dizer se o sol já nascera, eu sabia que tinha dormido até tarde. Fui me deitar exausta, mas a longa viagem de oito horas e os passos na escada durante horas depois de eu ir para a cama me impediram de dormir. Eu me espreguicei, me sentei e estendi a mão para o interruptor na parede. A pequena lâmpada iluminou o quarto e estiquei o braço até debaixo da cama para pegar a minha mala.

Precisava de um banho. Se todo mundo ainda estivesse dormindo, eu poderia usar um dos banheiros sem ninguém perceber; mas Grant não tinha me mostrado onde ficava. Só me ofereceram o quarto, mas eu esperava que uma ducha rápida estivesse incluída no pacote.

Peguei uma calcinha limpa, um short preto e uma camiseta branca sem manga. Com sorte, conseguiria entrar e sair do chuveiro e começar a faxina antes de Rush descer.

Abri a porta que dava para a despensa, passei por entre as prateleiras que continham mais comida do que qualquer pessoa jamais poderia precisar. Girei a maçaneta da porta devagar e a abri. A luz da cozinha estava apagada e a única claridade vinha do sol forte que entrava pelas amplas janelas que davam para o mar. Se não estivesse tão apertada, eu teria parado um instante para admirar a vista. Mas a situação era urgente e eu precisava ir ao banheiro. A casa estava silenciosa. Copos vazios estavam espalhados pelos cômodos, junto com restos de comida e peças de roupa. Eu poderia limpar aquilo. Se me mostrasse útil, talvez me deixassem ficar ali até eu arrumar um emprego e receber um ou dois salários.

Abri lentamente a primeira porta que encontrei, com medo de ser um quarto. Era um closet. Fechei a porta e desci o corredor em direção à escada. Se os únicos banheiros fossem os das suítes, eu estava ferrada. A não ser que... talvez houvesse um banheiro para as pessoas usarem depois de passar o dia inteiro na praia. Afinal de contas, Henrietta também tinha que tomar banho e ir ao banheiro.

Virei as costas e voltei para a cozinha e para as duas portas de vidro que eu vira abertas na noite anterior. Olhei em volta e reparei alguns degraus que desciam até debaixo da casa. Fui por ali.

Lá embaixo havia duas portas. Abri uma delas e vi paredes cobertas por coletes salva-vidas, pranchas de surfe e boias. Então abri a outra. Bingo.

Era um banheiro com um pequeno boxe. Sobre um banquinho havia xampu, condicionador e sabonete, além de uma luva de banho e uma tolha limpa. Que prático.

Uma vez limpa e vestida, pendurei a toalha e a luva no ferro da cortina do boxe. Aquele banheiro não era muito usado. Eu poderia usar a mesma toalha e a mesma luva a semana inteira e lavar no fim de semana. Se ficasse ali tanto tempo assim.

Fechei a porta depois de sair e subi os degraus. A maresia tinha um cheiro maravilhoso. Quando cheguei lá em cima, fiquei parada junto ao guarda-corpo e olhei para o mar. Ondas quebravam na praia de areia branca. Era a coisa mais linda que eu já tinha visto.

Mamãe e eu cogitávamos, um dia, viajar para ver o mar. Ela havia ido quando era menina e as suas lembranças não eram lá grande coisa, mas ela passara a vida inteira me falando sobre isso. Todo inverno ficávamos sentadas dentro de casa em frente à lareira e planejávamos a nossa ida à praia. Nunca conseguimos fazer essa viagem. Primeiro mamãe não tinha dinheiro, depois não tinha saúde. Mesmo assim, continuávamos a planejá-la. Isso ajudava a manter o sonho vivo.

E agora ali estava eu, olhando para as ondas com as quais apenas sonhara. Não eram nossas férias de conto de fadas, mas eu estava ali vendo o mar por nós duas.

– Essa vista nunca fica velha. – A voz grave e arrastada de Rush me espantou.

Virei-me e o vi encostado no batente da porta. Sem camisa. Ai, ai, ai.

Não consegui articular palavras. O único peito nu de homem que eu já tinha visto fora o de Cain. E isso foi antes de a minha mãe ficar doente, quando eu tinha tempo para namorar e me divertir. O peito de 16 anos de Cain não exibia aqueles músculos largos e definidos, assim como ele também não tinha aquela barriga tanquinho que eu via diante de mim.

– Está gostando da vista?

Seu tom de quem estava achando graça não me escapou. Pisquei os olhos e

tornei a erguê-los para o sorriso de ironia nos seus lábios. Droga. Ele tinha me pegado secando o seu corpo.

– Não quero interrompê-la. Eu mesmo estava gostando – continuou ele antes de dar um gole na xícara de café que segurava.

Senti o meu rosto ficar quente; sabia que devia estar vermelha feito um pimentão. Eu me virei de novo e tornei a olhar para o mar. Que vergonha. Eu estava tentando fazer com que aquele cara me deixasse permanecer ali por um tempo. Ficar babando por ele não era a melhor estratégia.

Uma risada baixinha atrás de mim só fez piorar as coisas. Ele estava rindo de mim. Que ótimo.

– Ah, você está aí. Senti a sua falta na cama quando acordei.

A voz feminina dengosa vinha de detrás de mim. A curiosidade me venceu e eu me virei. Uma menina só de calcinha e sutiã se aconchegava a Rush e corria uma unha comprida e cor-de-rosa pelo seu peito. Não podia culpá-la por querer tocar aquilo. Eu própria estava bem tentada.

– Está na hora de você ir – retrucou ele, tirando a mão dela do próprio peito e se afastando. Vi quando ele apontou para a porta da frente.

– Como é? – rebateu a menina. Pelo ar de incompreensão no seu rosto, ela não esperava por isso.

– Você conseguiu o que queria vindo aqui, gata. Queria que eu te comesse. Conseguiu. Agora já deu para mim.

Sua voz fria, dura e neutra me espantou. Será que ele estava falando sério?

– Você só pode estar de sacanagem! – disparou a menina, batendo o pé.

Rush balançou a cabeça e tomou mais um gole do café.

– Você não pode fazer isso comigo. Ontem à noite foi incrível. Você sabe que foi.

Ela estendeu a mão para o braço dele e ele rapidamente se esquivou.

– Eu avisei ontem à noite quando você chegou implorando e tirando a roupa... A única coisa que iria acontecer seria uma noite de sexo. Só isso.

Prestei atenção na menina. Sua expressão era de pura raiva. Ela abriu a boca para protestar, mas tornou a fechá-la. Com mais uma batida do pé, voltou a passos firmes para dentro da casa.

Eu não conseguia acreditar no que acabara de ver. Era assim que pessoas

daquele tipo se comportavam? A minha única experiência de relacionamento tinha sido com Cain. Embora nunca tivéssemos chegado a transar, ele sempre fora cuidadoso e gentil comigo. Aquilo era duro, cruel.

– Então, dormiu bem? – perguntou Rush como se nada tivesse acontecido.

Eu me obriguei a desviar os olhos da porta pela qual a menina havia saído e o examinei. O que passara pela cabeça dela para ir para a cama com alguém que tinha deixado bem claro que não haveria nada além de sexo? Tudo bem, ele tinha um corpo de causar inveja a modelos... e aqueles seus olhos eram capazes de levar uma garota a fazer loucuras. Mas ainda assim. Era muito cruel.

– Você faz isso sempre? – perguntei antes de conseguir me conter.

Rush levantou a sobrancelha.

– O quê? Perguntar às pessoas se elas dormiram bem?

Ele sabia o que eu estava perguntando. Estava desconversando. Não era da minha conta. Para ele me deixar ficar ali, eu precisava ficar na minha. Abrir a boca para repreendê-lo não era uma boa ideia.

– Transar com garotas e depois jogá-las fora feito lixo? – retruquei.

Fechei a boca, horrorizada com as palavras que acabara de ouvir ecoar na minha mente. O que eu estava fazendo? Tentando ser posta na rua?

Rush pousou a xícara na mesa ao seu lado e se sentou. Recostou-se e esticou as pernas compridas. Então tornou a me encarar.

– E você, sempre mete o nariz onde não é chamada? – rebateu.

Eu queria ficar brava com ele. Queria, mas não consegui. Ele tinha razão. Quem era eu para julgá-lo? Nem conhecia aquele cara.

– Não, em geral, não. Desculpe – falei e entrei depressa.

Não queria dar a ele uma chance de me expulsar também. Eu precisava daquela cama debaixo da escada por pelo menos duas semanas.

Comecei a recolher os copos vazios e as garrafas de cerveja. Aquela casa precisava de uma faxina e eu podia fazer isso antes de sair para procurar emprego. Só torci para ele não dar festas como aquela todas as noites. Mas, se desse, eu não iria reclamar... e quem sabe? Depois de algumas noites talvez conseguisse dormir com qualquer barulho.

– Não precisa fazer isso. Henrietta vem amanhã.

Joguei as garrafas que tinha recolhido na lixeira e olhei para ele. Rush estava

outra vez em pé no vão da porta, olhando para mim.

– Só pensei que poderia ajudar.

Rush deu um sorriso torto.

– Eu já tenho empregada. Não estou procurando outra, se é isso que está pensando.

Fiz que não com a cabeça.

– Não, eu sei. Só estava tentando ser prestativa. Você me deixou dormir na sua casa ontem.

Rush se aproximou e ficou parado em frente à bancada, com os braços cruzados na frente do peito.

– Sobre isso… a gente precisa conversar.

Ai, droga. Lá vem. Uma noite era tudo que eu iria conseguir.

– Está bem – respondi.

Rush franziu o cenho para mim e senti o ritmo da minha pulsação se acelerar. Ele não tinha notícias boas para me dar.

– Eu não gosto do seu pai. Ele é um *aproveitador*. Minha mãe sempre tende a arrumar homens assim. É um talento dela. Mas eu acho que você já sabe isso sobre ele. Então estou curioso: por que você veio pedir a ajuda dele se sabia como ele era?

Minha vontade era responder que não era da conta dele. Só que o fato de eu precisar da sua ajuda fazia com que fosse. Eu não podia esperar que ele me deixasse dormir na sua casa sem saber de nada. Ele merecia saber por que estava me ajudando. Eu não queria que ele pensasse que eu também era uma aproveitadora.

– Minha mãe acabou de morrer. De câncer. Três anos de tratamento custam caro. A única coisa que tínhamos era a casa que a minha avó nos deixou. Tive que vender a casa e todo o resto para pagar as contas de hospital da minha mãe. Não vejo o meu pai desde que ele nos abandonou, cinco anos atrás. Mas ele agora é o meu único parente. Não tenho mais ninguém a quem pedir ajuda. Preciso de um lugar para ficar até conseguir um emprego e receber alguns salários. Aí vou arrumar a minha própria casa. Minha intenção nunca foi passar muito tempo aqui. Sabia que o meu pai não iria querer que eu ficasse. – Soltei uma gargalhada dura e insincera. – Mas jamais imaginei que ele fosse fugir antes de eu chegar.

O olhar firme de Rush continuava grudado em mim. Aquelas eram informações que eu preferiria que ninguém soubesse. Costumava conversar com Cain sobre como o abandono do meu pai me fizera sofrer. A perda da minha irmã e do meu pai tinham sido difíceis para mim e para minha mãe. Aí Cain precisou de mais e eu não pude ser quem ele precisava que eu fosse. Tinha que cuidar da minha mãe doente. Havia deixado Cain livre para sair com outras meninas e se divertir. Eu era só um peso para ele. Nossa amizade permaneceu intacta, mas eu percebi que o menino que um dia pensara amar tinha sido apenas uma emoção infantil.

– Sinto muito pela sua mãe – disse Rush, por fim. – Deve ser duro. Você disse que ela passou três anos doente. Desde que você tinha 16?

Respondi que sim, sem saber muito bem o que mais dizer. Não queria a pena dele. Só queria um lugar para dormir.

– Você está planejando arrumar um emprego e uma casa para morar.

Não era uma pergunta, ele estava só repassando o que eu acabara de dizer. Por isso não respondi nada.

– O quarto debaixo da escada é seu por um mês. Nesse tempo você precisa arrumar um emprego e juntar dinheiro suficiente para alugar um apartamento. Destin não fica muito longe daqui e o custo de vida lá é mais acessível. Se os nossos pais voltarem antes disso, imagino que seu pai poderá ajudar você.

Soltei um suspiro de alívio e engoli o bolo que bloqueava minha garganta.

– Obrigada.

Rush olhou na direção da despensa que conduzia ao quarto em que eu estava dormindo. Em seguida, tornou a olhar para mim.

– Tenho umas coisas para fazer. Boa sorte na caça ao emprego.

Afastou-se da bancada e foi embora.

Eu não tinha gasolina na picape, mas tinha uma cama e 20 dólares. Fui depressa até o quarto pegar a minha bolsa e as minhas chaves. Precisava arrumar um emprego o quanto antes.

Capítulo 4

Debaixo do limpador de para-brisa do meu carro estava preso um bilhete. Peguei o papel e li:

O tanque está cheio.

Grant.

Grant encheu o tanque do meu carro? Senti um calor repentino dentro do peito. Que gentil. A palavra "aproveitador" dita por Rush ecoou nos meus ouvidos e percebi que precisaria reembolsar Grant o mais rápido possível. Não iria passar por aproveitadora feito o meu pai.

Entrei na picape, dei a partida com facilidade e saí de marcha a ré. Ainda havia vários carros em frente à casa, embora não tantos quanto na noite anterior. Todos passaram a noite ali? Estavam lá esse tempo todo? Não tinha visto ninguém de manhã, exceto Rush e a menina que ele tinha enxotado.

Rush não era uma pessoa muito simpática, mas era justo; isso eu tinha que admitir. E também era bem gostoso. Eu só precisava aprender a ignorar esse fato. Não deveria ser muito difícil. Não imaginava que Rush fosse ficar perto de mim com muita frequência. Ele não parecia gostar da minha companhia.

Decidi arrumar um emprego em Rosemary para economizar gasolina, assim poderia sair mais rápido da casa de Rush. Tinha encontrado um jornal das redondezas e circulado vários anúncios. Dois eram para vagas de garçonete em restaurantes próximos e fui até lá me candidatar. Embora tivesse a sensação de que receberia a ligação de um deles ou de ambos, acho que não gostaria de trabalhar em nenhum dos dois. Se fossem minhas únicas opções, aceitaria. Só que as gorjetas não pareciam ser grande coisa; e você precisa das gorjetas em um emprego desses.

Passei também na farmácia dos arredores para me candidatar ao emprego de caixa, mas a vaga já tinha sido preenchida. Depois fui ao consultório de um pediatra e me ofereci para o cargo de recepcionista, mas eles queriam

experiência, o que eu não tinha.

Circulei um último anúncio, mas deixei para o final porque achava que seria uma vaga muito difícil de conseguir: um cargo de garçonete no country club local. Pagava sete dólares a mais por hora e as gorjetas seriam bem melhores. Perfeito para o meu plano de me virar sozinha. Além do mais, o emprego tinha benefícios. Um seguro saúde seria ótimo.

O anúncio pedia para os candidatos se apresentarem na sede administrativa, atrás do pavilhão do campo de golfe. Segui as instruções e parei a minha picape ao lado de um Volvo chique. Ajeitei o retrovisor para dar uma conferida no meu visual. Ao passar na farmácia, tinha comprado um tubinho de rímel. Só um pouquinho de rímel ajudaria o meu rosto a parecer mais velho. Passei a mão pelos meus cabelos louro-claros e fiz uma prece rápida para conseguir aquele emprego.

Ao passar no quarto para pegar a minha bolsa, aproveitei para trocar de roupa. Tirei o short e a camiseta e coloquei um vestido sem mangas, mais indicado para conseguir a vaga. Rush dissera que eu tinha cara de criança. Queria parecer mais velha. O rímel e o vestido deviam ajudar.

Não me dei ao trabalho de trancar a picape; ali ela não corria risco nenhum de ser roubada. Não quando a maioria dos carros estacionados em volta custava mais de 60 mil dólares. Havia poucos degraus até a porta do escritório. Respirei fundo pela última vez e abri a porta.

Uma mulher de corpo mignon, cabelos castanhos curtos e óculos de armação de metal estava atravessando a recepção quando entrei. Ela olhou de relance para o meu rosto a caminho de um dos escritórios e parou. Conferiu rapidamente o resto do meu visual e em seguida meneou a cabeça para mim.

– Veio procurar emprego? – perguntou, autoritária.

– Sim, senhora. Vim me candidatar ao cargo de garçonete.

Ela deu um sorriso muito sutil.

– Ótimo. Você tem a aparência certa. Com um rosto assim, os sócios não vão prestar atenção nos erros. Sabe dirigir um carrinho de golfe e abrir uma garrafa de cerveja com abridor?

Assenti.

– Está contratada. Preciso de alguém no campo imediatamente. Venha comigo;

vamos arrumar um uniforme para você.

Não discuti. Quando ela deu meia-volta e começou a andar com passos firmes na direção de outro cômodo, fui atrás. Ela era uma mulher com uma missão. Abriu uma porta e entrou.

– Que tamanho de short você usa, 36? A parte de cima vai ser menor do que a que você está usando, mas os homens vão adorar. Eles gostam de busto grande. Vejamos... – Ela estava falando sobre os meus peitos. Que constrangedor! Ela pegou um short branco e uma camisa polo azul-bebê da prateleira e os jogou para mim. – Essa blusa é tamanho P. Tem que ficar justa. Nós somos um estabelecimento de classe, mas os homens aqui também gostam de admirar a paisagem. Assim, proporcionamos o que eles querem dentro de um short branco e de uma camisa polo justa. Não se preocupe com a papelada. Peço para você preencher depois do expediente. Se passar uma semana fazendo isso e fizer direitinho, podemos pensar em mudar você para o salão de jantar. Também estamos precisando de funcionários lá. Rostos como o seu não são fáceis de achar. Agora troque de roupa, vou ficar esperando para levar você até o carrinho de bebidas.

Duas horas mais tarde, eu havia parado duas vezes ao lado de cada um dos dezoito buracos do campo e as minhas bebidas tinham acabado. Todos os golfistas queriam me perguntar se eu era nova e comentar sobre o meu excelente serviço. Eu não era burra. Via o jeito como os homens mais velhos me secavam. Felizmente, todos pareciam tomar cuidado para não avançar nenhum sinal.

A senhora que me contratou enfim me dissera o seu nome depois de praticamente me empurrar para cima do carrinho e me despachar para o campo. Chamava-se Darla Lowry e cuidava da contratação dos funcionários. Era também um verdadeiro furacão. Ela me disse para voltar dali a quatro horas ou quando as minhas bebidas acabassem, o que acontecesse primeiro. As bebidas acabaram em duas horas.

Entrei no escritório e Darla espichou a cabeça para fora de uma das salas.

– Já? – estranhou, saindo com as mãos na cintura.

– Sim, senhora. Minhas bebidas acabaram.

Ela levantou as sobrancelhas.

– Todas?

– Sim, todas.

Um sorriso cruzou o seu rosto sério e ela deixou escapar uma risada.

– Ora, quem diria? Sabia que eles iriam gostar de você. Aqueles tarados estavam mesmo dispostos a comprar tudo o que você tivesse só para fazê-la ficar mais tempo por perto.

Eu não tinha certeza se era isso mesmo. Fazia calor no campo; toda vez que eu parava junto a algum buraco, os golfistas faziam cara de aliviados.

– Venha, vou mostrar para você onde reabastecer. Você tem que continuar a servir até o sol se pôr. Depois volte aqui para preenchermos a tal papelada.

Quando voltei à casa de Rush, já estava escuro. Eu tinha passado o dia inteiro fora. Os carros, antes parados no acesso à casa, haviam desaparecido. A garagem de três vagas estava fechada, com um conversível vermelho caro estacionado do lado de fora. Tomei cuidado para estacionar a picape fora do caminho. Talvez Rush fosse receber mais amigos e eu não queria que o meu carro causasse problemas. Estava exausta. Só queria ir para a cama.

Parei em frente à porta e me perguntei se deveria bater ou simplesmente ir entrando. Rush disse que eu poderia ficar um mês. Com certeza isso devia significar que eu não precisava bater toda vez que chegasse.

Girei a maçaneta e entrei. O hall estava vazio e surpreendentemente limpo. Alguém já tinha arrumado a bagunça ali. O piso de mármore chegava a brilhar. Ouvi uma TV ligada na ampla sala de estar aberta. Não havia muitos outros barulhos. Fui até a cozinha. A cama estava me esperando. Queria muito uma ducha, mas ainda não tinha conversado com Rush sobre que chuveiro usar e não queria incomodá-lo nessa noite. No dia seguinte, quando acordasse, desceria de fininho para usar o mesmo que usara de manhã.

O cheiro de alho e queijo invadiu as minhas narinas quando entrei na cozinha e minha barriga roncou imediatamente. Eu tinha na bolsa um pacote de biscoitos de manteiga de amendoim e uma caixinha de leite que havia comprado em uma loja de conveniência a caminho de casa. Ganhara algum dinheiro em gorjetas durante o dia, mas não podia gastar tudo em comida. Precisava economizar o máximo que pudesse.

Havia uma panela tampada sobre o fogão e uma garrafa de vinho vazia em cima

da bancada. Junto com a garrafa, dois pratos com o que restava de uma apetitosa massa. Rush estava acompanhado.

Um gemido veio lá de fora, seguido por um barulho alto.

Fui até a janela, mas, assim que o luar iluminou a bunda nua de Rush, congelei. Uma linda bunda nua. Linda mesmo. Embora eu nunca tivesse visto a bunda nua de homem nenhum. Subi os olhos pelas suas costas e as tatuagens que as cobriam me espantaram. Não soube dizer exatamente o que eram. A luz da lua não era forte o suficiente e ele estava se mexendo.

Movia os quadris para a frente e para trás, e reparei nas duas pernas compridas que apertava junto às laterais do corpo. O gemido alto se repetiu quando ele acelerou os movimentos. Tapei a boca e dei um passo para trás. Rush estava transando. Do lado de fora. Na varanda. Não consegui desviar os olhos. Ele segurou as pernas dos dois lados do próprio corpo e as abriu mais ainda. Um grito alto me surpreendeu. Duas mãos surgiram nas costas dele e unhas compridas arranharam as tatuagens que cobriam a pele bronzeada.

Eu não deveria estar vendo aquilo. Sacudi a cabeça para clarear os meus pensamentos, virei-me e entrei depressa na despensa e no meu quartinho escondido. Não podia pensar em Rush daquela forma. Ele já era um gato; vê-lo transando causava sensações estranhas no meu coração. Não que eu quisesse ser uma daquelas meninas com quem ele transava e depois jogava fora, mas ver o seu corpo daquele jeito e ouvir o que ele fazia a menina sentir me deixava com um pouquinho de inveja. Eu não sabia o que era aquilo. Ser virgem aos 19 anos era triste. Cain dizia que me amava, mas ele queria uma namorada capaz de sair de casa e transar sem ter que se preocupar com a mãe doente. Queria uma experiência normal de colégio. Eu precisava dele mais do que nunca, mas não podia lhe dar isso. Então o liberei.

Na véspera, quando avisei que iria para a casa do meu pai, ele me implorara que ficasse. Dissera que me amava e que não tinha me esquecido. Que todas as meninas com quem tinha ficado não passavam de pálidas substitutas. Eu não conseguia acreditar em tudo aquilo. Passara noites demais com medo, chorando até cair no sono. Quando precisei de alguém para me abraçar, ele não estava ao meu lado. Cain não entendia o que era o amor.

Fechei a porta do meu quarto e caí na cama, sem nem sequer puxar as cobertas.

Precisava dormir. Tinha que estar no trabalho às nove da manhã. Antes de pegar no sono, sorri, grata por ter uma cama e um emprego.

Capítulo 5

O sol estava particularmente forte. Darla não queria que eu prendesse os cabelos em um rabo de cavalo. Achava que os homens o preferiam solto. Infelizmente, pois isso me fazia morrer de calor. Estendi a mão para pegar um cubo de gelo dentro do cooler, esfreguei-o no pescoço e o deixei cair dentro da camiseta. Já estava quase no 15º buraco pela terceira vez no dia.

Ninguém na casa estava acordado quando eu levantara. Os pratos vazios continuavam em cima da bancada. Eu os recolhi e joguei no lixo o resto de comida da panela que tinha ficado a noite inteira fora da geladeira. Fiquei triste com tanto desperdício. A comida tinha um cheiro incrível quando eu chegara em casa na noite anterior.

Em seguida joguei fora a garrafa vazia de vinho e encontrei as taças na varanda em cima da mesa, ao lado de onde tinha visto Rush transando com a desconhecida. Pus a louça na máquina, liguei e passei um pano na bancada e no fogão.

Duvidava que Rush fosse notar, mas aquilo fazia eu me sentir melhor com o fato de estar dormindo de graça em sua casa. Parei junto a um grupo de jogadores no 15º buraco. Era um pessoal mais jovem que eu já tinha visto quando estavam no terceiro buraco. Compravam bastante e davam boas gorjetas, então eu aturava as suas cantadas. Não era provável que algum deles quisesse mesmo sair com a menina do carrinho de bebidas do campo de golfe. Eu não era burra.

– Olhe ela aí – disse um dos caras quando parei ao seu lado e sorri.

– Ah, minha garota preferida voltou. Está um calor infernal, moça. Preciso de uma gelada. Ou duas.

Estacionei o carrinho, desci e fui pegar as bebidas na parte de trás do veículo.

– Outra Miller? – perguntei a ele, orgulhosa por me lembrar do seu último pedido.

– Quero sim, gata.

Ele piscou para mim e chegou mais perto, o que me deixou um pouco constrangida.

– Ei, Jace, também quero uma. Deixe um pouco para a gente – disse outro e eu mantive o sorriso no rosto enquanto pegava a sua bebida. Em retribuição, ele me deu uma nota de 20 dólares. – Pode ficar com o troco.

– Obrigada – agradeci, enfiando o dinheiro no bolso. Ergui os olhos para os outros. – Quem é o próximo?

– Eu – respondeu um de cabelos louros curtos e encaracolados e belos olhos azuis, acenando com uma nota.

– Corona, certo? – perguntei, pondo a mão dentro do cooler para pegar a mesma bebida que ele pedira da última vez.

– Acho que estou apaixonado. Ela é linda e lembra a cerveja que eu bebo. E ainda abre a porcaria da garrafa para mim. – Pude ver que ele estava brincando quando pôs a nota na minha mão e pegou a cerveja. – O troco é seu, linda.

Quando pus a nota no bolso, reparei que era de 50. Aqueles caras não se importavam mesmo em jogar dinheiro fora. Que gorjeta mais ridícula! Tive vontade de lhe dizer para não me dar tanto assim, mas achei melhor não. Eles deviam dar gorjetas como essa o tempo todo.

– Qual é o seu nome? – perguntou um dos rapazes.

Quando me virei, vi o de cabelos escuros e pele morena esperando para me fazer seu pedido e ouvir a minha resposta.

– Blaire – respondi, pondo a mão dentro do cooler para pegar a cerveja fina que ele tinha pedido. Abri a tampa e lhe entreguei a garrafa.

– Você tem namorado, Blaire? – perguntou ele, pegando a cerveja e passando o dedo na lateral da minha mão em uma carícia.

– Hã... não – respondi, sem saber se teria sido melhor mentir nessa situação.

Ele deu um passo na minha direção e estendeu a mão com o pagamento e a gorjeta.

– Eu sou o Woods – falou.

– Hum... pra-prazer, Woods – gaguejei em resposta.

A expressão intensa dos seus olhos escuros me deixava nervosa. Ele poderia ser perigoso. Além disso, recendia a água de colônia cara. Um cara refinado. Ele

fazia parte da elite e sabia disso. Por que estava me azarando?

– Assim não vale, Woods. Pega leve, cara. Você está dando tudo de si. Não é só porque o seu pai é dono deste clube que você pode *escolher* primeiro – brincou o louro cacheado.

Pelo menos eu acho que ele estava brincando.

Woods ignorou o amigo e continuou a me encarar.

– A que horas você sai?

Xi... Se eu estava entendendo direito, o pai de Woods era o meu patrão. A última coisa que eu queria era sair com o filho do dono. Seria péssimo.

– Trabalho até a hora de fechar – expliquei, entregando a cerveja para o último dos quatro e pegando o dinheiro.

– Que tal eu vir buscar você e levá-la para jantar? – perguntou Woods, agora muito perto de mim. Se eu me virasse, ele colaria em meu corpo.

– Está calor e eu estou exausta. Tudo o que vou querer depois do expediente é tomar uma ducha e dormir.

Um hálito morno fez cócegas na minha orelha e eu estremeci enquanto gotas de suor escorriam pelas minhas costas.

– Está com medo de mim? Não precisa ficar. Sou inofensivo.

Eu não sabia muito bem como agir em relação a ele. Nunca fui boa de azaração e tinha quase certeza de que era isso que estava acontecendo ali. Ninguém me paquerava havia anos. Depois que terminei com Cain, meus dias tinham sido consumidos pelo colégio e depois pela minha mãe. Eu não tinha tempo para mais nada. Os caras nem se davam ao trabalho.

– Não estou com medo de você. É que não estou acostumada com esse tipo de coisa – respondi, me desculpando. Não sabia a forma certa de reagir.

– Que tipo de coisa? – indagou ele, curioso. Finalmente me virei para encará-lo.

– Homens. E azaração. Pelo menos acho que é isso que está acontecendo.

Eu parecia uma idiota. O sorriso que se abriu devagar no rosto de Woods me deu vontade de me esconder debaixo do carrinho de golfe. Aquela situação era mais do que eu conseguia lidar.

– Sim, com certeza é uma azaração. Mas como alguém tão inacreditavelmente gostosa não está acostumada com esse tipo de coisa?

As palavras dele me deixaram tensa. Balancei a cabeça. Precisava passar para o

16º buraco.

– É que eu passei esses últimos anos meio ocupada. E, hã, se vocês não quiserem mais nada, os jogadores do buraco 16 já devem estar bravos comigo.

Woods compreendeu e deu um passo para trás.

– Ainda vamos conversar. Com certeza. Mas por enquanto vou deixar você voltar ao trabalho.

Fui depressa até a lateral do carrinho e me sentei no banco do motorista. Um bando de aposentados jogava no buraco seguinte. Nunca em toda a minha vida fiquei tão feliz por ser alvo dos olhares cobiçosos de idosos. Ao menos, eles não partiam para o ataque.

Ao voltar para a minha picape, fiquei aliviada por não ver sinal de Woods. Deveria ter entendido que ele estava apenas provocando a funcionária. Eu tinha ganhado uns 200 dólares de gorjeta nesse dia e decidi que não tinha problema me dar ao luxo de uma refeição de verdade. Entrei no *drive-thru* do McDonald's e pedi um cheesebúrguer com fritas, que comi feliz no trajeto de volta até a casa de Rush. Não havia carro nenhum parado na frente da casa desta vez.

Eu hoje não iria surpreendê-lo transando. Mas, pensando bem, ele poderia ter levado alguém até lá de carro. Entrei e parei no hall. A TV não estava ligada. Não havia som algum, mas a porta estava destrancada. Não precisei usar a chave escondida sobre a qual ele havia me falado.

Eu estava muito suada. Precisava de uma ducha antes de ir dormir. Entrei na cozinha e chequei a varanda da frente para ter certeza de que nenhuma estripulia sexual estava acontecendo ali. Tomar uma ducha seria fácil.

Fui até o meu quarto e peguei a cueca samba-canção e a camiseta velha e sem mangas de Cain que eu usava para dormir. Cain tinha me dado essas roupas quando éramos jovens e bobos. Queria que eu dormisse vestida com alguma coisa dele e eu as usava desde então, embora agora estivessem muito mais justas do que na época. Eu tinha ganhado algumas curvas desde os 15 anos.

Saí da casa e inspirei profundamente a brisa do mar. Era a minha terceira noite ali e eu ainda não tinha dado um mergulho. Chegara em casa tão cansada que não tivera energia para isso. Desci os degraus e pus o meu pijama no banheiro antes de tirar o tênis.

A areia ainda estava quente com o calor do sol. Atravessei-a no escuro até a

água avançar ao meu encontro. O frio me espantou e fiquei ofegante, mas deixei a água salgada cobrir os meus pés.

O sorriso da minha mãe ao me contar sobre a vez em que havia brincado no mar surgiu na minha lembrança. Eu ergui o rosto para o céu e sorri. Finalmente tinha chegado. Estava lá por nós duas.

Um barulho à esquerda interrompeu os meus pensamentos. Virei-me e olhei mais adiante na praia. Bem no instante em que a lua surgiu por detrás das nuvens, Rush apareceu na escuridão. Estava correndo.

Mais uma vez, não usava camisa. O short pendia baixo nos quadris estreitos. Fiquei hipnotizada com a aparência daquele corpo correndo na minha direção. Não tive certeza se deveria me mexer ou se ele tinha terminado. Ele desacelerou até parar ao meu lado. O suor no seu peito reluzia à luz suave. Por mais estranho que fosse, senti vontade de esticar a mão para tocá-lo. Nada que aquele corpo produzisse podia ser nojento. Era impossível.

– Você voltou – disse ele, respirando fundo algumas vezes.

– Acabei de sair do trabalho – falei, tentando olhar para os olhos dele e não para o seu peito.

– Quer dizer que arrumou um emprego?

– É. Ontem.

– Onde?

Não sabia ao certo o que sentia revelando essas coisas. Ele não era um amigo. E era evidente que eu jamais o consideraria da família. Nossos pais podiam até ser casados, mas ele não parecia querer envolvimento algum nem com o meu pai nem comigo.

– No country club de Kerrington – respondi.

Rush levantou as sobrancelhas e deu um passo mais para perto de mim. Segurou o meu queixo com uma das mãos e virou o meu rosto para cima.

– Você está de rímel – falou, examinando o meu rosto.

– Estou.

Tirei o meu queixo da mão dele. Ainda que ele estivesse me deixando dormir na sua casa, não gostava que me tocasse. Ou talvez gostasse e fosse justamente esse o problema. Não queria gostar que ele me tocasse.

– Deixa você mais com cara da sua idade. – Ele recuou e fez uma lenta avaliação

das minhas roupas. – Você é a garota do carrinho de bebidas no campo de golfe – disse, tornando a erguer os olhos.

– Como você adivinhou?

Ele acenou para mim com uma das mãos.

– Pela roupa. Shortinho branco justo e camisa polo. É o uniforme.

Fiquei grata pela escuridão. Tive certeza de que estava vermelha de vergonha.

– Você está fazendo um estrago, não está? – perguntou ele em tom de quem acha graça.

Em dois dias, eu tinha ganhado mais de 500 dólares em gorjetas. Para ele isso não era um estrago, mas para mim, sim. Dei de ombros.

– Fique aliviado em saber que vou sair daqui em menos de um mês.

Ele não reagiu na hora. Eu provavelmente deveria entrar e tomar a minha ducha. Comecei a dizer alguma coisa, mas ele então se aproximou.

– Eu provavelmente deveria ficar. Aliviado, quero dizer. Aliviado para cacete. Só que não estou, Blaire. – Ele fez uma pausa e se inclinou para sussurrar no meu ouvido. – Por que será?

Minha vontade foi estender as mãos e segurar os braços dele para não desmoronar, mas me contive.

– Fique longe de mim, Blaire. Você não vai querer chegar muito perto. Ontem à noite... – Ele engoliu em seco. – Não paro de pensar em ontem à noite. Saber que você estava vendo me deixa louco. Então fique longe. Estou me esforçando ao máximo para ficar longe de você.

Ele se virou e começou a correr de volta para casa enquanto eu ficava ali parada, tentando não desabar na areia.

O que ele quisera dizer com aquilo? Como sabia que eu os tinha visto? Quando vi a porta da casa se fechar atrás dele, voltei andando para lá e fui tomar um banho. Suas palavras me manteriam acordada por boa parte da noite.

Capítulo 6

Ficar longe de Rush não era exatamente fácil, já que estávamos morando sob o mesmo teto. Ainda que ele tentasse manter distância, continuávamos a nos esbarrar. Ele também evitava cruzar olhares comigo, mas isso só fazia aumentar o meu fascínio.

Dois dias depois da nossa conversa na praia, entrei na cozinha após comer o meu sanduíche de manteiga de amendoim e fui cumprimentada por mais uma mulher seminua. Ela estava descabelada, mas mesmo assim, era atraente. Eu detestava garotas desse tipo.

Ela se virou para me olhar. Sua expressão de surpresa logo se transformou em irritação. Piscou os olhos castanhos e levou a mão ao quadril.

– Você acabou de sair da despensa?

– Sim. E você, acabou de sair da cama do Rush? – retruquei.

As palavras saíram antes que eu conseguisse me controlar. Rush já me dissera que a sua vida sexual não era da minha conta. Eu precisava calar a boca.

A garota ergueu as sobrancelhas muito bem-feitas e então um sorriso atravessou os seus lábios; ela estava achando graça.

– Não. Não que eu fosse recusar se ele me deixasse, mas não diga isso ao Grant. – Ela fez um gesto como quem espanta uma mosca. – Deixe estar. Ele já deve saber mesmo.

Fiquei sem entender.

– Quer dizer que você acabou de sair da cama do Grant? – perguntei, percebendo que aquilo tampouco era da minha conta.

Mas Grant não morava ali, então eu estava confusa.

A garota correu os dedos pelos cachos castanhos descabelados e deu um suspiro.

– É. Ou pelo menos da antiga cama dele.

– Antiga? – estranhei.

Um movimento na porta chamou minha atenção e o meu olhar cruzou com o de Rush. Ele me observava com um sorriso de ironia. Que ótimo. Ele tinha me ouvido bisbilhotar. Quis desviar os olhos e fingir que não acabara de perguntar a uma garota se ela havia dormido com ele. O brilho do seu olhar me informou que era inútil: ele já sabia.

– Blaire, desculpe se a interrompi. Pode continuar a interrogar a amiga do Grant. Tenho certeza de que ele não vai se importar – falou Rush com a sua voz arrastada.

Ele cruzou os braços na frente do peito e se apoiou no batente da porta como se estivesse se acomodando.

Abaixei a cabeça e andei até a lixeira para limpar as migalhas de pão das mãos enquanto pensava no que fazer. Não queria continuar aquela conversa enquanto Rush estivesse escutando; isso me faria parecer interessada demais nele. Coisa que ele não queria.

– Bom dia, Rush. Obrigada por nos deixar ficar aqui ontem à noite. Grant tinha bebido demais para voltar dirigindo para a casa dele – falou a garota.

Ah. Então era isso. Que droga. Por que eu tinha me deixado vencer pela curiosidade?

– Grant sabe que o quarto é dele sempre que quiser – disse Rush.

Pelo canto do olho, pude ver quando ele se afastou do batente e andou até a bancada. Tinha os olhos pregados em mim. Por que ele não deixava aquela história por isso mesmo? Eu iria embora discretamente.

– Bom, hã, então eu acho que vou voltar lá para cima. – A voz da garota soou insegura.

Rush não disse nada e não olhei para nenhum dos dois. A garota aproveitou a deixa para se retirar e eu aguardei até ouvir os passos dela na escada antes de olhar para Rush.

– Blaire, querida, a curiosidade matou a gatinha – sussurrou ele, aproximando-se de mim. – Pensou que eu tivesse trazido mais alguém para dormir? Humm? Estava tentando saber se essa daí tinha passado a noite na minha cama?

Engoli em seco, mas não falei nada.

– Com quem eu vou para a cama não é assunto seu. A gente já não falou sobre isso?

Consegui concordar. Se ele me deixasse ir embora, nunca mais falaria com qualquer outra mulher que aparecesse na sua casa.

Rush estendeu a mão e enrolou uma mecha dos meus cabelos no dedo.

– Você não quer me conhecer. Talvez ache que quer, mas não quer. Juro que não.

Se ele não fosse tão gato nem estivesse tão perto de mim, seria mais fácil acreditar nisso. Mas quanto mais ele me pressionava, mais intrigada eu ficava.

– Você não é o que eu imaginava. Preferiria que fosse. Seria bem mais fácil – disse ele com uma voz grave antes de soltar o meu cabelo e se afastar.

Quando a porta que conduzia à varanda dos fundos se fechou, soltei a respiração que estava prendendo.

O que ele queria dizer? O que tinha imaginado?

Nessa noite, quando voltei do trabalho, Rush não estava em casa.

Abri os olhos e me virei para olhar o pequeno despertador sobre a mesa de cabeceira. Já passava das nove da manhã. Eu realmente tinha dormido até mais tarde. Espreguicei-me e estendi a mão para acender a luz. Tinha tomado banho na noite anterior, então estava limpa. Havia ganhado mais de mil dólares naquela semana. Decidi que podia começar a procurar apartamentos naquele dia, para conseguir logo um lugar para morar.

Passei as mãos pelos cabelos e tentei domá-los antes de me levantar. De manhã, queria passar um tempinho deitada na praia. Ainda não fizera isso. Iria aproveitar o mar e o sol.

Puxei a minha mala embaixo da cama e procurei lá dentro o meu biquíni rosa. Era o único que eu tinha. Para falar a verdade, quase não fora usado. O estampado de renda branca com detalhes em cor-de-rosa caía bem com o meu tom de pele.

Quando o vesti, pensei que o biquíni era menor do que eu me lembrava. Ou isso ou o meu corpo tinha mudado desde a última vez em que eu o usara. Tirei da mala uma camiseta sem manga para usar por cima e peguei o protetor solar que havia comprado depois do meu primeiro dia de trabalho. Protetor era obrigatório no meu emprego.

Apaguei a luz, saí da despensa e entrei na cozinha.

– Caramba. Quem é essa? – perguntou um cara mais jovem, assustando-me

quando entrei no espaço iluminado.

Olhei para aquele desconhecido sentado no bar, me encarando com a boca escancarada, e em seguida para a geladeira onde Grant estava em pé, sorridente.

– Você sai desse quarto vestida assim todo dia de manhã? – perguntou Grant.

Eu não imaginava que fosse encontrar alguém ali.

– Não. Geralmente estou com a roupa do trabalho – respondi enquanto o menino no bar dava um assobio. Ele não devia ter mais do que 16 anos.

– Pode ignorar esse idiota cheio de hormônios. O nome dele é Will. A mãe dele é irmã de Georgianna. Portanto, de um jeito bem indireto, ele é o meu primo mais novo. Apareceu aqui ontem à noite depois de fugir de casa pela centésima vez. Rush me ligou para vir buscá-lo e levá-lo de volta para aquela sua casa de doidos.

Rush. Por que ouvir o nome dele fazia o meu coração disparar? Porque ele era perfeito; tanto que chegava a ser injusto. Só por isso. Balancei a cabeça para espantá-lo dos meus pensamentos.

– Prazer, Will. Eu sou a Blaire. Rush teve pena e me acolheu até eu conseguir arrumar um lugar para morar.

– Ué, pode vir para casa comigo. Não vou obrigar você a dormir debaixo da escada – ofereceu Will.

Não pude reprimir um sorriso. Esse tipo de azaração inocente eu entendia.

– Obrigada, mas não acho que a sua mãe vá gostar muito disso. Estou bem debaixo da escada. A cama é confortável e não preciso dormir armada.

Grant deu uma risadinha e Will arregalou os olhos.

– Você anda armada? – perguntou ele, assombrado.

– Pronto, agora você conseguiu. É melhor eu tirar esse menino daqui antes que ele se apaixone mais ainda – falou Grant, pegando a xícara que acabara de encher de café. Seguiu falando enquanto se encaminhava para a porta. – Vamos lá, Will, antes que eu vá acordar Rush e você tenha que lidar com aquele coisa ruim.

Will olhou para ele e logo em seguida para mim, como se encarasse um dilema. Foi uma graça.

– Agora, Will – disse Grant em um tom mais autoritário.

– Ei, Grant? – chamei antes de ele chegar à porta.

Ele se virou de novo e olhou para mim.

– Fala.

– Obrigada pela gasolina. Vou te pagar assim que receber o meu salário.

Ele fez que não com a cabeça.

– Não vai pagar, não. Eu ficaria ofendido. Mas de nada. – Ele deu uma piscadela, depois olhou para Will com um ar severo antes de sair da cozinha.

Acenei para me despedir de Will. Depois pensaria em um jeito de pagar Grant sem ofendê-lo. Devia haver um jeito. Por enquanto, os meus planos eram outros. Fui até as portas que davam para fora. Estava na hora de aproveitar o meu primeiro dia de verdade na praia.

Estiquei-me sobre a toalha que pegara emprestada no banheiro. Teria que lavá-la à noite. Era a única que eu tinha para me secar e agora iria ficar cheia de areia. Mas valeria muito a pena.

A praia estava tranquila. As outras casas ficavam afastadas, de modo que aquele trecho era bem vazio. Sentindo-me corajosa, tirei a camiseta e a embolei debaixo da cabeça. Então fechei os olhos e deixei o barulho das ondas me ninar até adormecer.

– Por favor, me diga que passou protetor.

A voz grave se derramou sobre mim e inclinei o corpo em sua direção. Seu cheiro másculo era uma delícia. Precisava chegar mais perto.

Quando abri os olhos, pisquei por causa da luz forte do sol e vi Rush sentado ao meu lado. Ele estava me observando. Qualquer calor ou bom humor que eu pudesse ter imaginado na sua voz havia desaparecido.

– Está usando protetor, não está?

Respondi que sim e me levantei até ficar sentada.

– Ótimo. Detestaria ver essa pele lisinha e branca ficar vermelha.

Ele achava a minha pele lisinha e branca. Soava como um elogio, mas não tive certeza se era adequado agradecer.

– Eu, hã, passei antes de sair.

Ele continuou a me encarar. Lutei contra o impulso de pegar a camiseta e vesti-la por cima do biquíni. Eu não tinha o mesmo corpo das meninas com quem o vira. Não gostava de sentir que ele estava me comparando.

– Não vai trabalhar hoje? – perguntou ele, por fim.

Fiz que não com a cabeça.

– Estou de folga.

– Como vai o emprego?

Até que ele estava sendo educado. Pelo menos não estava me evitando. Por mais bobo que parecesse, eu queria a sua atenção. Sentia uma atração por ele que não conseguia explicar. Quanto mais ele mantinha distância, mais eu queria me aproximar. Ele inclinou a cabeça e levantou uma das sobrancelhas, como se estivesse esperando que eu dissesse alguma coisa.

Ah, sim. Ele me fizera uma pergunta. Culpa daqueles seus olhos prateados: era difícil me concentrar.

– Desculpe, o quê? – perguntei, sentindo o meu rosto ficar quente.

Ele deu uma risadinha.

– Como vai o emprego? – perguntou devagar.

Eu precisava parar de parecer uma idiota sempre que estava perto dele.

– Bem. Estou gostando.

Rush sorriu e olhou na direção do mar.

– Aposto que está.

Passei alguns segundos refletindo sobre esse comentário.

– Como assim? – perguntei.

Rush deixou os olhos passearem pelo meu corpo, depois tornou a me encarar. Eu estava arrependida de não ter posto a camiseta de novo.

– Você sabe que é bonita, Blaire. Sem falar nesse seu sorriso encantador. Os golfistas lá do clube estão lhe pagando uma nota.

Ele estava certo em relação às gorjetas. Também estava me deixando sem ar ao olhar para mim daquele jeito. Queria que ele gostasse do que via, mas ao mesmo tempo me sentia apavorada com o que poderia acontecer. E se ele mudasse de ideia quanto a manter distância? Será que eu estaria à altura?

Passamos algum tempo sentados em silêncio; ele manteve os olhos fixos à frente. Pude ver que estava pensando em alguma coisa. Tinha o maxilar contraído e uma expressão sombria. Repassei tudo o que tinha dito, mas não consegui pensar em nada que pudesse tê-lo deixado chateado.

– Quanto tempo faz que a sua mãe morreu? – perguntou ele, tornando a olhar para mim.

Eu não queria falar sobre a minha mãe, não com ele. Mas ignorar a pergunta

seria uma grosseria.

– Trinta e seis dias.

Ele trincou o maxilar como se estivesse com raiva de alguma coisa e o seu semblante ficou mais carregado.

– Seu pai sabia que ela estava doente?

Mais uma pergunta que eu não queria responder.

– Sabia, sim. Também liguei para ele no dia em que ela morreu. Ele não atendeu. Deixei recado.

O fato de ele nunca ter retornado a ligação era doloroso demais para admitir.

– Você odeia o seu pai? – Rush quis saber.

Queria odiar. Desde o dia em que a minha irmã tinha morrido, ele só me causara dor. Mas era difícil. Ele era o único parente que eu tinha.

– Às vezes – respondi, sincera.

Rush assentiu, estendeu a mão e enganchou o dedo mindinho no meu. Não falou nada, mas nessa hora nem precisava. Aquela única pequena conexão dizia tudo. Eu podia não conhecer Rush muito bem, mas estava me afeiçoando a ele.

– Vou dar uma festa hoje à noite. É aniversário da minha irmã Nan. Sempre dou uma festa para ela. Pode não ser a sua praia, mas está convidada, se quiser.

Irmã? Ele tinha uma irmã? Pensei que fosse filho único. Nan não era a menina que tinha sido grossa na noite da minha chegada?

– Você tem irmã?

Rush deu de ombros.

– Tenho.

Por que Grant tinha dito que ele era filho único? Esperei a explicação, mas ele não deu mais detalhes. Então decidi perguntar.

– Grant falou que você era filho único.

Senti o corpo de Rush ficar tenso. Ele balançou a cabeça enquanto desenganchava o mindinho do meu e se virava para o mar.

– O Grant não devia ficar contando as minhas coisas. Por mais que ele queira levar você para a cama.

Ele se levantou e não tornou a olhar para mim enquanto se virava e tomava novamente o rumo da casa.

Havia algo de proibido em relação a Nan. Eu não fazia a menor ideia do que

fosse, mas com certeza era proibido. Eu não deveria ter sido tão intrometida. Levantei-me e fui até o mar. Estava calor e eu precisava de algo que me distraísse. Sempre que baixava um pouquinho a guarda em relação a Rush, ele me lembrava por que era melhor mantê-la bem firme no lugar. Que cara estranho. Gostoso, lindo e delicioso, mas estranho.

Sentada na cama, fiquei ouvindo os risos e a música que tomaram conta da casa. Passara o dia inteiro mudando de ideia quanto a ir àquela festa. Da última vez em que tinha decidido ir, pusera o único vestido bonito que ainda possuía. Era vermelho, justo no peito e nos quadris, com uma saia curta e reta que chegava à metade das coxas. Eu o havia comprado quando Cain me convidara para o baile de formatura do colégio. Aí ele fora indicado para rei do baile e Grace Ann Henry tinha sido indicada para rainha. Ela quisera ir à festa com ele e ele me telefonara para perguntar se estava tudo bem ir com ela em vez de ir comigo. Todo mundo dizia que eles iriam ganhar e achava legal os dois irem juntos. Então eu concordei e pendurei o vestido de volta no armário. Naquela noite, mamãe e eu assistimos a comédias românticas e nos entupimos de brownie. Pelo que eu me lembrava, aquela fora uma das últimas vezes em que ela pôde comer bobagens sem passar mal por causa da quimio.

Nesta noite, eu tinha tirado o vestido da mala. Pelos padrões daquelas pessoas, não era um vestido caro. Na verdade, era bem simples. O tecido vermelho era um chiffon macio. Baixei os olhos para os sapatos prateados de salto da minha mãe que eu havia guardado. Ela os calçara no dia do seu casamento. Eu sempre amara aqueles sapatos. Ela nunca mais tornara a usá-los, mas os guardava dentro de uma caixa muito bem embrulhados.

Eu corria um risco enorme de ir à tal festa e ser humilhada. Não me encaixava no meio daquela gente. Tampouco me encaixara no ensino médio. Minha vida era apenas um eterno constrangimento. Eu precisava aprender a me encaixar, a me afastar da garota desengonçada que era excluída no ensino médio porque tinha problemas mais graves.

Levantei-me e alisei o vestido para remover qualquer amassado produzido pelo tempo que passara sentada ali pensando se iria ou não à festa. Decidi sair do quarto. Quem sabe pegar uma bebida e ver se alguém falava comigo. Se fosse um desastre completo, eu sempre poderia voltar correndo ali para dentro, vestir o

meu pijama e me encolher na cama. Aquele seria um passo pequeno, mas muito bom para mim.

Abri a porta da despensa e entrei na cozinha, grata por não ter ninguém ali. Sair da despensa seria um pouco difícil de explicar. Pude ouvir a voz de Grant rindo alto e conversando com alguém na sala. Ele falaria comigo, poderia até me ajudar a me enturmar naquela festa. Respirei fundo, saí da cozinha e desci o corredor até o hall. As rosas brancas e fitas prateadas espalhadas pela casa toda me fizeram pensar em um casamento, não em um aniversário. A porta da frente abriu e eu me assustei. Parei e vi olhos escuros conhecidos encararem os meus. Senti o meu rosto ficar quente enquanto Woods me dava uma longa e vagarosa olhada de avaliação.

– Blaire – disse ele quando os seus olhos finalmente voltaram ao meu rosto. – Não achei que fosse possível você ficar mais gata. Estava errado.

– Caramba, menina, é mesmo. Você fica ótima depois de um banho. – O rapaz de cabelos louros encaracolados e olhos azuis sorriu para mim. Não conseguia me lembrar do nome dele. Será que ele tinha me dito?

– Obrigada – consegui articular.

Estava sendo tímida mais uma vez. Aquela era a minha oportunidade de me enturmar. Eu precisava aproveitar a chance.

– Não sabia que Rush tinha voltado a jogar golfe. Ou você veio com outra pessoa?

Fiquei confusa e levei alguns segundos para entender o que Woods queria dizer. Quando percebi que ele achava que eu estava ali com alguém que conhecera no trabalho, sorri. Não era nem de longe o caso.

– Eu não vim com ninguém. Rush é... bom, a mãe dele é casada com o meu pai.

Pronto, estava explicado.

O lento sorriso descontraído de Woods se abriu mais um pouco enquanto ele se aproximava de mim.

– É mesmo? Ele está obrigando a irmã postiça a trabalhar no country club? Ora, ora. Esse rapaz não tem modos mesmo. Se eu tivesse uma irmã bonita como você, manteria ela trancada... o tempo todo. – Ele parou de falar e ergueu a mão para acariciar a minha bochecha com o polegar. – Eu ficaria com você, é claro. Não iria querer que se sentisse sozinha.

Não havia dúvida: ele estava me cantando. Pesado. Aquele ali estava em um nível muito acima do meu. Era experiente demais. Eu precisava de um pouco de espaço.

– Essas suas pernas deviam vir com um aviso. Impossível não tocar.

A voz dele ficou um tom mais baixa e quando olhei por cima do ombro dele vi que o lourinho não estava mais ali.

– Você... você é amigo do Rush ou da, hã, da Nannette? – perguntei, lembrando-me do nome que Grant havia usado para nos apresentar na primeira noite.

Woods deu de ombros.

– Nan e eu temos uma amizade complicada. Já Rush e eu nos conhecemos a vida inteira. – Woods levou a mão às minhas costas. – Mas posso apostar que a Nan não é sua fã.

Eu não sabia se era. Não tivemos contato nenhum desde aquela primeira noite.

– Na verdade a gente não se conhece.

Woods franziu o cenho.

– Sério? Que estranho.

– Woods! Você chegou – guinchou uma mulher ao entrar no recinto.

Ele virou a cabeça e deparou com uma ruiva de longos cabelos cacheados e um corpo cheio de curvas mal coberto por uma roupa de cetim preto. Aquela seria a sua distração. Comecei a me afastar e a voltar na direção da cozinha. Meu momento de coragem tinha passado.

Mas Woods segurou o meu quadril com força, mantendo-me firme onde eu estava.

– Laney – foi tudo o que ele disse em resposta.

Os grandes olhos castanhos da garota se desviaram dele e pousaram em mim. Observei sem poder fazer nada quando ela viu a mão dele pousada no meu quadril. Aquilo não era o que eu queria. Eu precisava me encaixar.

– Quem é essa? – disparou a menina, agora olhando para mim com raiva.

– Esta é Blaire. A nova irmã do Rush – respondeu Woods com um tom entediado.

A menina estreitou os olhos e, em seguida, riu.

– Não é, nada. Ela está usando um vestido vagabundo e sapatos mais

vagabundos ainda. Não sei quem essa menina é, mas ela está mentindo para você. Mas, enfim, você sempre foi fraco diante de um rostinho bonito, não é, Woods?

Eu realmente deveria ter ficado no quarto.

Capítulo 7

– Por que você não volta para a festa e encontra algum homem idiota em quem afiar as suas garras, Laney?

Ainda segurando firme o meu quadril e me obrigando a ir com ele, Woods andou em direção à porta, onde a maior parte da festa estava acontecendo.

– Acho que eu deveria voltar para o meu quarto. Não deveria ter vindo aqui hoje – falei, tentando impedir a nossa entrada na festa. Eu não precisava entrar lá com Woods. Algo me dizia que isso era má ideia.

– Por que não me mostra onde fica o seu quarto? Eu também gostaria de fugir.

Fiz que não com a cabeça.

– Não cabemos os dois lá dentro.

Woods riu e abaixou a cabeça para dizer alguma coisa no meu ouvido. Nesse instante, os meus olhos cruzaram com os olhos prateados de Rush. Ele me observava com atenção. Não parecia contente. Será que o seu convite para essa noite tinha sido por cortesia? Será que eu entendera errado?

– Preciso ir embora. Não acho que Rush me queira aqui.

Eu me virei, ergui os olhos para Woods e me afastei do seu abraço.

– Que bobagem. Tenho certeza de que ele está ocupado demais para se preocupar com o que você está fazendo. Além disso, por que não iria querer que você fosse à festa da sua outra irmã?

Outra vez aquela história de irmã. Por que Grant me dissera que Rush era filho único? Era óbvio que Nan era irmã dele.

– Eu, hã... Na verdade, ele não me assume como membro da família. Eu sou só uma parente indesejada do marido novo da mãe dele. Eu só estou aqui por mais uns quinze dias, até conseguir algum lugar para morar. Não sou uma hóspede querida nesta casa.

Forcei um sorriso na esperança de que Woods entendesse a situação e me deixasse ir embora.

– Nada em você é indesejado. Nem mesmo Rush é tão cego assim – disse ele, aproximando-se de mim outra vez enquanto eu recuava.

– Blaire, venha cá. – A voz autoritária de Rush veio de detrás de mim enquanto a sua mão grande segurava o meu braço e me puxava para perto de si. – Não imaginava que você fosse vir hoje. – O tom de alerta na sua voz me informou que eu havia entendido mal o seu convite. Ele não falara sério.

– Desculpe. Pensei que você tivesse dito que eu podia vir – sussurrei, constrangida, pensando que Woods estava ouvindo aquela conversa.

E que outras pessoas também a estavam assistindo. Na única vez em que eu decido ser corajosa e sair da minha concha, vejam o que acontece.

– Eu não imaginava que você fosse aparecer vestida assim – retrucou ele com uma calma inabalável.

Ainda estava olhando para Woods. O que havia de tão errado com a minha roupa? Minha mãe tinha se sacrificado para eu poder ter aquele vestido e eu nunca chegara a usá-lo. Na época, 60 dólares era muito dinheiro para nós. Eu estava de saco cheio daquele bando de meninas e meninos mimados e idiotas que agiam como se eu estivesse vestida com algo repugnante. Eu adorava aquele vestido. Adorava aqueles sapatos. Meus pais um dia tinham sido felizes e apaixonados. Os sapatos faziam parte disso. Eles que fossem todos para o inferno.

Eu me esquivei de Rush com um tranco e voltei para a cozinha. Se ele não me queria ali e tinha vergonha do que os seus amigos pensariam, deveria ter dito. Em vez disso, me fez passar por boba.

– Porra, cara, qual é o seu problema? – perguntou Woods, zangado.

Não olhei para trás. Torci para eles começarem uma briga. Torci para Woods quebrar aquele nariz perfeitinho do Rush. Mas duvidava que isso fosse acontecer porque, embora Rush fosse um deles, parecia um pouco mais rude.

– Espera, Blaire – chamou Grant e, apesar de eu querer ignorá-lo, ele era a coisa mais próxima de um amigo que eu tinha naquele lugar. Diminuí o passo quando cheguei ao corredor, longe de todos os olhos curiosos, e deixei Grant me alcançar. – O que aconteceu ali não foi o que você pensou – disse ele, chegando por trás de mim.

Tive vontade de rir. Ele era cego mesmo no que dizia respeito ao irmão.

– Não tem importância. Eu não deveria ter aparecido. Deveria ter entendido que o convite dele não fora sincero. Queria que ele simplesmente tivesse me dito para ficar no quarto, como queria que eu ficasse. Não entendo esses joguinhos de palavras – rebati e atravessei a cozinha a passos largos em direção à despensa.

– Ele tem problemas. Isso eu admito, mas do jeito torto dele o Rush estava protegendo você – disse Grant quando a minha mão tocou a fria maçaneta de latão da porta da despensa.

– Continue acreditando no melhor dele, Grant. É isso que os bons irmãos fazem – respondi, abrindo a porta com um tranco e fechando-a atrás de mim.

Depois de respirar fundo algumas vezes para aliviar a dor no peito, entrei no meu quarto e desabei na cama.

Festas não eram a minha praia. Aquela era a segunda à qual eu ia e a primeira não tinha sido muito melhor. Na verdade, foi muito pior. Eu fora fazer uma surpresa para Cain e acabara tendo eu própria uma surpresa. Encontrei-o no quarto de Jamie Kirkman chupando o peito dela. Eles não estavam transando, mas estavam quase lá. Fechei a porta sem fazer barulho e saí pelos fundos. Algumas pessoas me viram e souberam o que eu tinha flagrado. Uma hora mais tarde, Cain apareceu na minha casa chorando e implorando perdão de joelhos.

Eu o amava desde os 13 anos e foi nele que dei o meu primeiro beijo. Era incapaz de odiá-lo. Simplesmente o deixei ir. Esse foi o fim do nosso relacionamento. Aliviei a sua consciência e continuamos amigos. Algumas vezes ele tinha perdido a linha e me dito que me amava e queria voltar comigo, mas na maior parte do tempo tinha uma garota diferente no banco de trás do Mustang a cada fim de semana. Eu era apenas uma lembrança da infância.

Nessa noite, ninguém tinha me traído. Eu simplesmente fora humilhada. Estendi a mão para tirar os sapatos da minha mãe e guardá-los direitinho na caixa em que eles sempre estiveram. Em seguida, coloquei a caixa dentro da minha mala. Não deveria ter usado aqueles sapatos. A próxima vez em que os calçasse seria especial. Seria para alguém especial.

O mesmo valia para aquele vestido. Quando eu tornasse a usá-lo, seria para alguém que me amasse e me achasse linda. O preço na etiqueta não teria importância. Levei a mão às costas para abri-lo quando a porta se abriu e o pequeno vão foi preenchido pela forma de Rush. Estava muito zangado.

Ele não disse nada e deixei as minhas mãos caírem junto ao corpo. Não iria tirar o vestido ainda. Ele entrou e fechou a porta. Mal cabia naquele quartinho. Tive que recuar e sentar na cama para ele poder ficar ali sem nos tocarmos.

– De onde você conhece Woods? – perguntou com um rosnado.

Sem entender, ergui os olhos para ele e me perguntei por que o fato de eu conhecer Woods o incomodava tanto. Eles não eram amigos? Seria por isso? Ele não me queria perto dos seus amigos?

– O pai dele é dono do country club. Ele joga golfe. Eu sirvo bebidas para ele.

– Por que você pôs essa roupa? – perguntou ele com uma voz fria e dura.

Isso foi a gota d'água. Tornei a me levantar e fiquei na ponta dos pés para falar bem na cara dele.

– Porque a minha mãe comprou para eu usar. Eu levei um bolo e acabei não usando. Hoje à noite você me convidou e eu queria me encaixar, então pus a melhor roupa que tinha. Sinto muito se não é boa o suficiente. Mas sabe de uma coisa? Estou cagando para o que você pensa. Você e os seus amigos mimados e arrogantes precisam descer do salto.

Cutuquei o peito dele com o dedo e o encarei, irada, desafiando-o a dizer qualquer outra coisa sobre o meu vestido.

Rush abriu a boca, em seguida fechou os olhos com força e balançou a cabeça.

– Puta que pariu – rosnou.

Então seus olhos se abriram depressa e, antes que eu percebesse, suas mãos estavam nos meus cabelos e a sua boca sobre a minha. Eu não soube como reagir. Sua boca era macia, mas firme, e ele lambeu e mordiscou o meu lábio inferior. Então abocanhou o meu lábio superior e chupou bem de leve.

– Queria provar esse lábio delicioso e carnudo desde que você apareceu na minha sala – murmurou antes de enfiar a língua na minha boca enquanto eu arquejava ao ouvir as suas palavras.

A boca de Rush tinha gosto de hortelã. Meus joelhos enfraqueceram e eu estendi a mão para segurar os seus ombros e me equilibrar. Sua língua então acariciou a minha como se me pedisse para entrar na brincadeira. Fiz um pequeno movimento com a língua dentro da boca dele, depois mordi de leve o seu lábio inferior. Um fraco grunhido escapou da sua garganta e, quando percebi, ele já estava me deitando sobre a pequena cama atrás de mim.

O corpo de Rush caiu por cima do meu e algo duro, que eu sabia ser uma ereção, pressionou o espaço entre as minhas pernas. Meus olhos se reviraram nas órbitas e ouvi um gemido incontrolável escapar da minha boca.

– Delícia – murmurou Rush junto à minha boca antes de se afastar e dar um pulo para longe de mim.

Ele cravou os olhos no meu vestido. Percebi que a roupa estava agora embolada em volta da minha cintura, e que a calcinha estava aparecendo.

– Puta que pariu – xingou ele antes de dar um tapa com força na parede, abrir a porta com violência e sair do quarto como se estivesse sendo perseguido.

A parede chegou a tremer, tamanha a força com que ele bateu a porta. Não me mexi. Não conseguia me mexer. Meu coração estava disparado, e eu sentia uma aflição entre as pernas. Já tinha ficado excitada vendo sexo na TV antes, mas nunca com aquela intensidade. Estava *quase gozando*. Ele não queria gostar do que fizera, mas tinha gostado. Eu sentira isso, mas também o vira transando com outra menina. Além do mais, sabia que na noite passada ele havia transado com outra garota e depois a mandara embora. Deixar Rush de pau duro não era um grande feito. Na verdade, eu não tinha conquistado nada. Ele só estava bravo porque fui eu quem o deixara excitado.

Aquilo doía. Saber que eu o desagradava tanto que ele não queria pensar que eu era bonita. O latejar entre as minhas pernas foi diminuindo aos poucos conforme a realidade se firmava. Rush não queria me tocar. Ficara furioso por ter feito isso. Mesmo excitado, tinha conseguido se afastar de mim. Eu tinha a sensação de pertencer a uma minoria. A maioria das meninas que o queria conseguia. Mas comigo ele não era capaz de se forçar a *transar*. Eu era a pobretona que ele precisava aguentar até conseguir dinheiro suficiente para se mudar dali.

Rolei para o lado e me encolhi em posição fetal. Talvez nunca mais voltasse a usar aquele vestido. Ele agora carregava ainda mais lembranças tristes. Estava na hora de guardá-lo para sempre. Mas esta noite eu dormiria com ele. Aquele seria o meu adeus a um sonho. O sonho de que eu era boa o suficiente para algum homem me querer.

Capítulo 8

No dia seguinte, quando acordei, a casa estava novamente de pernas para o ar. Dessa vez deixei a bagunça e saí depressa para o trabalho. Não queria chegar atrasada. Precisava do emprego mais do que de qualquer outra coisa. Meu pai ainda não havia ligado para saber onde eu estava e eu tinha quase certeza de que Rush não comentara nada a meu respeito nem com a sua mãe nem com o meu pai. E eu não queria lhe perguntar para não canalizar para mim a raiva que ele tinha do meu pai.

Já havia uma boa chance de Rush me pedir para ir embora quando eu voltasse para a sua casa no final do dia. Ele não parecia muito satisfeito comigo ao sair do meu quarto na noite anterior. E eu tinha retribuído o seu beijo e chupado o seu lábio... Ai, meu Deus, onde eu estava com a cabeça? Não estava raciocinando. Esse era o problema. Rush tinha um cheiro e um gosto deliciosos demais. Eu não consegui me controlar. E agora era provável que eu fosse encontrar as minhas malas na varanda quando chegasse em casa. Pelo menos eu tinha dinheiro para ficar em um hotel de beira de estrada.

Usando o short e a camisa polo do uniforme, subi os degraus da sede administrativa até a porta da frente. Tinha que bater o meu ponto e pegar uma chave do carrinho de bebidas.

Darla já estava lá dentro. Eu começava a pensar que ela morava ali. Estava sempre lá quando eu saía e quando chegava de manhã. Mas a mulher parecia um pequeno tufão e dava medo. Quando gritava uma ordem para alguém, a pessoa quase batia continência. Nesse dia, Darla tinha o cenho franzido para uma menina que eu nunca tinha visto. Com o dedo apontado, praticamente gritava.

– Você não pode sair com os sócios. Essa é a regra número um. Você assinou os documentos, Bethann; sabia quais eram as regras. O Sr. Woods veio aqui hoje de manhã cedo me dizer que o pai dele não estava nada contente com o ocorrido. Eu só tenho três garotas para servir as bebidas. Se não puder confiar que você

não vai dormir com os sócios, vou ter que mandá-la embora. Este é o seu último aviso. Entendeu?

A menina concordou.

– Entendi, tia Darla. Sinto muito – balbuciou ela.

Os longos cabelos pretos estavam presos em um rabo de cavalo e sua polo azul-bebê exibia seios bem generosos. Havia também as pernas compridas e bronzeadas e um bumbum bem redondinho. E ela era sobrinha de Darla. Que interessante.

O olhar irado de Darla se moveu em direção ao meu e ela deixou escapar um suspiro de alívio.

– Ah, Blaire, que bom que você chegou. Quem sabe consegue dar um jeito nessa minha sobrinha? Ela está de sobreaviso porque não consegue parar de transar com os sócios durante o expediente. Nós não somos um bordel, somos um country club. Ela vai trabalhar com você na próxima semana; fique de olho nela. Espero que aprenda alguma coisa com você. O Sr. Woods é só elogios quando cita o seu nome. Está muito satisfeito com o seu trabalho e me pediu para deixar você trabalhar no salão de jantar pelo menos dois dias por semana. No momento estou procurando outra menina para pilotar o carrinho de bebidas, então não posso me dar ao luxo de demitir Bethann. – Ela pronunciou o nome da sobrinha com um rosnado e tornou a encará-la com fúria.

A moça baixou a cabeça, envergonhada. Senti pena dela. Deixar Darla zangada me apavorava. Eu não podia imaginar alguém gritando comigo daquele jeito.

– Sim, senhora – respondi enquanto ela me estendia as chaves do carrinho. Peguei-as e esperei Bethann vir comigo.

– Vá com ela agora, menina. Não fique aí de cara amarrada. Eu deveria ligar para o seu pai e dizer a ele o que você anda fazendo, mas não tenho coragem de partir o coração do meu irmão. Então vá lá e aprenda alguns valores morais.

Darla apontou para a porta e eu não esperei mais. Saí apressada e desci os degraus. Iria pegar o carrinho de bebidas e esperar Bethann lá.

– Ei, espere aí – disse a menina atrás de mim. Parei e olhei para ela, que corria para me alcançar. – Desculpe, aquilo lá foi meio brutal. Preferiria que você não tivesse visto nem escutado.

Ela era... simpática.

– Tudo bem.

– A propósito, as pessoas me chamam de Bethy, não de Bethann. Só o meu pai me chama assim, então a minha tia Darla faz igual. E você é a famosa Blaire Wynn de quem tanto ouvi falar. – O tom sorridente da sua voz me fez entender que ela não estava sendo irônica.

– Sinto muito se a sua tia me enfiou pela sua goela abaixo.

Olhei rapidamente para ela. Os seus lábios muito vermelhos e carnudos se curvaram em um sorriso.

– Ah, eu não estava me referindo à minha tia. Estava me referindo aos rapazes. Woods, principalmente, gosta muito de você. Soube que você causou uma pequena confusão ontem à noite na festa daquela vaca da Nan. Queria ter presenciado, mas os empregados não são convidados para esse tipo de evento.

Não havia muita coisa para contar. Dei de ombros e, depois de abastecer o carrinho, dei a volta até o lado do motorista.

– Eu fui a essa festa porque estou dormindo debaixo da escada na casa do Rush até conseguir dinheiro suficiente para me mudar, coisa que deve acontecer muito em breve. Foi um erro. Ele não gostou de eu aparecer. Foi mais ou menos isso.

Bethy se deixou cair no banco ao meu lado e cruzou as pernas.

– Não foi nada disso que eu escutei. Jace falou que o Rush viu Woods com a mão em você e ficou louco.

– Jace entendeu errado. Acredite em mim. Rush está pouco ligando para quem põe a mão em mim.

Bethy suspirou.

– Ser pobre é uma merda, né? Os caras gatos nunca nos olham a sério. Nós somos só mais uma trepada.

Seria mesmo assim para ela? Será que ela tinha cedido e se transformado na menina que eles descartavam? Era bonita demais para isso. Na minha cidade, os caras babariam por ela. Eles podiam até não ter milhões de dólares no banco, mas eram caras legais de famílias bacanas.

– Será que não tem nenhum cara gato por aqui que não seja podre de rico? Não é possível que os frequentadores deste clube sejam a única alternativa. Com certeza dá para achar um cara que não vai jogá-la para escanteio no dia seguinte.

Bethy franziu o cenho e deu de ombros.

– Sei lá. Eu sempre quis fisgar um milionário, sabe? Levar uma vida de luxo. Mas estou começando a entender que esse não é o meu destino.

Fui em direção ao primeiro buraco.

– Bethy, você é linda. Merece mais do que está recebendo. Comece a procurar homens em outro lugar. Encontre um que não a queira só para transar. Encontre um que a queira e pronto. Só você.

– Caramba, é capaz de eu ter me apaixonado por você também – retrucou ela, provocadora, e deu uma risada.

Levantou os pés até o console enquanto eu me aproximava dos primeiros jogadores da manhã.

Não vi rapazes jovens em lugar nenhum. Eles em geral não eram madrugadores. Durante algum tempo, eu não precisaria me preocupar em impedir Bethy de fazer sacanagem atrás dos arbustos, ou onde quer que ela estivesse fazendo isso durante o expediente.

Quatro horas mais tarde, quando chegamos ao terceiro buraco pela terceira vez, reconheci Woods e os seus amigos. Bethy se endireitou no assento e a expressão animada no seu rosto me deixou em alerta total. Ela parecia um filhote de cachorro esperando alguém lhe atirar um osso. Se eu não gostasse tanto dela, nem me daria ao trabalho de ajudá-la a manter aquele emprego. Ser a sua babá não fazia parte das minhas atribuições.

Woods franziu o cenho ao nos ver encostar o carrinho ao seu lado.

– Por que você está passeando com a Bethy? – perguntou no mesmo instante em que paramos.

– Porque ela está ajudando a me impedir de trepar com os seus amigos e deixar você puto. Por que você contou para a tia Darla? – perguntou ela com um biquinho, cruzando os braços diante dos seios fartos.

Não tive dúvida nenhuma de que todos os caras à nossa volta tinham os olhos grudados naqueles peitões.

– Eu não pedi para ela fazer isso. Pedi para ela promover Blaire, não para colar você nela – falou ele, ríspido, e sacou o celular do bolso.

O que ele estava fazendo?

– Para quem você está ligando? – perguntou Bethy em tom de pânico, se endireitando no assento.

– Para Darla – rosnou ele.

– Não – dissemos Bethy e eu ao mesmo tempo.

– Não ligue. Está tudo bem. Eu gostei da Bethy. Ela é boa companhia – falei para ele.

Woods me observou por um instante, mas não desligou o telefone.

– Darla, aqui é Woods. Mudei de ideia. Quero a Blaire no salão quatro dias por semana. Pode usá-la no campo às sextas e sábados, porque o movimento é maior e ela é a melhor que você tem, mas durante o resto do tempo eu a quero no salão.

Sem esperar resposta, ele encerrou a ligação e devolveu o telefone ao bolso do short xadrez engomado. Em qualquer outra pessoa aquela roupa ficaria ridícula, mas um cara como Woods conseguia usá-la. Sua camisa polo branca também estava passada de forma perfeita. Não ficaria espantada se fosse novinha em folha.

– Tia Darla vai ficar brava. Ela falou para Blaire ser a minha babá pelos próximos quinze dias. Quem vai segurar as minhas rédeas agora? – perguntou Bethy com um olhar provocante na direção de Jace.

– Cara, por favor, se você gosta de mim nem que seja só um pouquinho, finja que não viu nada e me deixe levá-la até a sede só por alguns minutos. Por favor – implorou Jace a Woods, devorando com os olhos a visão de Bethy ali sentada com as pernas levemente abertas sobre o console.

O short que usávamos era curto e justo demais para deixar grande coisa à imaginação em uma posição como aquela.

– Não estou nem aí para você, porra. Pode trepar com ela, se quiser. Mas se o meu pai ficar sabendo outra vez vou ter que mandá-la embora. Ele ficou puto com as reclamações.

Eu sabia que Jace não a defenderia caso ela fosse demitida. Deixaria ela ir embora e partiria para outra. Não havia amor no seu olhar, apenas desejo.

– Bethy, não faça isso – pedi baixinho ao seu lado. – Na minha noite de folga a gente sai e vai para algum lugar com caras que valham a pena. Não perca o emprego por causa dele.

Eu falava tão baixo que só Bethy conseguia me escutar. Os outros sabiam que eu estava lhe dizendo alguma coisa, mas não sabiam o quê.

Bethy virou os olhos para mim e juntou os joelhos.

– Sério? Você sairia comigo para azarar? No meu território?

Respondi que sim e ela abriu um sorriso.

– Fechado. Vamos a um bar de música country. Espero que você *tenha as armas*.

– Eu sou do Alabama. Tenho as botas, a calça jeans justa e *até a pistola* – retruquei com uma piscadela.

Ela deu uma sonorosa risada e tirou os pés do console.

– Certo, rapazes, o que vão querer beber? A gente também precisa passar para o próximo buraco – disse ela, saltando do carrinho e indo até a traseira do veículo.

Fui atrás e, juntas, servimos as bebidas e recolhemos o dinheiro.

Jace tentou agarrar a bunda de Bethy algumas vezes e cochichar no seu ouvido. Por fim, ela se virou e sorriu para ele.

– Cansei de ser o seu brinquedinho. Neste fim de semana vou sair com a minha amiga aqui e nós vamos arrumar uns homens de verdade. Do tipo que não tem fundo de investimento, mas calos nas mãos de tanto trabalhar. Tenho a sensação de que eles sabem como fazer uma garota se sentir realmente especial.

Tive que engolir a risada ao ver a expressão chocada de Jace. Liguei o carrinho enquanto Bethy tornava a subir ao meu lado.

– Caraca, como foi bom fazer isso. Por onde você andou durante toda a minha vida? – perguntou ela, batendo palma enquanto eu me afastava, sorrindo e acenando para Woods a caminho do buraco seguinte.

Percorremos o resto do campo, depois paramos para reabastecer. Não houve novos incidentes. Eu sabia que tornaríamos a ver Woods e os seus amigos, mas tinha fé de que Bethy aguentaria firme. Ela havia falado animadamente sobre todos os assuntos, da tinta que usava nos cabelos até os últimos sustos envolvendo gravidez ocorridos na cidade.

Eu não estava prestando atenção nos sócios junto ao primeiro buraco. Estava dirigindo e tentando me concentrar na falação sem fim de Bethy. O "ai, merda" que falou baixinho chamou a minha atenção.

Olhei para ela, em seguida acompanhei a direção do seu olhar até o casal junto ao primeiro buraco. Reconheci Rush na hora. O short amarelo e a polo azul-bebê justa que ele usava pareciam fora de lugar no seu corpo; não combinavam com as tatuagens que cobriam as suas costas. Ele era filho de roqueiro e irradiava essa

aura mesmo com aquelas roupas de mauricinho golfista. Ele virou a cabeça e os nossos olhares se cruzaram. Ele não sorriu. Simplesmente olhou para o outro lado como se não me conhecesse. Nenhum reconhecimento. Nada.

– Alerta de vaca – sussurrou Bethy.

Tirei os olhos dele para olhar a garota que o acompanhava. Era Nannette, ou Nan, como ele a chamava. Sua irmã, aquela de quem ele não gostava de falar. Sua saia branca minúscula a fazia parecer a caminho de uma partida de tênis. Ela também usava uma polo azul e os seus cachos louros arruivados estavam encimados por uma viseira branca.

– Você não gosta da Nannette? – perguntei, já sabendo a resposta por causa do seu comentário.

Bethy deu uma risada curta.

– Não. E nem você. Você é a principal inimiga dela.

Como assim? Não pude perguntar, porque havíamos acabado de parar a menos de dois metros do *tee* e do casal de irmãos.

Não tentei olhar para Rush de novo. Ele não parecia disposto a jogar conversa fora.

– Está de sacanagem. Woods a contratou? – sibilou Nan.

– Não comece... – disse Rush em tom de alerta.

Não tive certeza se ele estava me protegendo ou só tentando impedir uma cena. De todo modo, aquilo me irritou.

– Posso oferecer uma bebida a vocês? – indaguei com o mesmo sorriso que dedicava a qualquer outro sócio.

– Pelo menos ela sabe o seu lugar – disse Nan em tom falsamente jocoso.

– Vou querer uma Corona. Com limão, por favor – disse Rush.

Arrisquei um olhar na sua direção e os nossos olhos se cruzaram por um breve instante antes de ele se virar para Nan.

– Beba alguma coisa. Está calor – disse ele.

Ela me sorriu com ironia e levou uma das mãos de unhas feitas ao quadril.

– Uma água com gás. Mas enxugue a garrafa, porque eu odeio como fica toda molhada quando sai do cooler.

Bethy pôs a mão dentro do cooler e pegou a água. Acho que ela teve medo de eu arremessá-la na cabeça de Nan.

– Não tenho visto você por aqui, Nan – disse Bethy enquanto enxugava a garrafa com a toalha que carregávamos justamente para isso.

– Deve ser porque você estava ocupada demais nos arbustos abrindo as pernas para Deus sabe quem em vez de trabalhar – retrucou Nan.

Cerrei os dentes e abri a tampa da Corona de Rush. Queria jogar a garrafa naquela cara arrogante de Nan.

– Chega, Nan – disse Rush em tom de leve reprimenda.

Ela era o que, filha dele por acaso? Ele agia como se ela tivesse 5 anos, mas ela já era mulher feita.

Entreguei a cerveja para Rush, tomando cuidado para não olhar para Nan. Tinha medo de ter um momento de fraqueza. Em vez disso, meu olhar encontrou o dele quando ele pegou a garrafa.

– Obrigado – agradeceu Rush enquanto enfiava uma nota no meu bolso. Não tive tempo de reagir, e ele se afastou conduzindo Nan pelo cotovelo. – Venha, me mostre como você me deixa no chinelo aqui no campo – falou em tom de provocação.

Nan cutucou o braço dele com o ombro.

– Você vai levar uma surra.

O carinho genuíno em sua voz ao falar com ele me espantou. Era estranho ouvir algo gentil vindo de alguém tão ruim.

– Vamos – sibilou Bethy, agarrando o meu braço. Percebi que estava ali parada olhando para os dois.

Assenti e comecei a me virar quando Rush olhou para mim por cima do ombro. Um sorrisinho surgiu nos seus lábios e ele logo se dirigiu a Nan outra vez para lhe dizer que taco usar. Nosso momento havia passado. Se é que fora mesmo um momento nosso.

Quando estávamos fora do alcance dos seus ouvidos, olhei para Bethy.

– Por que você disse aquilo sobre eu ser a principal inimiga dela?

Bethy se remexeu no assento.

– Para ser bem sincera, não sei exatamente. Mas Nan é muito possessiva em relação ao Rush. Todo mundo sabe disso...

Ela interrompeu a frase no meio e não conseguiu me encarar. Parecia saber de alguma coisa, mas o quê? O que eu estava deixando passar?

Capítulo 9

Havia alguns carros parados em frente à casa de Rush quando cheguei do trabalho. Pelo menos eu não iria surpreendê-lo transando. Agora que sabia como os seus beijos eram bons e como era gostoso sentir as suas mãos em mim, não tinha certeza se conseguiria aguentar vê-lo fazer isso com outra pessoa. Era ridículo, mas era verdade.

Abri a porta da frente e entrei. Uma música sexy tocava bem alto no sistema de som com caixas em todos os quartos. Bem, exceto no meu. Comecei a caminhar em direção à cozinha quando ouvi uma mulher gemendo. Meu estômago embrulhou. Tentei ignorar aquilo, mas os meus pés estavam firmemente plantados no chão de mármore. Eu não conseguia me mexer.

– Isso, gatinho, isso, Rush, assim mesmo. Mais forte. Chupa mais forte – gritava a mulher.

Senti ciúmes na hora e isso me deixou com raiva. Eu não deveria ligar. Ele tinha me beijado uma vez e ficado com tanto nojo que saíra correndo.

Eu avançava em direção ao som mesmo sabendo que aquilo era algo que eu não queria ver. Era como um acidente de trem. Mesmo que não quisesse aquela imagem gravada no meu cérebro, não conseguia deixar de testemunhar.

– Hummm, isso, toque em mim, por favor – implorava a mulher.

Tentei recuar, mas continuei andando naquela direção. Ao entrar na sala, encontrei-os no sofá. Ela estava sem blusa e com um dos mamilos na boca dele, que movia a mão entre as suas pernas. Eu não conseguia ver aquilo. Precisava sair dali. Imediatamente.

Girei nos calcanhares e saí correndo pela porta da frente, sem me importar se estava sendo discreta ou não. Subiria na picape e sairia dali antes de qualquer um dos dois conseguir se acalmar o suficiente para perceber que foram vistos. Ele estava transando bem ali no sofá para qualquer um entrar e ver. Sabia que eu chegaria em casa a qualquer momento. A verdade era que ele queria que eu os

visse. Estava me lembrando de que aquilo era algo que eu jamais iria experimentar. E, nesse momento, eu nem queria mesmo.

Fui até a cidade com raiva de mim mesma por desperdiçar gasolina. Precisava economizar. Procurei um telefone público, mas não encontrei nenhum. Telefones públicos eram coisa do passado. Quem não tinha celular se dava mal. De toda forma, eu não sabia muito bem para quem poderia ligar. Poderia ligar para Cain; não falava com ele desde que fora embora, na semana anterior. Em geral nos falávamos pelo menos uma vez por semana. Mas sem um telefone público isso não era possível.

Eu tinha o telefone de Grant guardado na mala. Mas, pensando bem, por que ligaria para ele? Seria estranho. Na verdade eu não tinha nada a lhe dizer. Entrei no estacionamento do único café da cidade e parei a picape. Podia ir tomar um café e passar algumas horas folheando revistas. Quem sabe a essa altura Rush já teria encerrado a festinha na sala.

Se ele estivesse tentando me mandar um recado, eu o recebera em alto e bom som. Não que precisasse de um: já havia me resignado ao fato de que caras endinheirados não eram para mim. Gostava da ideia de arrumar um cara do bem, com emprego fixo, que soubesse dar valor ao meu vestido vermelho e meus sapatos de salto prateados.

Saltei da picape e comecei a andar na direção do café quanto vi Bethy lá dentro com Jace. Os dois estavam no meio de uma discussão acalorada em uma mesa afastada, no canto, mas dava para vê-los através da vitrine. Pelo menos ela o tinha levado para um lugar público. Só me restava deixá-la em paz e torcer para que ela fizesse a coisa certa. Eu não era mãe daquela garota. Ela muito provavelmente era mais velha do que eu. Ou, pelo menos, parecia ser. Podia decidir sozinha com quem queria desperdiçar o seu tempo. A maresia fez cócegas no meu nariz. Atravessei a rua e, em vez de ir para o café, segui na direção da praia. Lá poderia ficar sozinha.

As ondas que batiam na praia escura me acalmaram. Comecei a caminhar e me lembrei da minha mãe. Eu me permiti até me lembrar da minha irmã, coisa que eu raramente fazia, porque a dor às vezes era demais. Mas nessa noite eu queria essa distração. Precisava me lembrar de que já tinha sofrido muito mais antes. Uma atração idiota por um cara que não fazia o meu tipo não era nada. Deixei as

recordações de dias melhores inundarem os meus pensamentos... e caminhei.

Quando tornei a encostar com a picape em frente à casa de Rush, já passava da meia-noite e não havia nenhum carro do lado de fora. Quem quer que tivesse estado lá já tinha ido embora. Fechei a porta da picape e subi os degraus da frente. A luz da entrada estava acesa, tornando a casa alta e intimidadora no céu escuro. Igualzinha a Rush.

A porta se abriu antes de eu chegar lá e Rush ocupou a soleira. Estava ali para me mandar embora. Eu já esperava mesmo por isso. Nem pestanejei. Em vez disso, olhei em volta à procura da minha mala.

– Onde você estava? – perguntou ele com voz grave, rouca.

Encarei-o de novo.

– Que importância isso tem?

Ele deu um passo para fora da porta, diminuindo o pequeno espaço que nos separava.

– Eu estava preocupado.

Ele estava preocupado? Dei um suspiro e prendi atrás da orelha os cabelos que não paravam de ser soprados para cima do meu rosto.

– Acho isso bem difícil de acreditar. Você estava ocupado demais com a sua amiga para perceber qualquer coisa.

Não consegui impedir que a amargura transparecesse na minha voz.

– Você chegou mais cedo do que eu esperava. Não era a minha intenção fazer você assistir àquilo.

Como se isso melhorasse a situação. Balancei a cabeça, inquieta:

– Eu cheguei na mesma hora em que chego todos os dias. Acho que você queria que eu o visse. Só não sei muito bem por quê. Eu não estou a fim de você, Rush. Só preciso de um lugar para ficar por mais alguns dias. Vou sair da sua casa e da sua vida muito em breve.

Ele resmungou um palavrão e olhou para o céu com raiva antes de tornar a me encarar.

– Tem coisas sobre mim que você não sabe. Eu não sou um daqueles caras que você pode tratar feito um cachorrinho. Tenho bagagem. Muita. Bagagem demais para alguém como você. Imaginava uma pessoa muito diferente, levando em conta que conheço o seu pai. Você não é como ele. Você é tudo aquilo de que um

cara como eu deve ficar longe. Eu não sou a pessoa certa para você.

Deixei escapar uma risada. Essa era a pior desculpa para o seu comportamento que eu já tinha escutado.

– Sério? Isso é o melhor que você consegue? Eu nunca lhe pedi nada além de um quarto. Não espero que você me deseje. Nunca esperei. Sei que você e eu jogamos em campos diferentes. Eu nunca posso aspirar a fazer parte da sua divisão. Não tenho a linhagem certa. Uso vestidos vermelhos vagabundos e tenho muito apego a um par de sapatos prateados de salto porque a minha mãe os usou no dia do casamento. Não preciso de coisas de marca. E *você*, Rush, é de marca.

Ele estendeu o braço para pegar a minha mão e me puxou para dentro. Sem dizer nada, empurrou-me contra a parede e me prendeu ali.

– Eu não sou de marca. Enfie isso na sua cabeça. Não posso tocar em você. Quero tanto fazer isso que está doendo, mas não posso. Não vou magoar você. Você é... perfeita, intocada. E no final nunca me perdoaria.

Meu coração batia tão forte que chegava a doer. A tristeza nos olhos dele não era algo que eu tivesse conseguido ver lá fora. Ali dentro, podia enxergar emoção naquelas profundezas cor de prata. A testa dele estava cheia de vincos, como se algo o estivesse machucando.

– E se eu quiser que você toque em mim? Talvez eu não seja tão intocada assim. Talvez já esteja maculada.

Meu corpo era praticamente intocado, mas, encarando os olhos de Rush, tudo o que eu queria era aliviar a sua dor. Não queria que ele ficasse longe de mim. Queria fazê-lo sorrir. Aquele rosto lindo não devia parecer tão atormentado.

Ele contornou a lateral do meu rosto com um dos dedos e acompanhou a curva da minha orelha, em seguida acariciou o meu queixo com o polegar.

– Eu já fiquei com muitas meninas, Blaire. Acredite, nunca conheci nenhuma tão perfeita quanto você. A inocência nos seus olhos grita para mim. Minha vontade é tirar cada centímetro das suas roupas e me enterrar dentro de você, mas não posso. Você me viu hoje mais cedo. Eu sou um filho da puta doente e pervertido. Não posso tocar em você.

Eu o vira mais cedo nessa noite. Vira-o algumas noites antes também. Ele trepava com muitas garotas, mas em mim não queria tocar. Eu era "perfeita demais". Eu estava em cima de um pedestal e ele queria me manter lá. Talvez

devesse mesmo. Eu não seria capaz de ir para a cama com ele sem lhe dar um pedacinho do meu coração. Ele já estava se insinuando lá para dentro. Se eu o deixasse ter o meu corpo, ele poderia me machucar de um jeito que ninguém jamais conseguira. Minha guarda estaria baixada.

– Tudo bem – falei. Não iria discutir. Aquela era a coisa certa a fazer. – Será que podemos pelo menos ser amigos? Não quero que você me odeie. Gostaria de ser sua amiga.

Meu discurso era patético. Eu me sentia tão sozinha que estava me rebaixando a implorar por amigos.

Ele fechou os olhos e respirou fundo.

– Ok, vou ser o seu amigo. Vou dar o melhor de mim para tentar ser o seu amigo, mas tenho que tomar cuidado. Não posso chegar perto demais. Você me faz querer coisas que eu não posso ter. É incrível a sensação desse seu corpinho delicioso imprensado no meu. – Ele baixou a voz e aproximou a boca da minha orelha. – E o seu gosto... é viciante. Tenho sonhado com isso. Tenho tido fantasias. Sei que você vai ser igualmente deliciosa em... outros lugares.

Apertei-me contra ele e fechei os olhos, sentindo que a sua respiração ficava ofegante no meu ouvido.

– Não dá. Puta que pariu. Não dá. Amigos, doce Blaire. Apenas amigos – sussurrou antes de se afastar de mim e de caminhar a passos largos em direção à escada.

Recostei-me na parede e fiquei olhando ele se afastar. Não estava pronta para me mexer ainda. Meu corpo ardia com as suas palavras e proximidade.

– Não quero você debaixo dessa porcaria dessa escada. Detesto isso. Mas não posso passá-la aqui para cima. Eu nunca conseguiria manter a distância. Preciso que você fique bem escondida – disse ele sem olhar para mim.

Suas mãos apertaram o corrimão até os nós dos dedos ficarem brancos. Ele passou mais um minuto ali parado antes de se empurrar para longe do corrimão e subir correndo o resto da escada. Quando ouvi uma porta bater, desabei no chão.

– Ai, Rush. Como é que a gente vai fazer isso? Preciso de uma distração – sussurrei para o hall de entrada vazio.

Se nós dois íamos ser amigos, eu tinha que encontrar alguma outra pessoa em

quem me concentrar. E logo. Alguém que estivesse disponível. Era a minha única chance de não chegar ao fundo do poço.

Capítulo 10

Darla não tinha ficado contente com a minha mudança para o salão de jantar. Queria que eu continuasse no campo. Também queria que eu supervisionasse Bethy. Segundo a própria, Jace e ela não estavam mais saindo. Ela o havia encontrado para um café porque ele lhe telefonara vinte vezes naquela tarde. Dissera-lhe que, se ela fosse ser o seu segredinho safado, estava tudo acabado. Ele implorou e suplicou, mas continuava se recusando a assumi-la no seu círculo de amigos, então ela lhe dera um pé na bunda. Eu estava muito orgulhosa.

O dia seguinte era a minha folga e Bethy já tinha me procurado para confirmar se o bar de country ainda estava de pé. É claro que estava. Eu precisava de um homem para tirar Rush da cabeça.

Passei o dia inteiro seguindo Jimmy. Ele estava me treinando. Era bonito, carismático e supergay. Só que os sócios do clube não sabiam. Ele paquerava as mulheres descaradamente; e elas acreditavam. Quando uma delas sussurrava alguma safadeza no seu ouvido, ele olhava para mim e piscava o olho. Era um verdadeiro playboy e tinha talento para a coisa.

Quando o turno dele terminou, voltamos para a sala dos funcionários e penduramos os aventais pretos compridos que tínhamos que usar por cima do uniforme.

– Blaire, você vai ser incrível. Os homens a adoram e as mulheres ficam impressionadas com você. Sem querer ofender, meu doce, mas meninas de cabelos louros platinados como os seus em geral não conseguem sequer andar em linha reta sem rir.

Sorri para ele.

– Ah, é? Esse comentário me ofende.

Jimmy revirou os olhos e estendeu a mão para acariciar minha cabeça.

– Ofende, nada. Você sabe que é uma gata loura muito da esperta.

– E aí, Jimmy, já está dando em cima da nova garçonete? – perguntou uma voz

conhecida.

– Você sabe que não. Eu tenho um gosto específico – respondeu ele com um sorriso confiante, deixando a voz se transformar em um sussurro sensual enquanto descia os olhos pelo corpo de Woods.

Tornei a olhar para Woods, que exibia uma careta de desconforto, e não pude evitar uma risada. Jimmy riu junto comigo.

– Adoro deixar os héteros encabulados – sussurrou ele no meu ouvido.

Em seguida, me deu um tapa na bunda e saiu pela porta.

Woods revirou os olhos e se aproximou depois de Jimmy ir embora. Parecia saber sobre as preferências sexuais de Jimmy.

– Seu dia foi bom? – perguntou, educado.

Meu dia tinha sido bom. Ótimo, na verdade. O trabalho era bem mais fácil do que ficar suando naquele calor e passar o dia inteiro lidando com velhotes babões.

– Foi, foi ótimo. Obrigada pela chance aqui dentro.

– De nada. Agora, que tal sairmos para comemorar a sua promoção no melhor restaurante mexicano do litoral?

Lá estava ele me chamando para sair outra vez. Eu deveria aceitar. Seria uma distração. Ele não era exatamente o tipo de homem da classe trabalhadora que eu estava procurando, mas quem disse que eu iria me casar com ele e ser mãe dos seus filhos?

Uma imagem de Rush me passou pela cabeça: a expressão atormentada que ele exibira na véspera. Eu não conseguia me forçar a sair com um conhecido seu. Se ele realmente tivesse falado sério, então eu precisava manter o seu mundo, ao qual eu não pertencia, bem longe de mim.

– Pode ser outro dia? Não dormi bem ontem à noite e estou pregada.

A expressão de Woods desmoronou, mas eu sabia que ele não teria dificuldade nenhuma em encontrar alguém para preencher o meu lugar.

– Hoje à noite tem festa na casa do Rush, mas imagino que você já soubesse – disse ele, observando atentamente a minha reação.

Eu não sabia sobre a festa, mas Rush nunca me avisava mesmo.

– Posso dormir com festa e tudo. Já me acostumei.

Era mentira. Eu só iria dormir depois de ouvir os passos da última pessoa

subindo a escada.

– E se eu for junto? Você poderia passar um tempinho comigo antes de ir para a cama?

Woods era determinado. Isso eu tinha que admitir. Estava prestes a responder que não quando me ocorreu que Rush estaria comendo alguma mulher nessa noite. Iria levá-la para a cama e fazê-la sentir as coisas que jamais me permitiria sentir. Eu precisava me distrair. Com certeza já estaria com a tal mulher no colo quando eu chegasse em casa.

– Você e Rush não parecem muito próximos. Talvez a gente pudesse passar um tempinho lá fora, na praia, que tal? Não sei se é uma boa ideia você estar dentro da casa, onde ele possa vê-lo.

Woods concordou.

– Por mim, tudo bem. Mas tenho uma pergunta, Blaire – disse ele, observando-me com atenção. Aguardei. – Por quê? Até a outra noite, na casa dele, Rush e eu éramos amigos. Crescemos juntos, frequentamos as mesmas rodas. Nunca tivemos problema nenhum. O que o fez mudar de ideia? Tem alguma coisa acontecendo entre vocês dois?

Como responder a essa pergunta? Não, porque ele não permite e porque é mais seguro para o meu coração se formos apenas amigos.

– Nós somos amigos. Ele é protetor.

Woods balançou a cabeça devagar, mas pude ver que ele não tinha acreditado.

– Não ligo para competição. Só gosto de saber quem estou enfrentando.

Ele não estava enfrentando nada, porque tudo o que haveria entre nós era amizade. Eu não estava procurando um cara do círculo de Rush.

– Eu não faço nem nunca farei parte da sua turma. Não pretendo namorar a sério com ninguém que faça parte da elite.

Não esperei que ele argumentasse. Em vez disso, rodeei-o e saí pela porta. Precisava chegar em casa antes de a festa ficar selvagem demais. Não queria ver Rush enganchado com alguma garota.

Não era uma festa de arromba, eram só umas vinte pessoas. Passei por várias delas a caminho da despensa. Havia uma dupla na cozinha preparando bebidas e sorri para eles antes de entrar na despensa e no meu quartinho.

Se os amigos dele até então ignoravam que eu dormia debaixo da escada, agora sabiam. Tirei o uniforme e peguei um vestido sem mangas azul-gelo para vestir. Como estava com os pés doloridos de tanto ficar em pé, fiquei descalça. Enfiei a mala de novo debaixo da cama e, quando saí da despensa, dei de cara com Rush. Ele estava encostado no batente da cozinha com os braços cruzados em frente ao peito e o cenho franzido.

– Rush? O que houve? – perguntei quando ele não disse nada.

– O Woods está aqui – respondeu ele.

– Que eu saiba, ele é seu amigo.

Rush fez que não com a cabeça e passou os olhos rapidamente pelo meu corpo.

– Não. Ele não veio por mim. Veio encontrar outra pessoa.

Cruzei os braços sob os seios e assumi a mesma postura defensiva.

– Talvez tenha vindo mesmo. Algum problema os seus amigos se interessarem por mim?

– Ele não é bom o suficiente. É um babaca. Não deveria ter o direito de tocar em você – disse ele num tom duro e zangado.

Talvez Woods fosse mesmo todas essas coisas. Eu duvidava, mas talvez fosse. Pouco importava. Eu não o deixaria tocar em mim. A proximidade dele não me revirava o estômago nem me provocava aquela aflição entre as pernas.

– Não estou interessada em Woods desse jeito. Ele é meu chefe e, talvez, um amigo. Só isso.

Rush passou a mão na cabeça e o anel chato de prata no seu polegar chamou a minha atenção. Era a primeira vez que o via usando aquilo. Quem lhe dera aquele anel?

– Não consigo dormir com tanta gente subindo e descendo a escada. Fico acordada. Em vez de ficar no quarto sozinha me perguntando quem você está comendo hoje lá em cima, pensei em conversar com Woods na praia. Bater um papo com alguém. Eu preciso de amigos.

Rush se retraiu como se eu tivesse lhe batido.

– Eu não quero você conversando com Woods lá fora.

Aquilo era ridículo.

– Bom, talvez eu não queira você comendo uma garota qualquer, mas você vai comer.

Rush se afastou da porta e veio na minha direção, fazendo-me recuar para dentro do meu quartinho até estarmos os dois lá dentro. Mais uns dois centímetros e eu cairia na cama.

– Não quero trepar com ninguém hoje. – Ele fez uma pausa e me deu um sorriso irônico. – Não é bem verdade. Deixe eu esclarecer: não quero trepar com ninguém fora deste quarto. Fique aqui e converse comigo. Juro que também sei conversar. Eu disse que podíamos ser amigos. Você não precisa de Woods.

Pus as duas mãos no seu peito para empurrá-lo, mas não consegui me obrigar a fazer isso depois de tocá-lo.

– Você nunca conversa comigo. Eu faço a pergunta errada e você vai embora puto.

Rush balançou a cabeça.

– Agora não. Nós somos amigos. Eu vou falar e não vou embora. Mas, por favor, fique aqui.

Olhei para o ambiente em volta que mal tinha espaço para a minha cama.

– Não tem muito espaço aqui dentro – falei, olhando para ele e forçando as mãos a ficarem espalmadas sobre o seu peito, tentando não agarrar a sua camisa justa e puxá-lo mais para perto.

– Podemos sentar na cama. Não vamos nos tocar, só conversar. Como amigos – garantiu.

Suspirei e concordei. Não conseguiria dizer não. Além do mais, havia muitas coisas sobre ele que eu queria saber.

Afundei na cama apoiada na cabeceira. Recostei-me e cruzei as pernas.

– Então vamos conversar – falei, com um sorriso.

Rush se sentou na cama e também se recostou na parede. E eu vi um sorriso de verdade se abrir no seu rosto.

– Não consigo acreditar que acabo de implorar a uma mulher para se sentar e conversar comigo.

Sinceramente, eu também não conseguia.

– Sobre o que nós vamos falar? – perguntei, querendo que ele começasse. Não queria que sentisse que aquilo era uma inquisição.

Eu tinha tantas perguntas rodopiando na cabeça que sabia que poderia atropelá-lo com a minha curiosidade.

– Que tal: por que raio você ainda é virgem aos 19 anos? – perguntou ele, virando aquelas duas piscinas prateadas na minha direção.

Eu nunca tinha dito a ele que era virgem. Na outra noite, ele me chamara de inocente. Seria tão óbvio assim?

– Quem disse que eu sou virgem? – perguntei, com o tom mais irritado de que fui capaz.

Rush sorriu.

– Eu sei identificar uma virgem quando a beijo.

Eu não queria nem discutir sobre isso, pois só iria tornar mais óbvio ainda o fato de que era mesmo virgem.

– Eu já me apaixonei. O nome dele é Cain. Ele foi o meu primeiro namorado, primeiro beijo, primeiro amasso, por mais recatado que tenha sido. Dizia que me amava e afirmava que eu era a mulher da sua vida. Mas a minha mãe adoeceu. Passei a não ter mais tempo para sair e me dedicar a Cain nos fins de semana. Ele precisava se libertar. Precisava de liberdade para conseguir esse tipo de relacionamento com outra pessoa. Então eu o deixei ir embora. Depois dele, não tive tempo para sair com mais ninguém.

Rush franziu o cenho.

– Ele não ficou do seu lado quando a sua mãe adoeceu?

Aquela conversa não me agradava. Se alguma outra pessoa apontasse o dedo para o que eu já sabia, ficaria difícil não sentir raiva de Cain. Eu o tinha perdoado muito tempo antes. Havia aceitado. Não precisava me sentir amargurada com ele a essa altura do campeonato. De que iria adiantar?

– A gente era jovem. Ele não me amava, só achou que amasse. Simples assim.

Rush suspirou.

– Você ainda é jovem.

Não tive certeza se gostei do tom de voz dele ao dizer isso.

– Tenho 19 anos, Rush. Cuidei da minha mãe por três anos e a enterrei sem ajuda nenhuma do meu pai. Pode acreditar, na maior parte dos dias eu me sinto com 40.

Rush estendeu a mão por cima da cama e cobriu a minha.

– Não deveria ter passado por tudo isso sozinha.

Não, não deveria, mas não tive alternativa. Eu amava a minha mãe. Ela merecia

muito mais do que recebeu. A única coisa que aliviava a dor era lembrar que mamãe e Valerie agora estavam juntas. Elas tinham uma à outra. Eu não queria mais falar sobre a minha história. Queria saber algo sobre Rush.

– Você tem um emprego? – perguntei.

Rush deu uma risadinha e apertou a minha mão, mas não soltou.

– Você acha que todo mundo tem que arrumar um emprego quando sai da faculdade?

Dei de ombros. Sempre achara que as pessoas trabalhassem com alguma coisa. Ele devia ter algum objetivo na vida, mesmo que não precisasse do dinheiro.

– Quando me formei na faculdade, tinha dinheiro suficiente no banco para passar o resto da vida sem trabalhar, graças ao meu pai. – Ele me olhou com aqueles olhos sensuais encimados por grossos cílios pretos. – Depois de algumas semanas sem fazer nada a não ser festas, percebi que precisava de uma vida. Então comecei a brincar no mercado financeiro. Acabei descobrindo que tenho muito talento para a coisa. Sempre fui bom com números. Também dou apoio financeiro ao programa Habitat para a Humanidade. Durante uns dois meses por ano, meto a mão na massa e vou trabalhar *in loco*. No verão, me afasto de tudo o que posso e venho para cá relaxar.

Eu não imaginava isso.

– A surpresa na sua expressão é um pouco ofensiva – disse ele com um traço de provocação na voz.

– É que eu não esperava essa resposta – respondi, sincera.

Ele deu de ombros e tornou a pousar a mão do seu lado da cama. Quis estender a minha e pegá-la, mas não o fiz. Ele não queria mais me tocar.

– Quantos anos você tem? – perguntei.

Rush sorriu.

– Sou velho demais para estar neste quarto com você e, com certeza, velho demais para o jeito como penso em você.

Ele devia ter 20 e poucos anos. Com certeza. Não parecia mais velho do que isso.

– Lembre-se de que eu tenho 19 anos. Vou fazer 20 daqui a seis meses. Não sou um bebê.

– Não, doce Blaire, você com certeza não é nenhum bebê. Eu tenho 24 anos e

estou cansado. Não tive uma vida normal e, por causa disso, tenho algumas questões bem bizarras. Já lhe disse que tem coisas que você não sabe. Não posso me permitir tocar em você. Seria errado.

Ele tinha só cinco anos a mais do que eu. Não era tão ruim assim. Doava dinheiro para a Habitat para a Humanidade e fazia até trabalhos *in loco*! Como podia ser um cara tão ruim? Ele tinha bom coração. Tinha me deixado morar ali quando tudo o que queria era me mandar embora.

– Acho que você está se subestimando. Eu vejo algo de especial em você.

Rush contraiu os lábios com força, então balançou a cabeça.

– Você não está vendo quem sou de verdade. Não sabe tudo que eu fiz.

– Pode ser – respondi, inclinando-me para a frente. – Mas o pouco que eu vi não é de todo mau. Estou começando a pensar que talvez você tenha outra camada.

Rush ergueu os olhos e me encarou. Minha vontade era me enroscar naquele colo e passar horas só fitando aqueles olhos. Ele abriu a boca para dizer alguma coisa, depois fechou... mas não antes de eu ver algo prateado lá dentro.

Fiquei de joelhos na cama e cheguei mais perto dele.

– O que é isso na sua boca? – perguntei, olhando para os seus lábios e esperando que ele tornasse a abri-los.

Ele abriu a boca e esticou a língua para fora devagar. Havia um piercing de prata na ponta.

– Dói? – perguntei, estudando a sua língua de perto. Nunca tinha visto ninguém com piercing na língua.

Ele tornou a pôr a língua para dentro e sorriu.

– Não.

Eu me lembrei das tatuagens nas suas costas da noite em que ele estava transando com aquela garota.

– Que tatuagens são essas nas suas costas?

– Uma águia de asas abertas na base das costas e o símbolo do Slacker Demon. Quando eu tinha 17 anos, meu pai me levou para assistir a um show em Los Angeles e depois fiz a minha primeira tatuagem. Queria a marca dele gravada no meu corpo. Todos os integrantes do Slacker Demon têm a mesma tatuagem no mesmo lugar. Logo atrás do ombro esquerdo. Papai estava doidaço nessa noite,

mas mesmo assim é uma ótima lembrança. Não tive muita oportunidade de conviver com ele quando era pequeno. Mas sempre que o via ele acrescentava mais uma tatuagem ou mais um piercing ao meu corpo.

Ele tinha outros piercings? Estudei o seu rosto e baixei os olhos para o seu peito. Uma risadinha discreta me espantou, e percebi que ele tinha me visto olhar.

– Nenhum piercing aí, doce Blaire. Os outros são nas orelhas. Eu dei um tempo nos piercings e nas tatuagens quando fiz 19.

O pai dele era coberto de tatuagens e piercings como todos os outros integrantes do Slacker Demon. Será que aquilo era algo que Rush não quisera fazer? Será que seu pai o havia forçado?

– O que foi que eu disse para deixar você com a testa franzida? – perguntou ele, pondo um dedo sob o meu queixo e movendo a minha cabeça até eu encará-lo.

Eu não queria responder a verdade. Estava gostando daquele nosso tempo juntos. Sabia que, se fosse fundo demais e depressa demais, ele sairia correndo.

– Quando você me beijou ontem à noite, eu não senti esse negocinho de prata.

Rush baixou as pálpebras e inclinou o corpo para a frente.

– É que eu não estava usando.

Mas agora estava.

– E quando você, hã, beija alguém, dá para sentir?

Rush sorveu uma inspiração rápida e aproximou a sua boca da minha ainda mais.

– Blaire, me diga para ir embora. Por favor.

Se ele estava a ponto de me beijar, eu não iria lhe dizer nada desse tipo. Queria que ele ficasse ali. Também queria beijá-lo com aquele negócio na boca.

– Você teria sentido. Em todos os lugares que eu quisesse beijá-la, você sentiria. E adoraria – sussurrou ele no meu ouvido antes de me beijar no ombro e inspirar fundo. Será que ele estava me cheirando?

– Você... você vai me beijar outra vez? – perguntei quase sem ar, enquanto ele afundava o nariz no meu pescoço e inspirava.

– Eu quero. Quero muito, mas estou tentando ser legal – murmurou ele contra a minha pele.

– Daria para não ser legal só por um beijo? Por favor? – pedi, chegando mais perto. Faltava pouco para subir no seu colo.

– Blaire, como você é doce – disse ele e os seus lábios tocaram a curva do meu pescoço e ombro. Se ele continuasse com aquilo, eu iria começar a implorar.

Ele pôs a língua para fora e deu uma lambida rápida na pele macia do meu pescoço, depois seguiu beijando a linha do meu maxilar até ficar com a boca bem por cima da minha. Comecei a pedir outra vez, mas ele me deu um selinho de leve e me impediu. Então recuou, mas só uns poucos centímetros. Ainda podia sentir nos lábios o seu hálito quente.

– Blaire, eu não sou um cara romântico. Não beijo e fico abraçadinho. Para mim, tudo que importa é o sexo. Você merece alguém que beije e fique abraçadinho. Não eu. Eu só trepo, gata. Você não foi feita para alguém como eu. Eu nunca neguei a mim mesmo nada que quisesse, mas você é doce demais. Desta vez tenho que dizer não a mim mesmo.

À medida que ia registrando o que ele dizia, comecei a gemer de tão eróticas que soavam aquelas palavras que se derramavam da sua língua. Foi só quando ele se levantou e segurou a maçaneta que entendi que ele iria me deixar ali. De novo. Iria me deixar ali daquele jeito.

– Não posso mais conversar. Hoje não. Não sozinho aqui com você.

A tristeza na voz dele deixou o meu coração um pouco apertado. Então ele saiu e fechou a porta.

Recostei-me na cabeceira e grunhi de tanta frustração. Por que o deixara entrar ali no quarto? Aquele joguinho de quente e frio que ele estava fazendo era demais para mim. Perguntei-me para onde ele iria agora. Havia muitas mulheres lá fora que ele poderia beijar. Mulheres que ele não via problema em beijar caso lhe suplicassem.

Os passos de pessoas subindo a escada soavam acima da minha cabeça. Eu não iria dormir tão cedo. Não queria ficar ali e Woods estava me esperando. Não havia motivo nenhum para lhe dar um bolo. Eu não estava com disposição para conversar com ele, mas poderia pelo menos lhe dizer que tinha mudado de ideia.

Saí para a cozinha. Grant estava de costas para mim e imprensava uma menina contra a bancada. As mãos dela se emaranhavam nos seus cachos castanhos revoltos. Os dois pareciam bem entretidos. Saí discretamente pela porta dos fundos, torcendo para não dar de cara com mais uma sessão de amassos.

– Achei que você não fosse aparecer – disse Woods; sua voz vindo da escuridão.

Eu me virei e o vi apoiado no guarda-corpo, olhando para mim. Senti-me culpada por não ter ido logo lá e avisado que não viria encontrá-lo. Não conseguia tomar nenhuma decisão sensata quando Rush estava envolvido.

– Desculpe. Surgiu um imprevisto.

Estava sem vontade de explicar.

– Vi Rush sair do cubículo em que deixa você dormir, lá atrás – retrucou ele.

Mordi o lábio. Tinha sido desmascarada. Melhor admitir logo.

– Ele não ficou muito tempo. Foi uma visita amigável ou estava expulsando você?

É... tinha sido uma visita amigável. Nós conversamos, de fato. Até eu pedir para ele me beijar, fora divertido. Eu gostei de sua companhia.

– Foi só uma conversa entre amigos – expliquei.

Woods soltou uma gargalhada sem humor e balançou a cabeça.

– Por que será que eu não acredito?

Porque ele era esperto. Dei de ombros.

– Nosso passeio na praia ainda está de pé?

Fiz que não.

– Não, estou cansada. Vim respirar um pouco de ar fresco e estava torcendo para encontrar você e poder explicar.

Ele me deu um sorriso desapontado e se afastou do guarda-corpo.

– Bom, tudo bem. Não vou implorar.

– Não imaginava que fosse – respondi.

Ele tornou a andar em direção às portas. Esperei ele entrar na casa antes de soltar um suspiro de alívio. Não tinha sido tão ruim. Talvez agora ele me desse um pouco de espaço. Até eu entender o que fazer com aquela atração que sentia por Rush, não precisava de ninguém para me confundir mais ainda.

Esperei alguns minutos, então me virei e entrei na casa atrás de Woods. Grant não estava mais no balcão com a garota. Aparentemente, os dois tinham se recolhido a um lugar mais reservado. Comecei a andar em direção à porta da despensa quando Rush saiu da cozinha seguido por uma morena aos risos. Pendurada no braço dele, ela estava fingindo que não conseguia andar direito. Das duas uma: ou tinha bebido ou então era por causa dos 15 centímetros de salto.

– Mas você falou – disse ela com a voz arrastada, beijando o braço que segurava.

É: ela estava bêbada.

Rush olhou para mim. Ele a beijaria nessa noite. Ela nem sequer teria que implorar. E também estaria com gosto de cerveja. Será que ele ficava excitado com isso?

– Eu tiro a calcinha aqui embaixo, se você quiser – disse ela, sem nem ao menos reparar que os dois não estavam sozinhos.

– Babs, já falei que não. Não estou interessado – respondeu ele, sem tirar os olhos de mim.

Estava dispensando a menina. E queria que eu soubesse.

– Vai ser bem safado – disse ela em voz alta antes de explodir em mais um acesso de riso.

– Não, vai ser chato. Você está bêbada e a sua voz esganiçada está me deixando com dor de cabeça – retrucou ele.

Continuava com os olhos pregados nos meus.

Olhei para baixo e comecei a andar em direção à porta da despensa quando Babs finalmente notou a minha presença.

– Ei, aquela menina vai roubar a sua comida – sussurrou ela bem alto.

Meu rosto corou. Que droga. Por que é que esse comentário me deixava envergonhada? Eu estava sendo idiota. A menina estava caindo de bêbada. Que importância tinha o que ela achava?

– Ela mora aqui, pode comer o que quiser – retrucou Rush.

Tornei a erguer o rosto e ele ainda estava me encarando.

– Ela mora aqui? – repetiu a menina.

Rush não respondeu. Franzi o cenho para ele e pensei que a única testemunha que tínhamos não se lembraria daquela conversa no dia seguinte.

– Não deixe ele mentir para você. Eu sou a hóspede indesejada que mora debaixo da escada. Já quis algumas coisas, mas ele só me diz não.

Não esperei a resposta dele. Abri a porta e entrei na despensa. Um ponto para mim.

Capítulo 11

Terminei de comer o meu sanduíche de manteiga de amendoim, limpei as migalhas do colo e me levantei. Em breve precisaria passar no mercado e comprar mais comida. Estava enjoada de sanduíches como aquele.

Era o meu dia de folga, e eu não sabia muito bem o que iria fazer. Passara a maior parte da noite deitada na cama pensando em Rush e em como eu era idiota. O que o cara precisava fazer para me convencer de que só queria ser o meu amigo? Ele dissera isso mais de uma vez. Eu precisava parar de tentar fazê-lo me ver como algo mais. Tinha feito isso na noite passada e não deveria. Ele não queria me beijar. Eu não conseguia acreditar que havia implorado para que o fizesse.

Abri a porta da despensa e entrei na cozinha. Senti cheiro de bacon e, se Rush não estivesse em pé na frente do fogão usando apenas uma calça de pijama, eu teria me deixado levar completamente por aquele aroma delicioso. Mas a visão das costas nuas dele me distraiu do bacon.

Ele olhou por cima do ombro e sorriu.

– Bom dia. Hoje deve ser a sua folga.

Respondi que sim e fiquei parada me perguntando o que uma amiga diria. Não queria mais desrespeitar as nossas regras. Iria segui-las à risca. De toda forma, logo logo me mudaria daquela casa.

– Que cheiro bom – comentei.

– Pode pegar dois pratos. Eu faço um bacon incrível.

Desejei não ter comido o sanduíche de manteiga de amendoim.

– Já comi, mas obrigada.

Rush pousou o garfo e se virou para mim.

– Como assim, já comeu? Você acabou de acordar.

– Tenho manteiga de amendoim e pão lá no quarto. Comi antes de sair.

Ele franziu a testa e me observou.

– Por que você tem manteiga de amendoim e pão no quarto?

Porque não quero que o seu fluxo incessante de amigos coma a minha comida. Só que eu não podia dizer exatamente isso.

– Esta cozinha não é minha. Eu guardo tudo que é meu no quarto.

Rush pareceu tenso ao ouvir a minha resposta. O que tinha dito para fazê-lo se zangar?

– Está me dizendo que só come manteiga de amendoim e pão quando está em casa? É isso? Você compra, guarda no quarto e só come isso?

Balancei a cabeça, sem saber muito bem por que aquilo era importante.

Rush deu um tapa na bancada e se virou outra vez para o fogão resmungando um palavrão.

– Pegue as suas coisas e se mude lá para cima. Pode escolher qualquer quarto que quiser do lado esquerdo do corredor. Jogue fora essa porcaria de manteiga de amendoim e coma tudo o que quiser da minha cozinha.

Não me mexi. Não sabia muito bem de onde tinha vindo a reação dele.

– Blaire, se quiser ficar nesta casa, mude-se lá para cima agora. Depois desça e venha comer alguma coisa da *porra* da minha geladeira na minha frente.

Ele estava bravo. Comigo?

– Por que você quer que eu me mude lá para cima? – perguntei, cautelosa.

Rush depositou a última fatia de bacon sobre um papel-toalha e apagou o fogo antes de me encarar.

– Porque sim. Detesto ir para a cama à noite pensando que você está dormindo debaixo da minha escada. Agora fiquei com a sua imagem comendo esses malditos sanduíches de manteiga de amendoim sozinha lá dentro e isso é demais para mim.

Tudo bem. Quer dizer que, de alguma forma, ele se importa comigo.

Não discuti. Voltei para o meu quartinho debaixo da escada e peguei a mala sob a cama. Meu pote de manteiga de amendoim estava lá dentro. Abri a mala, peguei o pote quase vazio e o saco ainda com quatro fatias de pão dentro. Deixaria os dois na cozinha e subiria para escolher um quarto. Meu coração batia descompassado. Aquele quarto acabou se tornando o meu porto seguro. Estar no andar de cima acabava com o meu isolamento. Eu não estaria sozinha lá.

Saí da despensa e pus o pote de manteiga de amendoim e o pão em cima da

bancada. Segui na direção do corredor sem encarar Rush. Em pé diante do balcão, ele segurava as bordas com força, como se estivesse se contendo para não bater em alguma coisa. Estaria pensando em me mandar de volta para a despensa? Eu não me importava em ficar lá.

– Não preciso ir lá para cima. Eu gosto do quartinho – expliquei, mas a tensão nas mãos dele só fez aumentar.

– O seu lugar é em um dos quartos lá de cima, não debaixo da escada. Nunca foi.

Ele me queria lá em cima. Eu só não entendia aquela súbita mudança de atitude.

– Pelo menos me diga que quarto escolher. Não me sinto à vontade para decidir sozinha. Esta casa não é minha.

Rush finalmente largou a bancada e se virou para me encarar.

– Os quartos da esquerda são todos de hóspedes. São três. Acho que você vai gostar da vista do último, que dá para o mar. O do meio é todo branco com detalhes rosa-claro. Ele me lembra você. Vá lá escolher. Pegue o que preferir. E depois desça aqui para comer.

Lá estava ele querendo que eu comesse outra vez.

– Mas eu não estou com fome. Acabei de...

– Se me disser de novo que comeu essa maldita manteiga de amendoim eu vou arremessar o pote na parede. – Ele se calou e respirou fundo. – Por favor, Blaire. Venha comer alguma coisa, por mim.

Até parece que alguma mulher no planeta conseguiria recusar… Aceitei a proposta e segui para a escada. Tinha um quarto para escolher.

O primeiro não era muito atraente. Todo em cores escuras, dava para o pátio da frente. Sem falar que era o mais próximo da escada e seria difícil ignorar o barulho das festas. Fui até o seguinte e encontrei a cama coberta de babados brancos e almofadas cor-de-rosa graciosas. Um lustre também rosa pendia do teto. Aquilo era uma graça; não era o tipo de coisa que eu esperasse encontrar na casa de Rush. Mas, pensando bem, sua mãe morava naquela casa durante a maior parte do tempo.

Abri a última porta à esquerda. Enormes janelas do chão até o teto davam para

o mar. Um espetáculo. A cartela de cores azul-clara e verde era realçada por uma cama king-size que parecia feita de troncos de madeira, pelo menos a cabeceira e o pé. O clima bem litorâneo me agradava. Mais do que isso: eu amava aquele quarto. Coloquei a minha mala no chão e fui até a porta que conduzia a um banheiro exclusivo. Grandes toalhas brancas felpudas e sabonetes caros decoravam o mármore branco. Havia toques de azul e verde, mas o ambiente era quase todo branco.

A banheira era grande, redonda, com pequenos jatos nas laterais. Embora eu nunca tivesse visto uma banheira assim antes, sabia que era uma hidromassagem. Talvez eu tivesse entrado no cômodo errado. Com certeza aquilo não era um quarto de hóspedes. Se eu morasse naquela casa, iria querer aquele quarto.

No entanto, ele ficava do lado esquerdo do corredor; tinha que ser um dos quartos que Rush havia mencionado. Saí do banheiro. Iria descer e dizer a ele que escolhera aquele. Se houvesse algo errado, ele me diria. Deixei a mala junto à parede bem ao lado da porta e desci de novo até o térreo.

Quando entrei na cozinha, Rush estava sentado à mesa com um prato de bacon e ovos mexidos na sua frente. Ergueu os olhos na hora para me encarar.

– Escolheu? – perguntou.

Respondi que sim e fui me postar do outro lado da mesa.

– Sim, acho que escolhi. Aquele que você disse que tinha uma vista maravilhosa... verde e azul, né?

Rush sorriu.

– É.

– E tudo bem eu ficar lá? É muito legal. Se esta casa fosse minha, eu iria querer aquele quarto.

Rush abriu mais ainda o sorriso.

– Você ainda não viu o meu.

O dele devia ser ainda melhor.

– Fica no mesmo andar?

Rush espetou um pedaço de bacon.

– Não, o meu ocupa o último andar inteiro.

– Todas aquelas janelas? Aquilo tudo é um quartão só?

Visto de fora, o último andar mais parecia feito de vidro. Eu sempre me

perguntara se aquilo era uma ilusão ou se havia vários cômodos.

Rush assentiu.

– É.

Eu queria ver o seu quarto, mas como ele não convidou, não pedi.

– Já arrumou as suas coisas? – perguntou ele, dando uma mordida no bacon.

– Não, queria confirmar com você antes de desfazer a mala. Talvez o melhor seja deixar tudo lá dentro. No final desta semana vou estar pronta para me mudar. As gorjetas que ganhei no clube foram boas e poupei quase tudo.

Rush parou de mastigar e a expressão dos seus olhos endureceu ao fitar com raiva alguma coisa do lado de fora. Acompanhei o seu olhar, mas não vi nada a não ser a praia vazia.

– Blaire, você pode ficar aqui o tempo que quiser.

Desde quando? Ele tinha me dito um mês. Não respondi.

– Sente-se aqui do meu lado e prove um pouco deste bacon.

Ele puxou a cadeira ao lado da sua e eu me sentei sem discutir. O bacon estava mesmo com um cheiro bom, e eu bem que precisava de algo que não fosse manteiga de amendoim.

Rush deslizou o prato na minha direção.

– Coma.

Peguei um pedaço de bacon e dei uma mordida. Estava crocante e gorduroso, do jeito que eu gostava. Comi a fatia inteira e Rush tornou a empurrar o prato na minha direção.

– Coma outro.

Reprimi uma risada diante daquela sua súbita necessidade de me alimentar. Que bicho o teria mordido? Saboreei uma segunda fatia de bacon.

– Quais são os seus planos para hoje? – indagou Rush depois que comi o último pedaço.

Dei de ombros.

– Ainda não sei. Pensei em talvez procurar apartamento.

O maxilar de Rush se contraiu e, mais uma vez, seu corpo ficou tenso.

– Pare de falar em se mudar, ok? Eu não quero que você se mude antes dos nossos pais voltarem. Você tem que falar com o seu pai antes de sair correndo para morar sozinha. Não é muito seguro. Você é nova demais.

Dessa vez eu ri de verdade. Ele estava sendo ridículo.

– Não sou, não. Qual é o seu problema com a minha idade? Tenho 19 anos, já sou bem grandinha. Posso morar sozinha com toda a segurança. Além disso, consigo acertar um alvo em movimento melhor do que a maioria dos agentes de polícia. Meu talento para atirar é bem impressionante. Então pode parar com esse papo de insegurança e de que sou nova demais.

Rush levantou uma das sobrancelhas.

– Quer dizer que você tem mesmo uma pistola?

Confirmei com a cabeça.

– Pensei que Grant estivesse brincando. O senso de humor dele às vezes é horrível.

– Não. Eu apontei a pistola para ele na minha primeira noite aqui.

Rush deu uma risadinha, recostou-se na cadeira e cruzou os braços em frente ao peito largo. Forcei-me a manter os olhos no seu rosto e a não olhar para baixo.

– Adoraria ter visto isso.

Não falei nada. Aquela noite tinha sido muito ruim para mim. Eu não estava disposta a relembrá-la agora.

– Não quero que você fique aqui só porque é nova. Entendo que consegue cuidar de si mesma, ou pelo menos acha que consegue. Quero você aqui porque... gosto de tê-la aqui. Não vá embora. Espere o seu pai chegar. Pelo que parece, vocês dois precisam conversar. Aí você pode resolver o que fazer. Por enquanto, que tal ir lá para cima e desfazer a mala? Pense em todo o dinheiro que pode economizar morando aqui. Quando se mudar, já vai ter uma conta no banco bem recheada.

Ele queria que eu ficasse. O sorriso bobo que repuxou os meus lábios foi incontrolável. Eu ficaria, sim, e ele estava certo: seria uma baita economia. Quando papai voltasse, eu conversaria com ele e então me mudaria. Não havia por que sair se Rush me queria na casa.

– Está bem. Se estiver mesmo falando sério, então, obrigada.

Rush balançou a cabeça e se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos na mesa. Seu olhar prateado estava cravado em mim.

– Estou falando sério. Mas isso também quer dizer que aquele papo de a gente ser amigo tem que continuar valendo, totalmente.

Ele tinha razão, claro. Morarmos juntos e termos qualquer tipo de envolvimento seria complicado. Além do mais, quando o verão terminasse, ele iria se mudar para outra casa em algum lugar. Eu não precisava desse tipo de sofrimento.

– Combinado – retruquei.

Os ombros dele não relaxaram e o seu corpo continuou contraído.

– E você também vai começar a comer a comida daqui quando estiver morando lá em cima.

Fiz que não com a cabeça. Não, eu não faria isso. Não era uma *aproveitadora*.

– Blaire, não discuta. Estou falando sério. Coma a porcaria da minha comida.

Empurrei a cadeira para trás e me levantei.

– Não. Vou comprar comida e comer. Eu não sou... não sou igual ao meu pai.

Rush resmungou alguma coisa, então também empurrou a sua cadeira e se levantou.

– Acha que eu já não sei disso a esta altura? Você tem dormido dentro de um armário de vassouras sem reclamar. Limpa tudo o que eu sujo. Não come direito. Dá para ver que não tem nada em comum com o seu pai. Mas você *é* hóspede aqui na minha casa e quero que coma na minha cozinha e que a trate como se fosse sua.

Aquilo seria um problema.

– Vou pôr a minha comida na sua cozinha e comê-la aqui. Fica melhor assim?

– Se você só pretende comer manteiga de amendoim e pão, não. Quero que coma direito.

Comecei a balançar a cabeça em negativa quando ele estendeu a mão e segurou a minha.

– Blaire, ficarei feliz se souber que você está comendo. Henrietta faz compras uma vez por semana e abastece a casa supondo que eu vá receber vários convidados. Tem comida mais do que suficiente. Por. Favor. Coma. A. Minha. Comida.

Mordi o lábio inferior para me impedir de rir da sua expressão de súplica.

– Está rindo de mim? – perguntou ele e um sorrisinho repuxou os seus lábios.

– Estou. Um pouco – admiti.

– Isso quer dizer que vai comer a minha comida?

Suspirei.

– Só se você me deixar pagar toda semana.

Ele começou a fazer que não com a cabeça e eu retirei as mãos da sua e comecei a me afastar.

– Para onde você vai? – perguntou ele atrás de mim.

– Cansei de discutir com você. Vou comer a sua comida se puder pagar a minha parte. É o único acordo que aceito. É pegar ou largar.

– Tudo bem – rosnou ele.

Olhei de volta para ele.

– Vou tirar as minhas coisas da mala e depois vou tomar um banho naquela banheirona. Depois disso não sei. Não tenho plano nenhum até de noite.

Um vinco marcou a testa dele.

– Com quem?

– Com a Bethy.

– Bethy? A menina do country club? Aquela que o Jace come?

– Comia. A menina que o Jace comia. Ela ouviu a razão e partiu para outra. Hoje à noite a gente vai a um bar de música country para arrumar uns trabalhadores de macacão que suem a camisa.

Não esperei pela sua reação. Fui depressa até a escada e subi correndo. Quando cheguei ao meu quarto novo, fechei a porta atrás de mim e dei um suspiro de alívio.

Capítulo 12

Eu podia não ter as roupas adequadas para as festas de Rush, mas tinha tudo de que precisava para ir a um bar com música country. Fazia algum tempo que não punha a minha minissaia jeans. Era mais curta do que eu me lembrava, mas funcionava. Ainda mais com as minhas botas.

Rush saíra de manhã enquanto eu estava no banho e ainda não voltara. Perguntei-me se os amigos dele podiam entrar naquele quarto quando ele dava uma festa. Não gostava da ideia de algum desconhecido transando na minha cama. Na verdade, não gostava da ideia de ninguém transando na cama em que eu dormia, a não ser eu própria. Queria ter certeza, mas não sabia muito bem como perguntar uma coisa dessas.

Sair antes de Rush chegar significava que eu não saberia o que esperar. Será que deveria me preparar para lavar a roupa de cama quando chegasse? Fiz uma careta ao pensar nisso. Quando pisei no último degrau da escada, a porta da frente se abriu e Rush entrou. Ao me ver, ele congelou onde estava e correu os olhos lentamente pelo meu visual. Eu não estava vestida para impressionar o seu grupo, mas havia outro que talvez prestasse alguma atenção em mim.

– Caraca – resmungou ele, fechando a porta depois de entrar.

Não me mexi. Estava tentando bolar um jeito de abordar o assunto dos desconhecidos transando na minha cama.

– Você, hã, vai sair para a boate vestida assim? – perguntou ele.

– Não vou à boate, vou a um bar de música country. Tenho certeza de que é totalmente diferente – corrigi.

Rush passou a mão nos cabelos curtos e deu um suspiro que soou em parte frustrado, em parte bem-humorado. Se ele começasse a fazer piadas com as minhas roupas, eu seria capaz de jogar uma bota em cima dele.

– Posso ir com vocês? Nunca fui a um bar desses.

Como assim? Será que eu tinha escutado direito?

– Você quer ir com a gente? – perguntei, sem entender.

Ele respondeu que sim e tornou a descer os olhos pelo meu corpo.

– É, quero.

Imaginei que ele pudesse ir. Se éramos amigos, deveríamos poder fazer coisas juntos.

– Está bem. Mas a gente tem que sair daqui a dez minutos. Bethy está esperando eu ir buscá-la.

– Fico pronto em cinco – disse ele e subiu correndo a escada de dois em dois degraus.

Aquilo não era de forma alguma o que eu esperava. Estranho desenrolar dos acontecimentos.

Sete minutos depois, Rush tornou a descer a escada usando um jeans justo e uma camiseta preta também justa com Slacker Demon escrito na frente em letras góticas brancas. O mesmo símbolo que ele tinha tatuado no ombro também enfeitava a camiseta. Ele tinha posto outra vez o anel de prata no polegar e, pela primeira vez desde que eu o conhecera, estava usando duas argolinhas na orelha. Parecia mais do que nunca o filho de um célebre astro do rock mundial. Seus cílios pretos davam a impressão de que ele estava o tempo inteiro usando delineador e isso só aumentava o efeito.

Quando voltei os olhos para o seu rosto, ele pôs a língua para fora, mostrou-me o piercing prateado e deu uma piscadela.

– Imaginei que, se estava indo a um bar cheio de caras de botas e chapéus de caubói, precisava me manter fiel às minhas raízes. O rock corre nas minhas veias. Não posso fingir que me encaixo em nenhum outro lugar.

Ri do seu sorriso torto.

– Você vai ficar tão fora do seu ambiente hoje quanto eu fico nas suas festas. Vai ser divertido. Vamos lá, filho de roqueiro – provoquei, me dirigindo para a porta.

Rush abriu e se afastou para eu poder passar. Ele podia ser bem esquisito quando queria.

– Já que a sua amiga também vai, por que não pegamos um dos meus carros? Vai ser mais confortável do que a sua picape.

Parei e olhei para trás na sua direção.

– Mas a gente se encaixaria melhor se fosse na minha picape.

Rush sacou um pequeno controle remoto do bolso e uma das portas da garagem de quatro carros se abriu. Um Range Rover preto com detalhes metalizados e uma pintura perfeita e lustrosa estava parado sob a luz. Não pude discordar. Ficaríamos bem mais confortáveis naquele carro.

– Com certeza é bem vistoso – falei.

– Quer dizer então que podemos ir no meu? Não fico muito à vontade dividindo o mesmo banco com a Bethy. Aquela menina gosta de tocar nas coisas sem permissão – disse ele.

Sorri.

– É, gosta mesmo. Ela dá mole, né?

Rush levantou uma das sobrancelhas.

– "Dar mole" é um eufemismo no caso dela.

– Está bem. Claro. Podemos ir no supercarro matador de Rush Finlay, se ele insiste.

Rush me lançou um sorriso confiante e eu o segui em direção à garagem. Ele abriu a porta para mim, um gesto educado, mas que fez aquilo parecer um encontro. Só faltava ele começar a me confundir. Eu havia estabelecido com firmeza que éramos só amigos. Ele tinha que jogar conforme as regras.

– Você abre a porta do carro para todas as suas amigas? – perguntei, olhando para ele.

Queria que ele entendesse o quanto aquele seu gesto educado era impróprio.

O sorriso descontraído que ele exibia desapareceu e uma expressão séria tomou o seu lugar.

– Não – respondeu ele, recuando para ir até a porta do motorista.

Eu me senti uma completa idiota. Deveria simplesmente ter agradecido e deixado passar. Por que deveria ser eu a lembrá-lo das suas próprias regras?

Dentro do Range Rover, Rush deu a partida e saiu sem dizer nada. Detestei aquele silêncio. Era eu quem tinha estragado o clima.

– Desculpe. Não quis ser grossa.

Ele deu um suspiro e relaxou os ombros. Então balançou a cabeça.

– Não, você tem razão. É que eu não tenho nenhuma amiga mulher, então não sei distinguir muito bem o que devo ou não fazer.

– Quer dizer que você abre a porta para as garotas com quem sai? Que cavalheiro. Sua mãe criou você muito bem.

Senti uma pontinha de inveja. Havia meninas que recebiam aquele tipo de tratamento de Rush. Meninas com as quais ele queria sair e de quem pretendia ser mais do que amigo.

– Na verdade, não. Eu... você... é que você parece ser o tipo de garota que merece esse tipo de gesto. Pareceu ser a coisa certa a fazer. Mas entendo o que está dizendo. Se vamos ser amigos, preciso estabelecer um limite e não ultrapassá-lo.

Meu coração derreteu mais um pouco.

– Obrigada por abrir a porta para mim. Foi gentil.

Ele deu de ombros e não disse mais nada.

– Temos que pegar Bethy lá no clube. Ela deve estar no escritório atrás da sede do campo de golfe. Teve que trabalhar hoje. Vai tomar banho e se arrumar lá.

Rush virou na direção do country club.

– Como vocês duas ficaram amigas?

– Trabalhamos juntas um dia. Acho que nós duas estávamos precisando de uma amiga. Ela é divertida e cheia de energia. Tudo que eu não sou.

Rush soltou uma gargalhada.

– Você fala como se isso fosse uma coisa ruim. Acredite: você não iria querer ser como a Bethy.

Ele tinha razão. Eu não queria ser como a Bethy, mas era divertido conviver com ela.

Fiquei sentada quietinha enquanto Rush manipulava o sistema de som, que parecia ser bem caro e complexo. Percorremos a curta distância da sua casa até o country club ouvindo "Lips of an Angel", do Hinder, e a música me fez sorrir. Eu quase esperava ouvir algo do Slacker Demon.

Quando o Range Rover parou em frente ao escritório do clube, abri a porta e desci. Bethy não estaria esperando aquele carro. Iria procurar a minha picape.

A porta do escritório se abriu e ela saiu de lá vestida com um minúsculo short de couro vermelho, um top branco que deixava a barriga de fora e botas de couro branco até os joelhos.

– Que papo é esse? Por que você veio em um dos carros do Rush? – perguntou

ela, toda sorrisos.

– Ele vai com a gente. O Rush também quer dar uma conferida nesse tal bar. Daí... – interrompi a frase e olhei para o carro.

– Isso vai prejudicar seriamente as suas chances de pegar alguém. Só um toque – disse Bethy enquanto descia a escada e dava uma conferida rápida na minha roupa. – Ou não. Você está uma gata. Quero dizer, já sabia que era linda, mas está muito gata com essa roupa. Eu quero umas botas de *cowgirl* de verdade. Onde arrumou essas daí?

Gostei dos elogios. Fazia muito tempo que não tinha amigas. Quando Valerie morrera, as meninas de quem éramos próximas meio que sumiram da minha vida. Era como se não conseguissem estar comigo sem se lembrar dela. Cain tinha se tornado o meu único amigo.

– Obrigada. Quanto às botas, ganhei de Natal da minha mãe dois anos atrás. Eram dela. Eu adorava as botas desde que ela as tinha comprado, e depois que ela... que ela ficou doente... acabou dando para mim.

Bethy franziu o cenho.

– Sua mãe ficou doente?

Eu não queria jogar um balde de água fria no clima da noite, então apenas fiz que sim com a cabeça e forcei um sorriso radiante.

– Ficou. Mas isso é outra história. Venha, vamos arrumar uns caubóis.

Bethy retribuiu o meu sorriso e abriu a porta de trás do meu lado do Range Rover.

– Vou deixar você ir na frente porque tenho um palpite de que é lá que o motorista quer que você sente.

Não tive tempo de reagir antes de Bethy entrar e fechar a porta do carro. Tornei a me sentar no banco do carona e sorri para Rush, que me observava.

– Hora de ouvir música country – falei.

Capítulo 13

Bethy ensinara Rush a chegar a seu bar de música country preferido, que ficava a quarenta minutos de Rosemary. Não era exatamente uma surpresa: a única coisa country que havia em Rosemary era o clube, que não se parecia em nada com o lugar no qual entramos.

O bar era grande e todo feito do que pareciam ser tábuas de madeira. Aparentemente, era conhecido. Talvez por não ter muitos lugares como aquele na região. Grandes letreiros fluorescentes de cerveja adornavam as paredes do lado de fora e ali dentro. "Gun Powder and Lead", de Miranda Lambert, tocava aos berros quando chegamos.

– A música ao vivo vai começar daqui a uma meia hora. É a melhor hora para dançar. Temos tempo de sobra para arrumar um lugar bom e tomar umas doses de tequila antes – gritou Bethy mais alto do que a música.

Eu nunca havia tomado tequila. Na verdade, nem cerveja eu bebia. Mas essa noite seria diferente, eu ia aproveitá-la ao máximo; me libertaria. Rush chegou por trás de mim e pôs a mão na base das minhas costas. Aquela não era uma posição de amigo... ou era?

Decidi não corrigi-lo, pois teria que gritar para me fazer ouvir com aquela música. Ele nos conduziu até uma mesa *reservada* mais afastada da pista de dança. Recuou para me deixar passar. Bethy se acomodou na minha frente e ele se sentou ao meu lado.

Bethy o encarou.

– O que vai querer tomar? – perguntou Rush, inclinando-se até junto do meu ouvido para não precisar gritar.

– Não sei – respondi, olhando para Bethy em busca de um conselho. – O que devo beber?

Ela arregalou os olhos, então deu uma gargalhada.

– Você nunca bebeu?

Fiz que não com a cabeça.

– Não tenho idade suficiente para comprar bebida. Você tem?

Ela bateu palmas.

– Ah, isso vai ser divertido. E sim, eu tenho 21 anos, ou pelo menos a minha carteira de identidade diz que tenho. – Ela olhou para Rush. – Você tem que deixá-la sozinha um pouco. Vamos juntas até o bar.

Rush não se mexeu, mas olhou para mim.

– Você nunca bebeu álcool?

– Não, mas pretendo dar um jeito nisso hoje – garanti a ele.

– Então precisa ir com calma. Não vai aguentar muito. – Ele estendeu a mão e segurou o braço de uma garçonete. – Um cardápio, por favor.

Bethy pôs as mãos nos quadris.

– Por que você vai pedir comida? Nós viemos beber e dançar com caubóis, não comer.

Ele virou a cabeça para ela, então não pude ver o seu rosto, mas percebi que os seus ombros haviam se contraído.

– Ela nunca bebeu. Precisa comer primeiro, senão daqui a duas horas vai estar curvada vomitando e xingando você por isso.

Ah… Eu não gostava de vomitar. Nem um pouco.

Bethy revirou os olhos e provocou Rush:

– Ok, papai Rush. Vou lá pegar uma bebida para mim e uma para ela também. Então é bom alimentá-la depressa.

A garçonete apareceu com o cardápio antes mesmo de Bethy acabar de falar. Rush o pegou e o abriu enquanto tornava a se virar para mim.

– Escolha alguma coisa. Não importa o que a diva da embriaguez pense, você precisa comer primeiro.

Concordei. Não queria passar mal.

– As fritas com queijo estão com uma cara boa.

Rush ergueu o cardápio e a garçonete voltou correndo.

– Fritas com queijo, duas porções. E um copo d'água grande.

Depois que a moça anotou o pedido e se afastou, Rush se recostou e inclinou a cabeça para olhar para mim.

– Então você está em um bar country. É tudo o que esperava? Porque, para ser

bem sincero, essa música está difícil de aguentar.

Sorrindo, dei de ombros e olhei em volta. Havia rapazes de chapéu de caubói, e outros vestidos com roupas normais. Alguns usavam cintos com fivelas grandalhonas, mas a maioria parecia com as pessoas da minha cidade natal.

– Acabei de chegar e ainda não bebi nem dancei; quando tiver feito isso, respondo.

Ele deu um sorriso de viés.

– Você quer dançar?

Eu queria, mas não com ele. Sabia com que rapidez iria esquecer que ele era só um amigo.

– Quero, mas preciso primeiro de uma dose de coragem... e de alguém que me convide.

– Pensei que tivesse acabado de convidar – retrucou ele.

Apoiei os cotovelos na mesa e segurei o queixo com a mão.

– Você acha que é uma boa ideia?

Queria que ele admitisse que não era.

Ele suspirou.

– Provavelmente não.

Balancei a cabeça, concordando com ele.

Dois pratos de fritas com queijo surgiram na nossa frente e uma jarra cheia de água com gelo foi posta na frente de Rush. A comida parecia surpreendentemente apetitosa; eu não tinha me dado conta de que estava com tanta fome. Precisava prestar atenção no quanto iria gastar: aquele prato custava 7 dólares e eu não podia gastar mais de 20 naquela noite. Isso talvez significasse que eu só poderia tomar um drinque, mas Rush tinha dito que eu precisava comer, então era o que eu ia fazer.

Peguei uma batata frita coberta de queijo derretido e dei uma mordida.

– Melhor do que sanduíche de manteiga de amendoim, né? – perguntou Rush com um sorriso de provocação.

Assenti e peguei outra batata.

Bethy se acomodou do seu lado da mesa trazendo um par de copinhos com drinques. A bebida era amarela.

– Pensei que seria melhor começar de leve. Tequila é bebida para garotas

crescidas; você ainda não está pronta para ela. Isto aqui é um *licor* de limão. É doce e gostoso.

– Coma mais umas batatas antes – disse Rush, interrompendo-a.

Peguei outra batata e a comi depressa, depois comi outra. Então estendi a mão para o copinho.

– Ok, estou pronta – falei para Bethy, que pegou o seu copinho e sorriu.

Fiquei olhando enquanto ela o levava à boca e jogava a cabeça para trás. Fiz o mesmo.

Era muito bom. Só senti uma leve queimação na garganta. Gostava de limão. Pus o copo vazio sobre a mesa e sorri para Rush, que me observava.

– Coma – repetiu ele.

Tentei não rir para ele, mas não consegui me conter. Dei uma risada. Ele estava sendo ridículo.

Comi mais um pouco de batata frita e Bethy também estendeu a mão para pegar algumas.

– Conheci uns caras lá no bar. Apontei para você e eles estão olhando para a gente desde que eu sentei. Está pronta para fazer novos amigos?

Rush não se moveu na hora e comecei a pensar que ou ele a estava ignorando ou então iria me obrigar a comer mais. Por fim, ele deslizou do banco e se levantou.

Eu quis falar alguma coisa, qualquer coisa para fazer ele sorrir e parar de fazer cara feia, mas não soube o quê.

– Cuidado. Estou aqui se precisar de mim – sussurrou ele ao meu ouvido.

Eu apenas assenti. Senti um aperto no peito e tive vontade de voltar para aquela mesa ao lado dele.

– Vamos, Blaire. Está na hora de usar você para arrumar umas bebidas de graça e uns homens. Você é a comparsa mais gata que eu já tive. Vai ser divertido. Só não diga aos caras que você tem 19 anos. Diga a todo mundo que tem 21.

– Está bem.

Ela me puxou na direção de dois caras que estavam obviamente nos comendo com os olhos. Um deles era alto e tinha cabelos louros compridos presos atrás das orelhas. Parecia não fazer a barba havia alguns dias e o seu corpo tinha um aspecto impressionante por baixo da camisa de flanela justa. Ele olhou para mim,

olhou para Bethy, depois tornou a olhar para mim. Ainda não tinha se decidido.

O outro tinha cabelos castanhos curtos um pouco encaracolados e um par de olhos azuis bem bonitos. Daquele azul cristalino que dá vontade de suspirar. A camiseta branca não deixava muita coisa a cargo da imaginação e o seu peito largo era bom de olhar. Mais classe trabalhadora, impossível. Eu sabia reconhecer um jeans da Wrangler... aquela calça lhe caía bem. Seus olhos estavam cravados em mim, sem piscar nem desviar. Ele exibia um leve sorriso nos lábios e pensei que, no fim das contas, aquilo não iria ser tão ruim.

– Meninos, essa é a Blaire. Consegui tirá-la de perto do irmão e agora ela precisa de uma bebida.

O de cabelos escuros se levantou e estendeu a mão.

– Dalton. Prazer em conhecê-la, Blaire.

Segurei a sua mão e a sacudi.

– O prazer é meu, Dalton.

– O que você quer beber? – perguntou ele e um sorriso de aprovação se abriu no seu rosto.

– Ela quer uma vodca com suco de limão siciliano. É a bebida preferida dela – falou Bethy ao meu lado.

– Oi, Blaire. Eu sou o Nash – disse o louro, estendendo a mão para eu apertar.

– Oi, Nash.

– Certo, rapazes, sem briga. Nós somos duas. Calma, Nash. A inocência que ela irradia deixou você assanhado – disse Bethy com um tom irritado. – Venha dançar comigo e eu lhe mostro como meninas más podem satisfazer essa ânsia.

Toda a atenção de Nash estava agora concentrada em Bethy. Cobri a boca para conter uma risada. Que talento. Ela piscou o olho para mim e puxou Nash para a pista de dança.

– Que amiga essa sua. Ela se ofereceu para ficar com nós dois. Expliquei que não era chegado nesse tipo de coisa e ela apontou para você. Tudo que consegui ver foram os seus cabelos louros encaracolados, mas fiquei intrigado – falou Dalton, entregando a vodca com limão para mim.

– Obrigada. E, sim, Bethy é bem divertida. Foi ela quem me trouxe aqui hoje. É a minha primeira vez em um lugar como este.

Dalton meneou a cabeça na direção de Rush. Uma loura alta de pernas

compridas estava apoiada na borda da nossa mesa. Vi quando ele passou o dedo pela lateral da coxa dela. É, não tinha demorado muito...

– Foi por isso que o seu irmão veio junto hoje?

A pergunta de Dalton me fez lembrar por que eu estava ali. Desgrudei os olhos de Rush e da perna da garota.

– Hã, é... algo assim.

Levei o copo à boca e bebi depressa.

– Vamos... quero dizer, você quer dançar? – perguntei ao pousar o copo novamente sobre o bar.

Dalton se levantou para me levar até a pista. Bethy já pressionava o corpo contra o de Nash de uma forma que deveria ser proibida em público. Eu não iria dançar assim. Torci para Dalton não estar esperando isso.

Ele pegou as minhas mãos e as pôs em volta do próprio pescoço antes de me segurar pela cintura e me puxar mais para perto. Foi bom. Ou quase. A música era lenta e sensual. Não exatamente uma música que eu quisesse dançar com um desconhecido.

– Você mora por aqui? – perguntou Dalton, abaixando a cabeça até junto do meu ouvido para eu poder escutar.

Fiz que não com a cabeça.

– Eu moro a uns quarenta minutos daqui e acabei de me mudar. Sou do Alabama.

Ele sorriu.

– Então o sotaque do sul está explicado. Percebi que é mais carregado do que o das pessoas desta região.

A mão dele desceu um pouco mais pela minha cintura até os seus dedos roçarem a curva superior do meu bumbum. Isso me deixou um pouco preocupada.

– Está na faculdade? – perguntou ele, descendo mais um pouco a mão.

Balancei a cabeça.

– Não. Eu... hã, eu trabalho.

Vasculhei a pista à procura de Bethy, mas não a vi em lugar nenhum. Será que eles tinham ido embora? Por mais que detestasse fazer isso, olhei na direção da mesa reservada para ver se Rush ainda estava lá. A loura estava agora sentada à

mesa junto com ele, que tinha os olhos e talvez os lábios já em cima dela.

A mão de Dalton escorregou mais para baixo até ele segurar a minha bunda por completo.

– Nossa, menina, que corpo incrível – sussurrou ele no meu ouvido.

Alerta vermelho. Eu precisava de ajuda.

O quê? Desde quando eu precisava de ajuda? Fazia anos que não dependia de ninguém. Não precisava começar a bancar a indefesa agora. Pus as duas mãos no peito de Dalton e o empurrei para trás.

– Preciso de um pouco de ar puro e não gosto muito de desconhecidos apertando a minha bunda – falei, girando nos calcanhares para seguir em direção à porta.

Não queria voltar para a mesa e assistir Rush ficar com outra menina e, com certeza, ainda não queria arrumar outro parceiro de dança. Precisava de ar puro.

Ao sair para a escuridão do lado de fora, inspirei fundo e me apoiei na lateral do prédio. Talvez eu não fosse feita para aquele tipo de coisa. Ou talvez tudo estivesse acontecendo depressa demais. De toda forma, eu precisava de um descanso e de um novo par. Com Dalton não iria dar certo.

Capítulo 14

– Blaire?

O tom preocupado de Rush me espantou; abri os olhos depressa e os estreitei no escuro para vê-lo caminhando na minha direção.

– Oi – respondi.

– Não estava achando você. O que está fazendo aqui? Não é seguro.

Eu estava de saco cheio daquele papel de irmão mais velho. Sabia me virar sozinha. Ele precisava me dar mais espaço.

– Está tudo bem. Pode voltar lá e continuar com os seus amassos na mesa.

A amargura na minha voz era transparente. Não consegui evitar.

– Por que você está aqui? – repetiu ele devagar, dando outro passo na minha direção.

– Porque eu quero – respondi também devagar, olhando para ele com raiva.

– A festa é lá dentro. Não era isso que você queria? Um bar country com homens e bebidas? Se ficar aqui fora, vai perder.

– Rush, não chegue mais perto.

Ele deu outro passo na minha direção; agora, apenas uns dois centímetros nos separavam.

– Não. Quero saber o que aconteceu.

Alguma coisa dentro de mim deu um estalo e levei as duas mãos ao peito dele. Eu o empurrei com toda a minha força. Ele cambaleou um pouco.

– Quer saber o que aconteceu? VOCÊ, Rush. Foi isso que aconteceu.

Passei por ele pisando firme e comecei a andar em direção ao estacionamento escuro.

Uma pegada forte envolveu o meu braço e me deteve; dei um tranco para tentar me desvencilhar, mas não adiantou. Rush estava me segurando firme e não parecia disposto a me soltar.

– Que papo é esse, Blaire? – perguntou, puxando-me de volta até junto do seu

peito.

Eu me contorci, lutando contra o impulso de gritar. Detestava o jeito como o cheiro dele deixava o meu coração disparado e meu corpo latejando. Precisava que ele mantivesse a distância. Não que ficasse esfregando em mim aquele corpo delicioso.

– Me solta – disparei.

– Só quando você me disser qual é o problema – respondeu ele, zangado.

Eu me debati nos seus braços, mas ele não cedeu nenhum centímetro. Que coisa mais ridícula. Ele não queria ouvir o que eu tinha para dizer, mas mesmo assim eu queria falar. E sabia que iria afetá-lo. Que estragaria toda aquela sua ideia de amizade.

– Eu não gosto de ver você tocar outras mulheres. E detesto quando outros homens apertam a minha bunda. Quero que seja você a me tocar assim. Só que você não quer e eu preciso aceitar isso. Agora me solte!

Libertei-me com um safanão e corri em direção ao Range Rover. Podia ficar escondida ali até ele estar pronto para me levar para casa.

Meus olhos começaram a arder por causa das lágrimas e corri mais depressa. Quando cheguei ao carro, dei a volta até a lateral e me recostei ali, de olhos fechados. Acabara de dizer a Rush que queria que ele apertasse a minha bunda. Que burrice! Ele tinha me dado um quarto só meu e oferecido a sua casa até o meu pai voltar para eu poder juntar dinheiro. Agora eu acabara de lhe dar todos os motivos para me pôr para fora.

As travas do Range Rover se abriram com um clique e, quando abri os olhos, vi Rush vindo na minha direção a passos largos. Ele iria me levar para casa e me pôr para fora. Parou do meu lado e abriu a porta traseira com um tranco. Ele iria me obrigar a ir atrás. Que humilhação.

– Entre ou vou jogar você lá dentro – rosnou ele.

Eu me sentei no banco de trás antes que ele me empurrasse. Só que ele não fechou a porta comigo lá dentro. Pelo contrário: entrou atrás de mim.

– O que você está fazendo? – perguntei um segundo antes de ele me apertar contra o assento e tapar a minha boca com a sua.

Bastou um movimento da sua língua para eu abrir os lábios. O contato do metal dentro da minha boca era excitante. Nessa noite, o gosto de hortelã da boca de

Rush não estava misturado com mais nada; eu poderia passar horas saboreando aquele gosto sem me cansar.

Ele segurou os meus quadris com as duas mãos e me mudou de posição até uma das minhas pernas ficarem em cima do banco, com o joelho dobrado, e a outra ainda no chão. Separou as minhas pernas e se acomodou entre elas. Afastou a boca da minha e desceu pelo meu pescoço dando beijos ávidos. Quando deu uma mordidinha no meu ombro nu, uma onda de excitação percorreu o meu corpo.

Suas mãos então encontraram a barra da minha blusa.

– Tire isso – falou, e então puxou a roupa por cima da minha cabeça e a jogou sobre o banco da frente sem tirar os olhos do meu peito. – Tire tudo, Blaire. – Levou uma das mãos às minhas costas e, em menos de um segundo, abriu o meu sutiã, puxando-o pelos meus braços e jogando-o no banco da frente junto com a blusa. – Foi por causa disso que tentei ficar longe. Por causa disso, Blaire. Não vou conseguir parar, não agora.

Ele abaixou a cabeça e pôs um dos meus mamilos na boca. Chupou com força, e senti uma explosão entre as pernas. Dei um grito, agarrei os seus ombros e me segurei ali.

Vi quando ele pôs a língua para fora e fez o piercing de metal deslizar pela minha pele. Era a coisa mais erótica que eu já vira na vida.

– Você tem gosto de bala. Garotas não deveriam ter um gosto doce assim. Que perigo – sussurrou ele contra a minha pele, roçando o nariz no meu colo enquanto sorvia uma inspiração audível. – E o seu cheiro é incrível.

Os lábios dele tornaram a encontrar os meus enquanto uma das suas mãos grandes cobria o meu seio para apertá-lo de leve e, em seguida, beliscar o mamilo. Eu também queria sentir mais. Desci as mãos pelo seu peito e as enfiei por baixo da camiseta. Tinha olhado para aquele peito o suficiente para conhecer exatamente o seu aspecto. Agora queria saber qual era a sensação de tê-lo sob as mãos. A pele morna que cobria os seus músculos rijos era lisinha. Passei os dedos por cada dobra da sua barriga tanquinho e decorei aquela sensação. Não tinha qualquer garantia de que aquilo fosse se repetir, e queria tudo de uma vez.

Rush levou uma das mãos às costas e tirou a camiseta, que jogou para o lado antes de voltar a devorar os meus lábios. Levantei o corpo mais para perto dele. Nunca tinha ficado sem blusa com nenhum cara. Queria sentir o peito nu dele

contra o meu. Ele pareceu entender o meu desejo e apertou-me com força nos braços, puxando-me para junto de si. A umidade da sua boca tinha esfriado o meu seio, mas o calor da sua pele me surpreendeu.

Gritei e o puxei mais para perto, com medo de ele se afastar. Tinha conseguido o que queria desde que o vira na varanda com aquela menina. Era entre as minhas pernas que ele estava agora. Aquela era a minha fantasia.

– Doce Blaire – sussurrou ele, puxando o meu lábio inferior para dentro da boca e o chupando.

Mudei de posição debaixo dele para tentar posicionar o seu pau duro entre as minhas pernas. Eu latejava; queria sentir a ereção dele contra o corpo. Rush desceu a mão para acariciar o meu joelho, em seguida a fez subir pela parte interna da minha coxa. Deixei a perna abrir mais; queria-o mais perto ainda. O meu desejo aumentava e saber que a mão dele estava perto de onde vinha aquela sensação me deixava tonta.

Na hora em que ele deslizou o dedo pelo fundo da minha calcinha de seda, estremeci e soltei um gemido.

– Calma. Só quero ver se lá embaixo é tão doce quanto o resto – disse ele com uma voz rouca.

Tentei dizer alguma coisa, mas não consegui fazer mais nada a não ser me lembrar de respirar. Encarei os seus olhos cor de prata e os vi adquirir um brilho enevoado. Ele não desviou o olhar quando enfiou um dedo por baixo da borda de renda da minha calcinha.

– Rush – sussurrei, apertando o seu ombro sem tirar os olhos dos seus.

– Shh, está tudo bem – falou ele.

Eu não estava com medo. Ele estava tentando aliviar o meu medo, só que eu não sentia nenhum. A excitação e o desejo eram demais. Eu precisava que ele se apressasse. Alguma coisa ia aumentando dentro de mim que eu precisava alcançar. O desejo *latejante* crescia.

Ele enterrou a cabeça no meu pescoço e deixou escapar um longo e fundo suspiro.

– Que delícia – grunhiu.

Comecei a abrir a boca para lhe implorar que não parasse. Precisava dele. Precisava da liberação que sabia estar próxima.

Ele fez o dedo escorregar por cima do meu sexo molhado e senti os dedos dos pés se curvarem e o corpo se levantar de um jeito incontrolável. Foi quando o seu dedo me penetrou. Bem devagar. Gelei, com medo da sensação que viria a seguir. Seu dedo grosso foi entrando mais fundo e tive vontade de agarrar a mão dele e empurrá-la com mais força. Aquilo era bom demais. Demais.

– Caralho. Puta que pariu. Molhadinha, quentinha... tão quentinha. E, nossa, como você é apertada.

A respiração de Rush estava agora ofegante no meu pescoço e as coisas que ele me dizia só me deixavam mais excitada. Quanto mais safadas as suas palavras, mais o meu corpo reagia.

– Rush, por favor... – supliquei, controlando o impulso de segurar a mão dele e forçá-lo a aplacar o desejo que latejava sob o seu toque. – Eu preciso...

Eu não sabia do que precisava. Apenas precisava.

Ele levantou a cabeça, subiu com o nariz pelo meu pescoço e deu um beijo no meu queixo.

– Eu sei do que você precisa. Só não sei se vou conseguir aguentar ver quando conseguir. Você me deixou maluco, garota. Estou me esforçando muito para ser um bom rapaz. Não posso perder o controle no banco de trás de um carro, porra.

Balancei a cabeça. Ele não podia parar. Eu não queria que ele fosse um bom rapaz. Queria-o dentro de mim. Agora.

– Por favor, não seja um bom rapaz. Por favor – implorei.

Rush soltou uma expiração entrecortada.

– Caralho, gata. Pare com isso. Eu vou explodir. Vou lhe dar o que você quer, mas quando eu finalmente entrar em você pela primeira vez não vai ser esparramada na traseira do meu carro. Vai ser na minha cama.

Ele começou a mexer a mão antes de eu conseguir reagir e os meus olhos se reviraram nas órbitas.

– Isso. Goze para mim, doce Blaire. Goze na minha mão para eu sentir. Quero sentir você gozando.

Essas palavras me precipitaram pela beira do abismo que tanto vinha tentando alcançar.

– RUUUUSH!

Pude ouvir o grito alto que me escapou da boca enquanto eu me entregava à

mais completa felicidade. Sabia que o estava chamando, gritando o seu nome e talvez até o arranhando, mas não conseguia mais me controlar. O êxtase era demais.

– Ahhh, isso. Isso, assim. Porra, assim. Que linda você é.

As palavras dele me alcançavam, mas eu me sentia muito distante. Quando recobrei os sentidos, estava sem forças e com a respiração ofegante.

Eu me forcei a abrir as pálpebras para ver se o havia machucado com a minha reação descontrolada ao que sabia ser o meu primeiríssimo orgasmo. Já tinha ouvido falar muito a respeito, mas nunca conseguira ter um sozinha. Com certeza havia tentado algumas vezes, mas a minha imaginação não era suficiente. Depois dessa noite, estava certa de que isso não seria mais um problema. Rush acabara de me proporcionar material suficiente e ainda nem tinha tirado a calça.

Ergui os olhos e o vi me encarando, com o dedo na boca. Levei alguns instantes para entender que dedo era aquele. O arquejo chocado que acompanhou essa compreensão fez Rush dar uma risadinha enquanto tirava o dedo da boca e sorria.

– Eu tinha razão. Essa sua bocetinha quente é tão doce quanto o resto de você.

Se não estivesse tão exaurida, eu teria enrubescido. Tudo o que consegui fazer foi fechar os olhos com força outra vez. Ele riu mais alto ainda.

– Ah, doce Blaire, o que é isso? Você acabou de gozar gostoso na minha mão e deixou até uns arranhões nas minhas costas para servir de prova. Não vá se fazer de encabulada agora. Porque, gata, você vai estar nua na minha cama antes que esta noite acabe.

Entreabri os olhos para ele, torcendo para ter escutado direito. Eu queria mais daquilo. Muito mais.

– Vamos vestir você de novo, depois vou procurar Bethy e ver se ela quer carona ou se já encontrou um caubói para levá-la para casa.

Eu me espreguicei e consegui menear a cabeça.

– Está bem.

– Se eu não estivesse duro feito pedra, talvez ficasse aqui admirando essa expressão preguiçosa e satisfeita nos seus olhos. Gosto de saber que fui eu quem a provocou.

Capítulo 15

Rush não estava mentindo quando disse que queria me vestir: recolocou o meu sutiã e me deu um beijinho no ombro antes de enfiar a blusa pela minha cabeça.

– Prefiro que você fique aqui enquanto vou procurar a Bethy. Com esse ar satisfeito na cara, está para lá de sexy. Não quero acabar brigando com alguém.

Mais elogios. Não sabia se algum dia iria me acostumar com aquilo vindo dele.

– Eu vim aqui com a Bethy porque estava tentando incentivar a minha amiga a não transar com caras que nunca iriam considerá-la mais do que uma diversão. Aí você veio junto e olhe eu aqui no banco de trás do seu carro. Sinto que devo uma explicação a ela.

Rush demorou para responder. Passou algum tempo me estudando, mas no escuro não consegui ler muito bem a expressão do seu rosto.

– Estou tentando entender se a sua intenção é dizer que estava fazendo aquilo que a incentivou a não fazer. – Rush tornou a se inclinar por cima de mim e enfiou a mão nos meus cabelos. – Porque agora que eu provei não vou querer dividir. Isto aqui não é só diversão. Acho que estou ficando viciado.

Meu coração deu um pinote dentro do peito e eu respirei fundo. Nossa. Então tá. Ai, meu Deus. Rush abaixou a cabeça e me deu um selinho antes de passar a língua pelo meu lábio inferior.

– Hummm, é. Fique aqui. Vou pedir para a Bethy vir falar com você.

Balancei a cabeça. Ele se afastou de mim e, antes de eu conseguir recuperar o fôlego, já tinha saído pela porta e caminhava em direção ao bar.

Ele podia até pensar que estivesse viciado, mas não tinha ideia das sensações que havia provocado em mim. Pelo menos ele conseguia andar. Eu jamais teria sido capaz de me levantar assim tão cedo.

Eu me sentei, vesti a minha saia e escorreguei até junto da porta. Tinha que sair e passar para a frente, mas ainda não confiava plenamente nas minhas pernas. Será que aquilo era normal? Um cara podia fazer você se sentir daquele jeito?

Talvez houvesse algo de errado comigo. Eu não deveria estar reagindo assim a Rush... deveria?

Estava tendo um daqueles momentos em que realmente precisava de uma amiga mulher. A única que tinha era Bethy e estava quase certa de que ela não era a melhor pessoa para dar conselhos em matéria de homens. Eu precisava da minha mãe.

A dor que sempre surgia quando eu me lembrava dela voltou. Fechei os olhos para espantá-la. Não podia deixar aquela tristeza me dominar agora.

A porta se abriu e deparei com Bethy sorrindo para mim.

– Ora, ora, olha só para você... Se atracando com o maior gostosão de Rosemary no banco de trás do Range Rover dele. E eu achando que você queria um trabalhador.

Sua voz estava meio arrastada.

– Entre, Bethy, antes de cair de bunda no chão aqui fora – disse Rush atrás dela.

Olhei por cima do ombro da minha amiga. Ele estava com uma cara irritada.

– Eu não quero ir embora. Gostei do Earl. Ou será que o nome dele era Kevin? Não, espera, o que aconteceu com o Nash? Eu o perdi... acho que perdi... – Bethy não parou de tagarelar enquanto se acomodava no banco de trás.

– Quem são Earl e Kevin? – perguntei enquanto ela segurava o encosto de cabeça e, em seguida, se deixava cair no banco.

– Earl é casado. Disse que não era, mas é. Dá para ver. Os casados têm todos os mesmo cheiro.

Que papo era aquele?

A porta de Bethy se fechou e eu estava começando a fazer algumas perguntas para ela quando a do meu lado se abriu. Quando me virei, vi Rush ali em pé com a mão estendida para eu pegar.

– Não tente entender nada do que ela diz. Eu a encontrei no bar entornando uma rodada de seis doses de tequila que o Earl casado pagou para ela. Está loucaça.

Não era exatamente assim que eu tinha imaginado aquela noite. Pensara que os rapazes normais de uma cidade pequena fossem diferentes. Que talvez a tratassem com respeito. Mas, afinal, ela estava usando um short minúsculo de couro vermelho. Pus a mão dentro da de Rush e ele apertou a minha.

– Não precisa explicar nada hoje. Amanhã de manhã ela não vai nem lembrar.

Ele devia ter razão. Saltei do carro e ele me puxou em direção ao peito antes de fechar a porta atrás de mim.

– Quero uma provinha desses doces lábios, mas vou me segurar. Temos que levar Bethy para casa antes que ela passe mal – disse ele com um sussurro grave e rouco.

Concordei. Também queria que ele me beijasse, mas precisávamos levar Bethy para casa logo. Comecei a me afastar dele, mas os seus braços me apertaram com mais força.

– Estava falando sério quando disse aquilo mais cedo. Quero você na minha cama hoje à noite.

Mais uma vez, tudo o que consegui fazer foi assentir. Eu também queria estar na cama dele. No fim das contas, quando o assunto era homem, eu podia ser tão estúpida quanto Bethy. Rush me conduziu até o lado do carona e abriu a porta para mim.

– Foda-se aquela história de amigo – resmungou, segurando-me pela cintura para me ajudar a subir.

Sorrindo, observei-o dar a volta outra vez na frente do Range Rover e subir.

– Está sorrindo por quê? – perguntou ele depois de se acomodar ao volante.

Dei de ombros.

– "Foda-se aquela história de amigo." Achei engraçado.

Ele deu uma risadinha e balançou a cabeça antes de dar a partida no carro e sair do estacionamento agora lotado.

– Eu sei uma coisa que você não sabe. Sei, sim. Sei, sim – cantarolou Bethy.

Eu me virei para encará-la. Ela não estava sorrindo; seu rosto exibia uma expressão que se pretendia séria.

– Eu sei uma coisa – falou ela bem alto.

– Já escutei – respondi e olhei de relance para Rush, que não parecia estar achando a menor graça. Ele não era fã da Bethy embriagada.

– Um segredo grande. Enorme... e eu sei. Não era para saber, mas sei. Sei uma coisa que você não sabe. Você não sabe. Não sabe – recomeçou ela.

Perguntei o que ela sabia, mas Rush falou primeiro.

– Chega, Bethy.

Seu alerta foi claro. A frieza da sua voz chegou a me causar um arrepio.

Bethy uniu os lábios e fez o gesto de quem gira uma chave e depois joga fora.

Tornei a me virar para a frente pensando se ela saberia alguma coisa que eu devesse saber. Rush certamente estava agindo como se fosse o caso; parecia prestes a parar o carro e jogá-la para fora.

Como ele começou a mexer no rádio para tentar encontrar uma música, resolvi ficar quieta. Ele estava chateado porque Bethy sabia alguma coisa que não deveria saber.

Rush tinha muitos mistérios. Havia coisas das quais se recusava a falar. Nós sentíamos atração um pelo outro, mas nem por isso ele precisava me contar todos os seus segredos. Ou será que precisava? Não! É claro que não. Mas perguntei-me outra vez se estava disposta a dar uma parte de mim mesma a alguém que não conhecia de verdade. Ele era tão fechado. Será que eu conseguiria fazer aquilo com ele sem me envolver? Não tinha certeza.

Ele cobriu a minha mão com a sua. Quando me virei, vi que estava de olho na estrada, mas perdido em pensamentos. Tive vontade de perguntar, mas não estávamos nesse ponto ainda. Talvez nunca chegássemos lá. Será que eu deveria entregar a minha virgindade a um cara que, pouco tempo depois, sairia da minha vida sem qualquer esperança de algo mais?

– Essa vez foi a melhor de todas. Adoro trabalhadores. Eles são tão divertidos – disse Bethy do banco de trás com a voz arrastada. – Você deveria ter procurado mais, Blaire. Teria sido mais inteligente. Rush não é uma boa ideia... porque sempre haverá Nan.

Nan? Eu me virei para olhar para Bethy. Minha amiga estava de olhos fechados e boca aberta. Roncou suavemente e entendi que nessa noite não teria nenhuma explicação para o seu comentário. Pelo menos não dada por ela.

Tornei a me virar para Rush, que havia largado a minha mão e agora segurava com firmeza o volante. Tinha também o maxilar contraído. Qual era a questão com a sua irmã? Nan era a sua irmã, não era?

– Nan é a sua irmã? – perguntei, observando-o em busca de alguma reação.

Rush apenas meneou a cabeça, sem dizer mais nada. Era a mesma reação da última vez em que eu a havia mencionado: ele se fechou por completo.

– Então o que a Bethy quis dizer? Em que o fato de a gente transar afetaria Nan?

O corpo inteiro de Rush estava tenso, mas ele não parecia querer dizer nada. Senti um peso no coração. Aquele segredo, fosse qual fosse, nos impediria de fazer qualquer outra coisa. Era importante demais para ele e, portanto, um alerta vermelho para mim. Se ele era incapaz de me contar algo que até mesmo Bethy sabia, nós tínhamos um problema.

– Nan é a minha irmã mais nova. Eu não... não posso falar sobre ela com você.

O jeito como ele disse "você" fez o meu estômago se revirar. Havia algum problema ali. Quis fazer mais perguntas, mas a tristeza e o sentimento de perda que se apoderaram de mim quando entendi que não iria dormir na cama dele nessa noite nem em qualquer outra me impediram. Aquele assunto não me deixaria chegar perto demais de Rush. Jamais deveria ter deixado ele me tocar como fizera mais cedo. Não quando ele podia me descartar com tanta facilidade.

Ficamos em silêncio até chegarmos à sede administrativa do clube. Rush saltou do Range Rover sem dizer nada e acordou Bethy. Em seguida, ajudou-a a entrar. A porta estava trancada, mas Bethy tinha a chave. Havia resmungado alguma coisa sobre passar a noite ali, senão o seu pai iria matá-la. Não fui ajudá-la; não tinha energia. Só queria ir para a cama – minha caminha debaixo da escada, não para a cama nova que me aguardava.

Ao voltar para o carro, Rush continuou calado. Tentei entender por que ele se fechava daquele jeito sempre que o assunto era Nan e o que o comentário de Bethy poderia significar, mas nada fez sentido. Poucos minutos mais tarde, entramos na garagem de quatro carros. Assim que ele pôs a alavanca na posição de estacionar, desci. Não o esperei e fui até a porta, mas como estava trancada tive que aguardar ele vir destrancá-la.

Capítulo 16

Rush abriu a porta e recuou para eu poder passar. Entrei na casa e segui na direção da cozinha.

– Seu quarto agora é lá em cima – disse ele, rompendo o silêncio.

Eu sabia disso, mas estava distraída com outra coisa. Eu me virei e me encaminhei para a escada. Ele não me seguiu. Quis olhar para trás e ver o que ele estava fazendo, mas não consegui.

– Eu tentei ficar longe de você.

As palavras dele soaram sombrias. Parei e tornei a me virar para encará-lo lá embaixo; ele estava em pé no primeiro degrau da escada, com os olhos erguidos para mim. A expressão sofrida do seu rosto me deu um aperto no coração.

– Naquela primeira noite, tentei me livrar de você. Não porque você me desagradasse. – Ele deixou escapar uma risada dura e amarga. – Mas porque eu sabia. *Sabia* que ficaria a fim de você. Que não conseguiria manter distância. Talvez eu a tenha detestado um pouquinho nessa hora, por causa da fraqueza que você conseguiria encontrar em mim.

– O que há de tão errado em você ficar a fim de mim? – perguntei. Precisava que ele me respondesse pelo menos isso.

– É que você não sabe tudo e eu também não posso contar. Não posso revelar os segredos de Nan. São dela. Blaire, eu amo Nan. Durante a vida inteira eu a amei e protegi. Ela é a minha irmã mais nova. É isso que eu faço. Mesmo que eu queira você como nunca quis nada na minha vida, não posso revelar os segredos da Nan.

Cada palavra que saía da sua boca parecia estar sendo arrancada lá de dentro. Nan era mesmo a sua irmã e esse tipo de lealdade e amor eu entendia. Se pudesse, teria morrido por Valerie. Ela era só quinze minutos mais nova do que eu, mas eu teria feito tudo o que ela precisasse. Nenhum cara, nenhuma outra emoção, poderia ter me levado a traí-la.

– Isso eu entendo. Tudo bem. Não deveria ter perguntado. Desculpe.

Eu estava arrependida. Tinha me intrometido na vida dele e na da sua irmã. É claro que o que Bethy sabia, fosse o que fosse, era algo que eu não deveria saber. Se ela achava que a necessidade que Rush tinha de proteger a irmã seria uma questão entre nós, estava enganada.

Ele fechou os olhos com força e murmurou alguma coisa. Algo o estava atormentando. Talvez aquela situação tivesse despertado uma lembrança ruim. Por mais que eu quisesse descer lá e lhe dar um abraço, sabia que nesse exato instante não era bem-vinda. Tinha estragado tudo.

– Boa noite, Rush – falei e subi a escada.

Dessa vez não olhei para trás. Fui direto para o meu quarto.

Com as janelas do andar de cima, não havia como não perceber quando amanhecia; não era preciso nenhum despertador. O sol tinha me acordado uma hora antes do alarme tocar. Tomei uma ducha e me vesti sem pressa, agora que tinha um banheiro contíguo e mais espaço para me mover.

Não estava com disposição para comer a comida de Rush de manhã. Na verdade, não estava com disposição para comer nada, mas tinha que trabalhar dois turnos, então precisava de comida. Daria uma passada no café para uma dose de cafeína e um muffin. Era nossa responsabilidade manter lavadas e passadas a saia de linho preta curta e a blusa de algodão branco de botão que usávamos como uniforme ao trabalhar no salão do clube. Na véspera, eu dedicara algumas horas a passar a ferro as poucas peças que tinha em casa.

Calcei os tênis e desci. Ainda não ouvira nenhuma atividade no andar de cima, por isso sabia que Rush não estava acordado. Pela primeira vez, fiquei grata por não ter que encontrá-lo. Depois de uma noite de sono, os acontecimentos da véspera me deixavam envergonhada.

Eu não somente havia deixado Rush me tocar em lugares que jamais deixara ninguém tocar como depois tinha me comportado feito uma doida enxerida. Devia desculpas a ele, mas ainda não estava pronta para me desculpar.

Fechei a porta da frente sem fazer barulho e fui até a picape. Pelo menos só voltaria para casa depois de escurecer. Não precisava encarar Rush pelas próximas doze horas.

Quando cheguei, Jimmy já estava na sala dos funcionários, de avental. Depois

de sorrir para mim, fez um biquinho com os lábios.

– Xi, parece que alguém não teve uma boa manhã.

Eu não podia contar os meus problemas para Jimmy; ele também conhecia os envolvidos. Tinha que guardar tudo aquilo para mim.

– Não dormi muito bem – falei.

Ele fez um muxoxo.

– Que pena. Dormir é uma coisa tão bela.

Assenti e bati o meu ponto.

– Estou sozinha hoje? – perguntei.

– Claro. Bastou você me seguir por duas horas para aprender tudo. Deve tirar de letra o dia de hoje.

Fiquei feliz por alguém pensar isso de mim. Peguei uma prancheta de pedidos e uma caneta e as guardei no bolso do avental preto.

– Hora do café da manhã – disse Jimmy com uma piscadela antes de abrir a porta que dava para o salão. – Epa, parece que o patrão está na mesa oito com amigos. Por mais que eu fosse adorar ir lá manjar aquelas bundas bonitas, eles vão preferir você. Vou servir as mamães madrugadoras do tênis na dez. Elas são boas de gorjeta.

O que eu menos queria nessa manhã era servir Woods e os seus amigos, mas não podia discutir com Jimmy. Ele tinha razão: receberia gorjetas melhores das mulheres. Elas o adoravam.

Fui até a mesa dos rapazes. Woods ergueu os olhos para mim e sorriu.

– Você fica muito melhor aqui – falou quando parei na frente deles.

– Obrigada. É bem mais fresco – respondi.

– Blaire subiu na vida. Talvez eu tenha que vir comer mais aqui – disse o louro encaracolado cujo nome eu ainda não sabia.

– Talvez isso seja muito bom para o movimento – concordou Woods.

– Como foi a sua noite com Bethy? – indagou Jace. Sua voz tinha um leve traço de agressividade. Aparentemente, ele me culpava pelo comportamento dela, mas eu não estava nem aí. Para mim ele era um zero à esquerda.

– Foi divertido. O que desejam beber? – perguntei, mudando de assunto.

– Café, por favor – entoou o louro.

– Ok, entendi. Assunto proibido. Código de amizade feminina, essas paradas.

Vou querer um suco de laranja – falou Jace.

– Café para mim também – disse Woods.

– Já volto com as bebidas – respondi e, quando virei as costas, vi que havia mais duas mesas ocupadas.

Como Jimmy já estava atendendo uma delas, fui na direção da outra. Levei um segundo para perceber quem estava sentado ali. Meus pés pararam de se mexer e fiquei olhando Nan jogar os longos cabelos louros arruivados para trás do ombro e me olhar de cara feia. Procurei por Jimmy, que terminava de anotar os pedidos de bebida da segunda mesa. Eu tinha que fazer aquilo. Estava sendo boba. Ela era a irmã de Rush.

Forcei os meus pés a se moverem e fui até lá. Nan estava acompanhada por outra menina que eu nunca tinha visto antes, tão glamourosa quanto ela.

– Webster deve estar deixando qualquer um trabalhar aqui hoje em dia. Preciso dizer a Woods para falar com o pai dele sobre ser mais seletivo com os empregados – disse ela devagar, e alto.

Senti o rosto esquentar e soube que estava vermelha. Nesse exato momento, precisava apenas provar que era capaz de fazer aquilo. Nan me odiava por motivos que eu desconhecia. A menos, é claro, que Rush tivesse dito para ela que eu andara metendo o bedelho nos seus assuntos. Não parecia algo que ele fosse fazer, mas eu não o conhecia tão bem assim. Não mesmo.

– Bom dia, em que posso ajudá-las? – perguntei o mais educadamente possível.

A outra menina deu uma risadinha sarcástica e abaixou a cabeça. Nan me lançou um olhar raivoso, como se eu fosse algo repugnante.

– Em nada. Eu espero ser servida por alguém com mais classe quando venho comer aqui. Você não serve.

Tornei a olhar para ver se achava Jimmy, mas ele tinha sumido. Nan podia até ser a irmã mais nova de Rush, mas era uma tremenda de uma vaca. Se eu não precisasse tanto daquele emprego, diria a ela para ir se catar e iria embora.

– Algum problema aqui? – perguntou a voz de Woods atrás de mim.

Pela primeira vez desde que o conhecia, fiquei aliviada com a sua presença.

– Tem, sim. Você contratou uma vagaba. Quero que a mande embora. Eu pago caro demais como sócia deste clube para tolerar esse tipo de serviço.

Seria porque eu estava morando na casa do seu irmão? Será que ela odiava o

meu pai também? Eu não queria que ela me odiasse, pois nesse caso Rush jamais se abriria comigo.

– Nannette, você nunca pagou para ser sócia daqui. Só frequenta o clube porque o seu irmão deixa. Blaire é uma das melhores funcionárias que já tivemos e nenhum outro sócio pagante reclamou. Com certeza não o seu irmão. Sendo assim, querida, pode recolher as garras e descer do salto. – Woods estalou os dedos e Jimmy se aproximou depressa da nossa mesa. Devia ter saído da cozinha durante a discussão e eu não tinha percebido. – Jim, por favor, pode atender Nan e Lola? Parece que Nan tem algum problema com Blaire e não quero que Blaire seja forçada a servi-la.

Jimmy assentiu. Woods me segurou pelo cotovelo e me conduziu de volta em direção à cozinha. Eu sabia que estávamos chamando a atenção, mas não liguei. Estava apenas muito grata por me afastar dos observadores curiosos e poder respirar um pouco.

Assim que a porta da cozinha se fechou atrás de mim, tornei a respirar normalmente.

– Blaire, eu só vou dizer isso uma vez. Você me deu um bolo outra noite na casa do Rush e não tive que perguntar o motivo: bastou saber que ele havia sumido para entender. Você tinha tomado a sua decisão e resolveu recuar. Mas o que aconteceu aqui hoje foi só um gostinho. O veneno daquela vaca é poderoso. Ela é amargurada e feroz e, quando chegar a hora de escolher, Rush vai optar por ela.

Eu me virei e o encarei, sem entender direito o que ele estava querendo dizer. Com um sorriso triste, Woods soltou o meu cotovelo e voltou para o salão. Ele também conhecia o segredo; tinha que conhecer. Aquilo ainda iria me deixar maluca. Que história tão importante seria aquela?

Capítulo 17

Abri a porta da picape com força, satisfeita por ter chegado ao fim daquele dia. Meu olhar foi atraído por uma caixinha preta e um bilhete que estavam em cima do banco do motorista. Estendi a mão e peguei o papel.

Blaire,

Isto é um celular, você precisa ter um. Falei com o seu pai e ele me pediu que comprasse para você. É um presente dele. As ligações e torpedos são ilimitados, pode usar o quanto quiser.

Rush

Meu pai tinha dito a Rush para me comprar um telefone? Sério mesmo? Abri a caixa. Guardadinho lá dentro havia um iPhone branco, com capinha dura e tudo. Peguei o aparelho e passei alguns segundos o estudando. Apertei o pequeno botão redondo na parte inferior e a tela se acendeu. Meu pai não me dava um presente desde o meu aniversário anterior à sua partida. Antes de Valerie morrer. Tinha dado uma scooter elétrica com capacete para cada uma.

Entrei na picape e fiquei segurando o celular. Será que podia ligar para o meu pai com aquilo? Seria bom se ele me explicasse por que não estava em casa. Por que tinha me mandado para um lugar em que eu não era bem-vinda? Ele conhecia Nan? Certamente devia saber que ela não me aceitaria. Além do mais, se ela era irmã de Rush, era também minha irmã postiça. Seria por isso que estava com tanta raiva? Porque eu tinha crescido com menos dinheiro do que ela? Nossa, que garota cruel.

Abri os contatos e vi que só havia três números salvos no aparelho. O primeiro era de Bethy, o segundo de Darla, e o terceiro de Rush. Ele tinha gravado o próprio número no meu celular. Fiquei espantada.

Nessa hora, o telefone começou a tocar uma música do Slacker Demon que eu já tinha ouvido no rádio e o nome de Rush apareceu na tela. Ele estava me ligando.

– Alô – atendi, sem saber muito bem como interpretar aquilo.

– Estou vendo que encontrou o celular. Gostou? – perguntou Rush.

– Gostei, é bem legal. Mas por que o meu pai queria que eu tivesse um celular?

Ele não tinha ligado muito para nada que eu tivesse precisado ao longo dos anos. Aquilo parecia banal.

– Por segurança. Toda mulher precisa ter um celular. Principalmente aquelas que dirigem carros com mais idade do que elas. Essa sua picape pode quebrar a qualquer momento.

– Eu ando armada – lembrei a ele.

Ele deu uma risadinha.

– Eu sei, valentona. Mas não dá para rebocar a picape com uma pistola.

Verdade.

– Você está vindo para casa?

O jeito como ele disse "casa", como se a casa dele também fosse minha, me fez sentir um calor por dentro. Mesmo que o significado não fosse esse.

– Estou, se não tiver problema. Posso fazer outra coisa se você quiser que eu não vá.

– Não. Eu quero que você venha. Fiz comida.

Ele tinha feito comida? Para mim?

– Ah, tudo bem. Chego daqui a pouco, então.

– Até já – disse ele e desligou.

Rush estava se comportando de maneira muito estranha outra vez.

Quando entrei na casa, minhas narinas foram inundadas pelo cheiro característico do tempero usado em tacos mexicanos. Fechei a porta e fui até a cozinha. Se aquilo fosse mesmo comida mexicana caseira, eu ficaria seriamente impressionada.

Rush estava de costas quando entrei. Cantarolava uma canção que saía do sistema de som e não reconheci; era mais suave e mais lenta do que as que ele geralmente escutava. Sobre a bancada havia uma garrafa aberta de Corona com um gomo de limão no gargalo; eu tinha servido várias assim no campo de golfe.

– Que cheiro bom – comentei.

Rush olhou por cima do ombro e um sorriso se abriu lentamente no seu rosto.

– Não é? – retrucou ele, limpando as mãos no pano de prato ao seu lado. Pegou

a Corona e me entregou. – Tome, beba. As enchiladas estão quase prontas. Tenho que virar as quesadillas, elas precisam de mais alguns minutos. A gente deve poder jantar daqui a pouco.

Levei a Corona aos lábios e dei um golinho, sobretudo para tomar coragem. Não era assim que havia imaginado o nosso encontro seguinte. Rush era um enigma que eu talvez jamais viesse a compreender.

– Tomara que você goste de comida mexicana – disse ele, tirando as enchiladas do forno.

Rush Finlay não parecia um homem que gostasse de cozinhar, mas, nossa, como ficava sexy fazendo isso.

– Adoro – respondi. – Devo dizer que estou realmente impressionada com o fato de você saber cozinhar.

Ele ergueu os olhos para mim e deu uma piscadela.

– Tenho uma porção de talentos que deixariam você chocada.

Eu não duvidava. Tomei um gole maior da Corona.

– Calma, menina. Você precisa comer alguma coisa. Quando falei para beber, não quis dizer virar o troço todo.

Aceitei a sua sugestão e enxuguei a gotinha presa ao meu lábio inferior. Rush me observou com atenção. Seu olhar fez a minha mão tremer um pouco.

Ele desviou os olhos depressa e começou a tirar as quesadillas da frigideira. Depositou-as sobre uma travessa cheia de tacos duros e moles. Havia até burritos. Ele havia preparado um pouco de cada coisa.

– O resto já está na mesa. Pegue uma Corona para mim na geladeira e venha comigo.

Fiz depressa o que ele pedira e fui atrás dele. Rush não parou na sala de jantar, mas saiu para a ampla varanda com vista para o mar. Duas lâmpadas a querosene posicionadas no meio da mesa nos proporcionavam uma luz de velas que nunca se apagaria.

– Pode sentar, vou servi-la – disse ele, acenando para eu me sentar na cadeira mais próxima.

Só havia duas na varanda.

Eu me sentei e Rush começou a servir um pouco de cada coisa no meu prato. Ele pousou a travessa e pôs no meu colo o guardanapo que estava ao lado do meu

prato. Sua boca chegou tão perto da minha orelha que o hálito morno me causou um calafrio.

– Quer outra cerveja? – sussurrou ele no meu ouvido antes de se levantar.

Fiz que não com a cabeça. Não poderia beber se ele ficasse agindo assim. Meu coração já estava batendo enlouquecido. Assim eu não conseguiria engolir nada.

Rush pegou uma cerveja e se acomodou na cadeira à minha frente. Fiquei observando enquanto ele encarava o próprio prato, depois erguia os olhos para mim.

– Se estiver horrível, não precisa dizer. Meu ego não vai suportar.

Eu tinha certeza de que nada do que ele pudesse preparar estaria ruim. Sorri, empunhei o garfo e a faca e cortei um pedacinho da enchilada que ele tinha posto no meu prato. Não havia hipótese de eu comer tudo, mas podia provar um pouquinho de cada coisa.

Bastou a comida encostar na minha língua para eu me espantar: estava tão gostosa quanto qualquer uma preparada em restaurantes mexicanos. Sorri e olhei para Rush.

– Está uma delícia e não posso dizer que estou surpresa.

Ele pôs uma garfada na boca e deu um sorriso torto. Seu ego era inabalável; talvez até fosse bom se desinflasse um pouquinho. Comecei a provar as outras comidas e percebi que estava com mais fome do que pensava. Estava tudo tão bom que eu não quis desperdiçar nada.

Depois da quarta prova de cada coisa no meu prato, soube que tinha que parar. Tomei um gole de cerveja e me recostei na cadeira. Rush também bebeu para ajudar a engolir a comida. Depois de terminar, pousou a garrafa sobre a mesa e o seu olhar ficou sério. Pronto. Agora iríamos falar sobre a noite anterior. Minha vontade era esquecer tudo, principalmente porque a noite agora estava sendo tão agradável.

– Sinto muito pelo jeito como a Nan tratou você hoje – disse ele com uma voz emocionada, sincera.

– Como é que você ficou sabendo? – perguntei, sentindo-me subitamente pouco à vontade.

– O Woods me ligou. Disse que a Nan seria convidada a se retirar do clube da próxima vez que fosse grossa com um funcionário.

Woods era um cara legal. Às vezes podia ser meio exagerado nas suas abordagens, mas era um bom chefe. Assenti.

– Ela não deveria ter falado com você daquele jeito. Conversei com ela. Ela prometeu que isso não vai se repetir. Mas quero que me avise caso aconteça em algum outro lugar, por favor.

Então aquele jantar era um pedido de desculpas pelo mau comportamento da sua irmã mais nova, não uma reconciliação entre nós dois. Não era um encontro romântico como a minha imaginação dera um jeito de inventar. Rush estava apenas se desculpando por Nan.

Empurrei a cadeira para trás e peguei o meu prato.

– Obrigada. Fico grata pelo seu gesto, foi muito gentil da sua parte. Garanto que não pretendo ir correndo contar para o Woods se a Nan tornar a ser grossa comigo. Ele só presenciou a cena de hoje por acaso. – Peguei a minha cerveja. – Estava tudo ótimo, muito agradável depois de um dia de trabalho. Muito obrigada.

Não o encarei. Tudo o que queria era me afastar.

Entrei depressa na casa, passei uma água no prato e o pus na lava-louça, depois enxaguei a garrafa de Corona e a joguei no lixo reciclável.

– Blaire – disse Rush atrás de mim, surgindo de repente ao meu lado e me encurralando.

Ele pôs as mãos de um lado e outro da bancada, e tudo o que pude fazer foi ficar parada olhando para a pia na minha frente. Seu corpo rijo e quente roçou as minhas costas, e mordi a língua para conter um gemido. Não o deixaria ver o quanto ele me afetava.

– O jantar não foi uma tentativa de me desculpar por Nan. Foi uma tentativa de me desculpar por mim mesmo. Sinto muito por ontem. Passei a noite inteira acordado querendo que você estivesse comigo, querendo não ter afastado você. Eu afasto as pessoas, Blaire. É um mecanismo de proteção que eu tenho. Mas de você eu não quero me afastar.

O mais inteligente seria me afastar e mantê-lo à distância; Rush não era nem jamais seria o Príncipe Encantado de alguém. Eu não podia me permitir pensar que ele era o homem que iria me amar e me proteger. Ele nunca seria esse cara. Só que o meu coração já tinha se afeiçoado um pouco a ele. Não que isso fosse

durar para sempre, mas nesse instante eu quis que ele fosse o meu primeiro. Não seria o meu último; seria apenas uma etapa no caminho da minha vida, etapa que eu talvez nunca viesse a esquecer ou superar. Era isso que mais me assustava: não ser capaz de seguir em frente.

Ele levantou a mão, afastou os cabelos da lateral do meu pescoço e beijou a curva do meu ombro.

– Por favor, me perdoe. Eu só quero mais uma chance, Blaire. Quero você.

Rush seria o meu primeiro homem. Aquilo parecia certo. Bem lá no fundo, eu sabia que ele devia ser o cara a me ensinar as coisas da vida, mesmo que no final acabasse partindo o meu coração. Eu me virei nos seus braços e o enlacei pelo pescoço com as duas mãos.

– Eu o perdoo com uma condição – falei, fitando os seus olhos emocionados que me faziam esperar muito mais.

– Ok – respondeu ele, cauteloso.

– Quero ficar com você hoje. Chega de joguinhos. Chega de esperar.

A expressão preocupada sumiu na hora dos seus olhos e foi substituída por um brilho ávido.

– Nossa, claro – grunhiu ele, puxando-me para junto de si.

Capítulo 18

Rush não começou com delicadeza: sua boca foi firme, exigente. Isso me agradou. Foi romântico, foi real. Além disso, ele estava usando o piercing na língua. Eu não tinha reparado mais cedo, mas agora senti. Aquele negocinho tornava cada movimento da sua língua atrevido. Era como saborear algo que eu sabia ser proibido.

Ele segurou o meu rosto com as duas mãos. O ritmo dos seus beijos diminuiu, e ele então se afastou sem soltar o meu rosto.

– Venha comigo até lá em cima. Quero lhe mostrar o meu quarto. – Ele deu um sorriso safado. – E a minha cama.

Concordei e ele soltou o meu rosto. Segurou a minha mão, entrelaçou os dedos nos meus e apertou. Sem dizer nada, ele me conduziu escada acima puxando com delicadeza, tamanha a sua pressa. Quando chegamos ao primeiro andar, ele me imprensou contra a parede e me beijou com sofreguidão, mordiscando os meus lábios e acariciando a minha língua com a sua. Recuou um pouco e respirou fundo.

– Ainda falta um lance – falou, com a voz rouca, empurrando-me em direção à porta no final do corredor.

Passamos pelo meu quarto e ele fez uma pausa. No início pensei que talvez quisesse entrar lá, mas ele só parou quando chegamos à porta estreita no fim do corredor. Será que ali ficaria a escada que levava ao seu quarto? Ele sacou uma chave, destrancou e abriu a porta, em seguida acenou para eu passar.

Os degraus eram de madeira maciça como os da outra escada, mas eram íngremes e ladeados por paredes.

Quando cheguei ao último degrau, congelei. A vista era de tirar o fôlego. O luar refletido no mar proporcionava ao quarto o fundo mais espetacular que se poderia imaginar.

– Foi por causa deste quarto que falei para minha mãe comprar a casa. Mesmo

aos 10 anos de idade, já sabia que era um quarto especial – sussurrou Rush atrás de mim enquanto me abraçava pela cintura.

– É incrível – sussurrei.

Tive a sensação de que, se falasse alto demais, iria estragar o instante.

– Nesse dia, liguei para o meu pai e disse que tinha encontrado uma casa em que gostaria de morar. Ele transferiu o dinheiro e a minha mãe comprou o imóvel. Como ela adorava a localização, era aqui que a gente passava os verões. Ela tem uma casa em Atlanta, mas prefere esta.

Ele estava falando sobre si, sobre a sua família. Estava tentando. Derreti mais um pouco. Deveria impedi-lo de se insinuar ainda mais para dentro do meu coração; não queria sofrer quando tudo terminasse e ele fosse embora. Mas queria saber mais a seu respeito.

– Eu nunca iria querer sair daqui – falei, com toda sinceridade.

Ele beijou de leve a minha orelha.

– Ah, mas você não viu o meu chalé em Vale nem o meu apartamento em Manhattan.

Não, eu não tinha visto nem nunca veria, mas podia imaginá-lo nesses lugares. Tinha assistido bastante a séries e filmes na televisão para saber como deviam ser. No inverno, podia visualizá-lo diante de uma lareira acesa em um luxuoso chalé nas montanhas, com o chão lá fora coberto de neve. Ou então relaxando no apartamento com vista para Manhattan. Talvez da janela desse para ver a grande árvore de Natal que eles montavam na cidade todos os anos.

Rush me virou para a direita até eu ficar de frente para uma cama king size. Era toda preta, tanto a cama quanto a colcha que a cobria. Até os travesseiros eram pretos.

– E essa é a minha cama – disse ele, conduzindo-me até lá com as mãos nos meus quadris.

Eu não iria pensar em todas as garotas que já tinham estado ali antes de mim. Não iria pensar. Fechei os olhos e bloqueei totalmente essa ideia.

– Blaire, mesmo que a gente só se beije ou converse, não tem problema. Eu só queria que você subisse aqui. Para ficar pertinho de mim.

Meu coração cedeu mais um pouco. Eu me virei para encará-lo.

– Você não está falando sério. Já vi você em ação, Rush Finlay. Não traz garotas

para este quarto imaginando que vão só conversar.

Tentei soar provocante, mas a minha voz falhou quando mencionei as outras garotas.

Ele franziu o cenho.

– Blaire, eu não trago ninguém aqui para cima.

Como assim? É claro que trazia.

– Na primeira noite em que cheguei, você disse que a sua cama estava lotada – lembrei-lhe.

Ele deu um sorriso de ironia.

– Sim, porque eu estava dormindo nela. Não trago garota nenhuma para cá. Não quero desonrar este espaço com sexo sem importância. Eu adoro este quarto.

– No dia seguinte de manhã tinha uma menina aqui na casa. Você a tinha deixado na cama e ela desceu de calcinha e sutiã para procurá-lo.

Rush pôs uma das mãos debaixo da minha camiseta e começou a afagar as minhas costas com pequenos gestos circulares.

– O primeiro quarto à direita é onde Grant dormia até os nossos pais se divorciarem. Eu agora o uso como abatedouro. É para lá que levo as garotas, não para cá. Nunca aqui. Você é a primeira. – Ele fez uma pausa e os seus lábios ameaçaram um sorriso. – Bem, eu deixo Henrietta subir uma vez por semana para fazer a faxina, mas juro que não rola sacanagem nenhuma entre a gente.

Será que aquilo queria dizer que eu era especial? Que não era uma de muitas? Meu Deus, tomara que sim. Não... tomara nada. Eu precisava cair na real. Ele não demoraria a me deixar. Os nossos mundos não convergiam; nem sequer se aproximavam.

– Por favor, me beije – falei, ficando na ponta dos pés e encostando a boca na dele antes que ele conseguisse protestar ou sugerir de novo que conversássemos. Eu não queria conversar. Se conversássemos, iria querer mais.

Rush me empurrou para cima da cama e cobriu o meu corpo com o seu enquanto enroscava a língua na minha. Desceu as mãos pelas laterais do meu corpo até encontrar os joelhos, abriu as minhas pernas e se acomodou entre elas.

Eu queria senti-lo mais. Agarrei a sua camiseta com as duas mãos e puxei. Ele entendeu a indireta e interrompeu o beijo por tempo suficiente para tirá-la e

jogá-la para o lado. Dessa vez eu tinha espaço para explorar o seu corpo. Alisei os seus braços e os bíceps saltados e durinhos. Depois levei as mãos ao peito e corri os dedos por sua barriga, suspirando de prazer com a sensação de cada músculo rijo. Escorreguei as mãos para cima, contornei com o polegar cada um dos peitorais trabalhados e senti os mamilos se retesarem. Nossa, como ele era gostoso!

Rush recuou e começou a desabotoar a camisa branca do meu uniforme com gestos quase frenéticos. Depois de abrir o último botão, afastou o tecido para trás e puxou o meu sutiã para baixo até os meus seios pularem dos bojos de renda que os cobriam.

Ele pôs a língua para fora e acariciou um dos mamilos com a ponta. Passou para o outro e fez a mesma coisa antes de abaixar a cabeça e enfiá-lo na boca de uma vez só.

Meu corpo se arqueou contra o seu e a rigidez que eu havia sentido roçar na minha coxa estava agora alojada bem entre as minhas pernas, fazendo pressão no ponto exato que eu sentia latejar.

– Ah! – exclamei, esfregando-me no seu pau duro e desejando senti-lo mais ainda.

Rush deixou o meu mamilo escapar da boca e, sem tirar os olhos de mim, foi baixando o corpo e me deixou outra vez sem a pressão de que eu necessitava. Abriu o fecho da minha saia e começou a puxá-la para baixo, devagar, junto com a calcinha. Não deixou de me encarar nem por um segundo.

Eu me ergui um pouco para que ele pudesse me despir com mais facilidade. Ele se sentou sobre os calcanhares e me pediu para sentar também. Eu estava disposta a fazer qualquer coisa que ele pedisse. Assim que me sentei, ele tirou o resto da minha blusa, abriu o meu sutiã e o jogou longe.

– Você nua na minha cama é ainda mais inacreditavelmente linda do que eu imaginei que seria... e você não sabe o quanto eu já imaginei isso.

Ele tornou a se deitar em cima de mim, passou os braços por baixo dos meus joelhos e se acomodou outra vez entre as minhas pernas. Só que ele ainda estava de short. Queria tanto que ele tirasse... Ah!

Rush tinha movido o quadril sobre as minhas pernas abertas e apertado bem no lugar que eu precisava.

– Assim! Por favor!

Arranhei as suas costas; queria-o ainda mais perto.

Ele baixou o corpo e moveu as mãos para segurar a parte interna de cada uma das minhas coxas enquanto beijava o meu umbigo e depois o topo do monte de vênus. Minha ânsia de puxar alguma coisa foi tal que tive a impressão de que ele não tinha cabelo suficiente.

Seus olhos cor de prata relancearam para cima e se cravaram nos meus quando ele pôs a língua para fora e fez o piercing de prata deslizar bem em cima do meu clitóris. Gritei o seu nome e segurei o lençol embolado para não cair da cama. A sensação que eu tinha era a de que poderia sair voando feito um foguete por aquelas imensas janelas.

– Nossa, como você é doce – arquejou ele, abaixando a cabeça para tornar a me tocar com a língua.

Eu já tinha ouvido falar naquilo. Sabia que existia, mas jamais imaginara que pudesse ser tão bom.

– Rush, por favor – choraminguei.

Ele parou de me chupar. O calor do seu hálito banhava o latejar que ele mesmo havia provocado.

– Por favor o que, gata? Fale para mim o que você quer.

Balancei a cabeça de um lado para o outro e fechei os olhos com força. Não conseguia dizer, não sabia como dizer.

– Blaire, eu quero ouvir você falar – disse ele com um sussurro.

– Por favor, me chupe outra vez – falei, engasgada.

– *Delícia* – exclamou ele antes de tornar a deslizar a língua pelo meu sexo.

Então pôs o meu clitóris inchado inteiro na boca e me projetou em órbita no espaço. O mundo explodiu em mil cores e a minha respiração parou quando o prazer atravessou o meu corpo.

Foi só quando voltei dessa viagem que reparei que Rush tinha se afastado e estava se deitando outra vez em cima de mim, agora nu.

– Já pus a camisinha; preciso meter em você – sussurrou ele junto ao meu ouvido enquanto abria as minhas pernas.

Senti a ponta do seu sexo me penetrar.

– Caralho, como você está molhada. Vai ser difícil não entrar de uma vez só.

Vou tentar me segurar, juro.

A voz dele saiu com esforço e as veias do seu pescoço saltaram quando ele me penetrou um pouco mais. Seu sexo me expandiu por dentro, mas foi gostoso. A dor que eu imaginara não existia. Mudei de posição para abrir ainda mais as pernas e Rush engoliu em seco e parou de se mexer.

– Não se mexa. Por favor, gata, não se mexa – implorou ele sem mover um músculo sequer.

Em seguida, penetrou mais fundo o meu canal estreito e eu então senti a dor. Tensionei o corpo e ele também.

– É isso. Vou meter rápido, mas depois paro para deixar você se acostumar.

Concordei, fechei os olhos e estendi as mãos para segurar os seus braços. Ele recuou o quadril e em seguida o projetou para a frente com um movimento seco. Senti uma dor quente e gritei, apertando os seus braços com força e me segurando enquanto a onda varria o meu corpo.

Pude ouvir a respiração acelerada e ofegante de Rush enquanto ele se mantinha totalmente parado. Não sabia exatamente a sensação que um cara tinha, mas pude ver que não era fácil: ele também estava sentindo uma espécie de dor.

– Tudo bem. Está tudo bem – sussurrei quando a dor diminuiu.

Ele abriu os olhos e me encarou. Seu olhar estava enevoado.

– Tem certeza? Porque, gata, eu quero muito continuar.

Fiz que sim com a cabeça, ainda segurando os braços dele, para o caso de a dor voltar quando ele se mexesse. Ele recuou o quadril e tive a impressão de que estava tirando, mas então arremeteu devagar e tornou a me preencher. Dessa vez não senti dor nenhuma. Senti-me apenas expandida e completa.

– Está doendo? – perguntou Rush, contendo-se outra vez.

– Não. Estou gostando – garanti a ele.

Ele tornou a recuar o quadril e então mergulhou fundo, arrancando de mim um gemido de prazer. Aquilo era bom. Era mais do que bom.

– Você gostou? – perguntou ele, assombrado.

– Gostei. É bom demais.

Ele fechou os olhos, jogou a cabeça para trás e soltou um grunhido enquanto começava a se movimentar mais depressa. Senti a minha excitação começar a aumentar outra vez. Seria possível? Será que eu podia ter outro orgasmo tão cedo

assim?

Tudo o que eu sabia era que queria mais. Ergui o quadril para me encaixar no movimento dele e isso pareceu fazê-lo perder o controle.

– Isso. Nossa, você é incrível. Tão apertadinha. Porra, Blaire, como você é apertadinha – disse ele aos arquejos enquanto se movia dentro de mim.

Levantei os joelhos para poder envolver a sua cintura com as pernas e ele começou a tremer.

– Está chegando lá, gata? – perguntou, mal conseguindo falar.

– Acho que sim – respondi, sentindo a pressão aumentar dentro de mim.

Só que eu ainda não estava lá, porque no começo a dor havia diminuído o ritmo do meu prazer. Rush então pôs a mão entre nós dois e esfregou o polegar bem no meu clitóris.

– Ah! Isso, aí mesmo – gritei, agarrando-me a ele enquanto a onda me engolfava.

Rush soltou um rugido, ficou rígido e totalmente imóvel, depois arremeteu dentro de mim uma última vez.

Capítulo 19

Foi maravilhoso ouvir a respiração pesada de Rush enquanto sentia o seu corpo sobre o meu. Eu queria mantê-lo ali, ainda lá dentro. Exatamente daquele jeito.

Quando ele moveu os braços e saiu de cima de mim, abracei-o com mais força e ele deu uma risadinha.

– Já volto. Primeiro tenho que cuidar de você – falou e me deu um selinho antes de me deixar sozinha na cama.

Admirei a sua bunda nua e perfeita atravessar o quarto e entrar no que parecia ser o banheiro. Ouvi água correr e, em seguida, ele tornou a aparecer, de frente e nu em pelo. Baixei os olhos na hora. Ouvi-o dar uma risadinha e fechei os olhos, com vergonha de ter sido surpreendida espiando.

– Não vá bancar a tímida agora – provocou ele, então estendeu a mão para tornar a abrir os meus joelhos. – Abra para mim – falou, suave, fazendo força nos meus joelhos para abri-los. Reparei pela primeira vez na luva de banho que ele estava segurando. – Não precisa abrir demais – disse ele, limpando entre as minhas pernas enquanto eu o observava, fascinada. – Está doendo? – perguntou ele, preocupado, enquanto passava o pano delicadamente pela região sensível.

Neguei com a cabeça. Agora que não estávamos enlouquecidos de paixão, aquilo era constrangedor. Mas o fato de ele me limpar também era fofo. Será que era assim que os caras agiam depois do sexo? Nunca tinha visto isso em filme nenhum.

Parecendo satisfeito com a limpeza, ele jogou a luva de banho usada no cesto de lixo ao lado da cama. Tornou a deitar ao meu lado e me puxou para junto de si.

– Ué, Rush, pensei que você não ficasse abraçadinho – falei enquanto ele alisava o meu pescoço com o nariz, sentindo o meu cheiro.

– Não ficava, mesmo. Só com você, Blaire. É a minha exceção – sussurrou ele.

Então aninhou a minha cabeça sob o seu queixo e puxou as cobertas por cima de nós dois. O sono veio depressa. Eu me sentia segura e feliz.

Minha primeira sensação foram beijos lentos na parte interna da panturrilha e no arco do pé. Forcei os meus olhos a se abrirem. Ajoelhado ao pé da cama, Rush beijava os meus pés e ia subindo pela lateral da minha perna com um sorriso travesso no rosto.

– Ah, finalmente. Eu estava começando a me perguntar o quanto teria que beijá-la para você acordar. Na verdade, não me importaria em subir mais, mas com certeza isso iria levar a mais uma transa incrível e você agora só tem vinte minutos para chegar ao trabalho.

O trabalho. Ai, merda. Sentei-me na cama e Rush soltou a minha perna.

– Tem tempo ainda. Vou preparar alguma coisa para você comer enquanto se arruma – tranquilizou-me ele.

– Obrigada, não precisa. Eu pego alguma coisa na sala dos funcionários quando chegar lá.

Eu estava tentando não deixar o constrangimento da manhã seguinte se instalar. Tinha transado com aquele cara. Uma transa ótima, ou pelo menos era o que eu achava. Agora era dia e eu estava pelada na cama dele.

– Quero que você tome café aqui. Por favor.

Ele queria que eu tomasse café com ele. Meu coração bateu com mais força no peito.

– Ok. Tenho que ir ao meu quarto tomar uma chuveirada.

Ele olhou para o seu banheiro, depois para mim.

– Estou dividido: quero que você tome banho no meu banheiro, mas acho que não vou conseguir sair daqui sabendo que está nua e toda ensaboada dentro do meu boxe. Vou querer acompanhar você.

Segurando o lençol na frente do peito, sentei-me e sorri para ele.

– Por mais atraente que essa possibilidade soe, eu iria chegar atrasada no trabalho.

Ele suspirou e concordou.

– É. Melhor tomar banho no seu quarto.

Olhei em volta à procura das minhas roupas, mas não as vi em lugar nenhum.

– Vista isto aqui. A Henrietta vem hoje. Vou pedir para ela lavar e passar as suas roupas de ontem.

Ele me lançou a camiseta que estava usando na noite anterior. Senti o seu

cheiro quando a peça bateu no meu peito. Seria muito difícil eu devolver aquilo. Um pouco envergonhada, tentei vestir a camiseta sem deixar cair o lençol.

– Agora levante. Quero ver você – murmurou ele, recuando.

Usando apenas uma calça de pijama, ele se afastou da beirada da cama e esperou eu me levantar. Deixei o lençol cair e me levantei. A camiseta dele batia logo acima dos meus joelhos.

– Não dá para você dizer que está doente? – perguntou, descendo os olhos pelo meu corpo.

Senti umas cócegas quentes me percorrerem.

– Eu não estou doente – retruquei.

– Tem certeza? Porque acho que estou com febre – disse ele, dando a volta na cama e me puxando para junto de si. – Ontem foi sensacional – falou, com o rosto enterrado nos meus cabelos.

Eu não esperava aquele tipo de reação da parte dele. Estava preocupada que ele fosse me dispensar de manhã, mas não. Ele estava sendo fofo. E era tão incrivelmente gostoso que fiquei mesmo tentada a avisar no trabalho que estava doente.

Só que esse era o meu dia no carrinho de bebidas. Se eu não aparecesse, Bethy teria que percorrer o campo inteiro sozinha em plena sexta-feira. Seria uma crueldade. Eu não podia fazer isso.

– Tenho que trabalhar hoje. Eles estão contando comigo – expliquei.

Rush deu um passo para trás.

– Eu sei. Corra, Blaire. Desça essa sua bundinha linda e fique pronta. Não posso prometer que vou deixar você ir se ficar aí parada por mais tempo.

Rindo, passei por ele correndo e desci a escada. A risadinha bem-humorada que deixei no meu rastro foi perfeita. Rush era perfeito.

O calor só fazia piorar. Eu queria muito mesmo que Darla me deixasse prender os cabelos. Estava prestes a pegar uma garrafa daquela água gelada e despejar em cima da cabeça. Com aquele calor, estaria seca em segundos. Por que homens jogavam golfe com aquele tempo? Eles eram malucos?

Quando voltei com o carrinho ao primeiro buraco, reparei na cabeleira escura de Woods. Ai, que saco. Eu não estava com a menor disposição para ele. Mas

Jace devia mesmo estar querendo esperar Bethy passar. Não haveria problema se eu pulasse aquele buraco. Só que Woods se virou e me viu. Um sorriso se insinuou nos seus lábios.

– Voltou ao carrinho hoje, é? Por mais que eu goste de vê-la no salão, o golfe fica muito mais divertido com você aqui – disse ele em tom de provocação enquanto eu encostava o carrinho ao seu lado.

Eu não iria dar corda para a sua azaração, mas ele era o meu chefe, então não podia deixá-lo zangado.

– Para trás, Woods. Você está meio perto demais.

Ouvi a voz de Rush atrás de mim. Quando me virei, eu o vi andando na nossa direção usando um short azul-marinho e uma polo branca. Será que ele estava jogando golfe?

– Então foi por causa dela que você de repente quis jogar com a gente hoje? – indagou Woods.

Não tirei os olhos de Rush enquanto ele se aproximava. Ele tinha ido lá por minha causa. Pelo menos eu estava quase certa disso. Mais cedo, durante o café, ele tinha me perguntando onde eu iria trabalhar.

Ele me segurou pela cintura. Puxou-me para junto de si, abaixou a cabeça e sussurrou no meu ouvido:

– Está sentindo alguma dor?

Ele se mostrara preocupado que eu ficasse dolorida e tivesse que trabalhar em pé o dia todo. Respondi que estava bem. Mas ele continuava preocupado, ao que parecia.

– Estou bem – respondi, baixinho.

Ele me deu um beijo na orelha.

– Está se sentindo dolorida? Dá para sentir que eu estive aí dentro?

Disse que sim, sentindo os joelhos bambearem um pouco com o tom da sua voz.

– Ótimo. Gosto de saber que você sente onde eu estive – disse ele, então se afastou de mim e encarou Woods.

– Imaginei que isso fosse acontecer – disse Woods com um tom de irritação.

– A Nan já sabe? – perguntou Jace.

O lourinho deu um tapa no seu braço e fez uma cara feia para ele.

– Isso não é da conta dela. Nem da sua – retrucou Rush com um olhar irado para Jace.

– Eu vim aqui jogar. Vamos deixar esse papo para outra hora. Blaire, por que não serve as bebidas de todo mundo e segue para o próximo buraco? – sugeriu Woods.

Senti o corpo de Rush ficar tenso ao meu lado. Woods estava nos testando. Queria ver se eu iria agir diferente agora que Rush estava alardeando publicamente o nosso envolvimento. Eu estava ali a trabalho. O fato de ter transado com Rush não modificava o meu lugar no contexto mais amplo. Eu sabia disso.

Eu me afastei do abraço de Rush, abri o cooler e comecei a distribuir as bebidas de cada um. Minhas gorjetas não foram tão boas quanto costumavam ser com aquele grupo. Com exceção de Woods, claro. Imaginei que isso também fosse mudar depois desse dia.

Pude ver a nota de 100 dólares que Woods pôs na minha mão, e tenho certeza de que Rush também viu. Fechei a mão depressa e enfiei o dinheiro no bolso. Eu me entenderia com ele mais tarde, sem Rush por perto. Rush se aproximou e enfiou a sua gorjeta no meu bolso. Ele me deu um beijo de leve e piscou o olho para mim antes de ir pegar um taco de golfe com o caddy.

Não dei motivo algum para Woods me repreender. Voltei rapidamente ao carrinho e segui para o buraco seguinte. O celular vibrou no meu bolso e me assustou. Rush o pusera ali antes de eu sair de manhã. Eu vivia me esquecendo que tinha celular.

Parei o carrinho e peguei o aparelho.

Sinto muito pelo Woods. Rush.

Sentia muito pelo quê? Ele não tinha motivo nenhum para sentir muito.

Está tudo bem. Ele é o meu chefe. Não foi nada de mais.

Depois de responder, tornei a guardar o celular no bolso e fui em direção da minha próxima parada.

Capítulo 20

Não esperava encontrar a entrada da garagem da casa lotada ao chegar lá depois do trabalho. O movimento no campo de golfe fora tão grande que eu só havia parado para servir bebidas ao grupo de Rush mais uma vez, no buraco 16. Ele não tornara a me mandar torpedos. Isso me deixara nervosa, com um embrulho no estômago. O que estava acontecendo? Será que o seu breve instante de ternura depois de me desvirginar já tinha passado?

Tive que estacionar perto da rua. Fechei a porta da picape e comecei a caminhar em direção à porta.

– Você não vai querer entrar aí – disse no escuro a voz conhecida de Grant.

Olhei em volta e vi um pontinho laranja brilhante cair no chão e ser esmagado por uma bota antes de Grant emergir do seu esconderijo.

– Você vem a essas festas para ficar vagando aqui fora? – perguntei, já que era a segunda vez que o encontrava sozinho do lado de fora durante uma festa na casa.

– Não consigo largar o cigarro. Rush acha que eu parei; então venho me esconder aqui quando quero fumar – explicou ele.

– Cigarro mata – falei, lembrando-me de todos os fumantes que tinha visto definhar lentamente ao acompanhar a minha mãe nas sessões de quimio.

– É o que todo mundo me diz – retrucou ele com um suspiro.

Tornei a olhar para a casa e ouvi a música que saía lá de dentro.

– Não sabia que ia ter festa hoje – falei, torcendo para a decepção na minha voz não ser perceptível.

Grant riu e encostou o quadril de lado em um Volvo.

– Aqui não tem festa todo dia?

Não, não tinha. Depois da véspera, achei que Rush teria me ligado ou mandado um torpedo.

– Acho que não estava nos meus planos, só isso.

– Acho que nem nos do Rush. Essa festa é da Nan; ela forçou a barra. Essa

menina sempre conseguiu tudo o que quis com o Rush. Levei porrada dele mais de uma vez quando éramos pequenos por não ter comprado a conversa de cachorrinho sem dono dela.

Encostei-me no Volvo ao seu lado e cruzei os braços.

– Quer dizer que você também cresceu com a Nan?

Eu precisava de alguma coisa. Alguma explicação.

Grant virou os olhos para mim.

– Cresci, claro. Ela é filha da Georgianna. E não tem pai. Quer dizer... – Grant se afastou do Volvo e balançou a cabeça. – Não. Você quase me pegou. Não posso contar porra nenhuma, Blaire. Sério, quando alguém contar eu não quero estar nem perto.

E ele se afastou a passos largos em direção à casa.

Fiquei olhando até ele entrar antes de me encaminhar para lá. Rezei para não haver ninguém no meu quarto. Se houvesse, eu iria para a despensa. Não estava com cabeça para Nan nem para os seus segredos, que todo mundo tinha o direito de saber, menos eu. E, com certeza, não estava com cabeça para Rush.

Abri a porta e fiquei satisfeita por não haver ninguém no hall para me ver entrar. Fui direto para a escada. Risos e vozes enchiam a casa. Meu lugar não era entre eles. De nada adiantava ir até lá e fingir que era.

Quando olhei rapidamente para a porta que conduzia à escada de Rush, as lembranças da noite anterior voltaram com força. Estava começando a pensar que seria só aquela vez. Abri a porta do meu quarto e entrei antes de acender a luz.

Tapei a boca para conter o grito que me subiu pela garganta ao perceber que eu não estava sozinha. Era Rush. Sentado na minha cama, olhava pela janela. Ele se levantou quando eu fechei a porta e veio até mim.

– Oi – falou, baixinho.

– Oi – respondi, sem saber muito bem o que ele estava fazendo no meu quarto com a casa cheia de gente. – O que está fazendo aqui?

Ele me deu um sorriso torto.

– Esperando você. Achei que fosse óbvio.

Também sorrindo, desviei o olhar. Aqueles seus olhos às vezes eram intensos demais.

– Isso eu estou vendo. Mas você tem convidados.

– Não são meus convidados. Acredite, eu queria a casa vazia – disse ele, pousando a mão na lateral do meu rosto. – Vamos comigo lá para cima. Por favor.

Ele não precisava implorar; eu iria feliz. Larguei a bolsa em cima da cama e dei-lhe a mão.

– Vá na frente.

Ele apertou a minha mão e subimos a escada juntos.

Quando chegamos lá em cima, ele me abraçou e me beijou com impaciência. Eu podia estar sendo fácil, mas pouco importava. Sentira falta dele durante o dia. Enlacei-o pelo pescoço e retribuí o beijo com toda a emoção que fervia dentro de mim e que eu não entendia direito.

Quando paramos de nos beijar, estávamos os dois ofegantes.

– Conversar. Vamos conversar primeiro. Quero ver você sorrir e gargalhar. Quero saber qual era o seu programa de TV preferido quando criança, quem fazia você chorar na escola e que pôsteres de banda pendurava na parede do quarto. Depois quero você nua na minha cama de novo.

Esse jeito estranho mas encantador de dizer que ele queria mais do que transar comigo me fez sorrir. Fui até o grande sofá modulado bege que, em vez de estar virado para uma televisão, ficava de frente para o mar.

– Está com sede? – perguntou ele, indo até uma geladeira de aço inox na qual eu não chegara a reparar na noite anterior. Ao seu lado havia um pequeno bar.

– Um copo d'água bem gelado seria ótimo – respondi.

Rush começou a preparar as bebidas e eu me virei para olhar o mar.

– Meu programa preferido era *Os anjinhos*. Ken Norris me fazia chorar na escola pelo menos uma vez por semana, mas depois fazia Valerie chorar e eu ficava brava e batia nele. Meu ataque preferido e mais eficaz era um chute certeiro no saco. E tenho vergonha de dizer, mas as paredes do meu quarto eram cobertas com pôsteres do Backstreet Boys.

Rush parou ao meu lado e me passou um copo alto de água gelada. Sua expressão de indecisão era patente. Ele se sentou ao meu lado.

– Quem é Valerie?

Eu havia mencionado a minha irmã sem pensar. Sentia-me à vontade com

Rush; queria que ele me conhecesse. Talvez, se eu me abrisse em relação aos meus segredos, ele também compartilhasse o seu. Mesmo que não pudesse compartilhar os de Nan.

– Valerie era a minha irmã gêmea. Ela morreu em um acidente de carro há cinco anos. Meu pai estava dirigindo. Quinze dias depois, ele sumiu das nossas vidas e nunca mais voltou. Mamãe falou que tínhamos que perdoá-lo, porque ele não conseguia suportar o fato de estar dirigindo o carro que matou Valerie. Eu sempre quis acreditar nela. Mesmo quando ele faltou ao seu enterro, quis acreditar que ele simplesmente não conseguia encarar a situação. Então o perdoei. Não o odiei nem me deixei dominar pela amargura e pelo ódio. Mas daí eu vim para cá e... bom, você sabe. Acho que mamãe estava enganada.

Rush se inclinou para a frente, pousou o copo sobre a mesa de madeira rústica junto ao sofá e passou o braço pelas minhas costas.

– Eu não fazia a menor ideia que você tinha uma irmã gêmea – falou, com um tom que era quase de reverência.

– Nós éramos idênticas. Não dava para distinguir uma da outra. Nos divertíamos muito com isso na escola e com os meninos. O único que sabia diferenciar uma da outra era Cain.

Continuamos ali sentados olhando para o mar e ele começou a brincar com um cacho dos meus cabelos.

– Os seus pais se conheciam há quanto tempo quando se casaram? – indagou.

Eu não esperava essa pergunta.

– Foi meio que amor à primeira vista. Minha mãe estava em Atlanta visitando uma amiga que, segundo ela, era meio doidinha. Papai tinha terminado com essa amiga pouco tempo antes e apareceu no apartamento uma noite, quando mamãe estava lá sozinha. Ele olhou para mamãe uma vez e foi fisgado. Não posso culpá-lo. Ela era deslumbrante. Tinha os cabelos da mesma cor dos meus, mas uns olhos verdes enormes que pareciam duas joias. E era muito divertida. O simples fato de ficar perto dela deixava você feliz. Nada nunca a abatia, ela enfrentava tudo com um sorriso. A única vez em que a vi chorar foi quando soube da Valerie; nesse dia ela desabou no chão e uivou de tanta dor. Eu teria me assustado caso não estivesse sentindo a mesma coisa. Foi como se uma parte da minha alma tivesse sido arrancada.

Calei-me. Sentia os olhos arderem. Eu tinha me deixado levar por aquele desabafo; fazia muitos anos que não me abria com ninguém.

Rush encostou a testa no topo da minha cabeça.

– Eu sinto muito, Blaire. Não fazia ideia.

Pela primeira vez desde que Valerie me deixara, tive a sensação de ter alguém com quem pudesse conversar. Não precisava me conter. Eu me virei no seu abraço e busquei os seus lábios com os meus. Precisava daquela proximidade. Havia recordado a dor e agora precisava que ele a fizesse desaparecer. Rush era mestre em fazer tudo desaparecer a não ser ele próprio.

– Eu amo as duas. Vou amar para sempre, mas agora estou bem. Elas estão juntas. Têm uma à outra – falei ao sentir a sua relutância em retribuir o meu beijo.

– E você, quem você tem? – indagou ele com uma voz atormentada.

– Eu tenho a mim mesma. Três anos atrás, quando a minha mãe ficou doente, descobri que, desde que nunca me esquecesse de quem eu era, eu ficaria bem – respondi.

Ele fechou os olhos e respirou fundo. Quando os abriu, sua expressão de desespero me espantou.

– Eu preciso de você. Agora. Quero amar você aqui mesmo, por favor.

Tirei a blusa e estendi a mão para tirar a camiseta dele. Ele ergueu os braços e puxei a peça por cima da sua cabeça. Ele tirou o meu sutiã depressa e o jogou longe para ficamos pele contra pele. Então segurou os meus seios um com cada mão e esfregou o polegar em cada mamilo enrijecido.

– Caralho, você é tão linda que nem dá para acreditar. Por dentro e por fora – sussurrou. – Por mais que eu não mereça, quero me enterrar dentro de você. Não consigo esperar. Preciso ficar o mais perto possível de você, simples assim.

Deslizei para longe dele e me levantei. Tirei os sapatos, abri o short que despi junto com a calcinha e deixei as roupas ali no chão. Ele ficou sentado me olhando como se eu fosse a coisa mais fascinante que já tivesse visto. Eu me senti muito poderosa. A vergonha que imaginara sentir por estar em pé na sua frente completamente nua não aconteceu.

– Tire a roupa – falei, espiando a ereção que estufava o seu jeans.

Pensei que ele fosse reagir achando graça e dando uma risadinha, mas não. Ele

se levantou, tirou o jeans depressa e tornou a afundar no sofá, puxando-me junto.

– Monte em mim – instruiu. Fiz o que ele mandava. – Agora desça devagar – falou, engolindo em seco.

Olhei para baixo e vi que ele estava segurando a base do pau. Apoiei-me nos seus ombros e me abaixei devagar enquanto ele cuidava de todo o resto.

– Calma, gata. Vá com calma, devagar. Senão você pode sentir dor.

Mordi o lábio inferior na hora em que a pontinha começou a entrar. Ele esfregou a cabeça do pau de um lado para o outro da minha fenda, provocando. Apertei os seus ombros e soltei um suspiro. Aquilo era bom, uma delícia.

– Isso. Porra, como você está ficando molhada. Nossa, quero provar esse gostinho – grunhiu ele.

A expressão devassa dos seus olhos acionou um botão dentro de mim. Eu queria fazer ele se lembrar de mim, se lembrar daquilo. Sabia que o nosso tempo era contado e que eu jamais iria esquecê-lo. Mesmo assim, queria saber que, quando ele partisse, também não me esqueceria. Não queria ser só aquela garota de quem ele tinha tirado a virgindade.

Eu me inclinei para a frente e esperei ele esfregar de novo a cabeça do pau na minha fenda. Então me sentei com um só golpe e gritei bem alto quando ele me preencheu.

– CARALHO – berrou Rush.

Não esperei ele se preocupar comigo. Eu iria cavalgá-lo. Agora entendia o que isso significava. Quem estava no comando daquilo era eu. Ele começou a abrir a boca para dizer alguma coisa, mas eu o detive enfiando a língua lá dentro enquanto subia o quadril e tornava a afundar em cima dele com mais força ainda. O grunhido e a sensação daquele corpo se arqueando debaixo de mim me garantiram que eu estava fazendo a coisa certa.

Eu me afastei para poder gritar conforme começava a cavalgá-lo cada vez mais depressa e com mais força. A região sensível dentro de mim estava doendo com o estiramento da penetração, mas era uma dor gostosa.

– Blaire, puta que pariu, Blaire – ele conseguiu articular enquanto segurava o meu quadril e se soltava para aproveitar ao máximo.

Suas mãos passaram a ditar o ritmo e ele começou a me levantar e me baixar

repetidamente em cima de si com movimentos rápidos e fortes. Cada palavrão e gemido alto que saíam da sua boca me deixavam ainda mais excitada. Eu precisava viver aquilo com ele.

O orgasmo estava se aproximando e eu sabia que, dali a umas poucas estocadas, iria desfalecer por cima dele. Queria que ele gozasse também. Comecei a rebolar e a deixar sair os gritos altos que vinha tentando conter.

– Vou gozar – falei, sentindo a onda crescer.

– Porra, gata, que delícia – grunhiu ele.

E então nós dois despencamos juntos pelo mesmo precipício. O corpo dele se arqueou sob o meu e ficou imóvel. Gritei o seu nome ao mesmo tempo em que chegava ao orgasmo.

Quando os tremores diminuíram e consegui respirar outra vez, eu o enlacei pelo pescoço e me deixei cair em cima dele.

Ele me segurou apertado com os dois braços enquanto a sua respiração se normalizava. Eu tinha gostado da nossa transa delicada na véspera, mas um bom sexo selvagem tinha lá o seu valor. Sorri comigo mesma ao pensar isso e virei a cabeça para beijá-lo no pescoço.

– Nunca. Nunca em toda a minha vida... – disse ele, ofegante, acariciando as minhas costas e dando um leve apertão na minha bunda. – Foi... Blaire, nossa, não sei nem o que dizer.

Sorrindo junto ao seu pescoço, eu soube que tinha deixado a minha marca naquele homem perfeito, ferido, misterioso e intrigante.

– Acho que a palavra que você está procurando é espetacular – falei, rindo e recuando um pouco para poder encará-lo.

A ternura no seu olhar derreteu um pouco mais o meu coração.

– A transa mais espetacular de todos os tempos – disse ele, estendendo a mão para ajeitar os meus cabelos atrás das orelhas. – Estou morto. Você sabe disso, não sabe? Você me matou.

Remexi o quadril e ainda pude senti-lo lá dentro.

– Humm, não, pode ser que ainda funcione.

– Mulher, pare com isso, assim vai me deixar duro e pronto para outra. Preciso limpar você.

Com a ponta do dedo, acompanhei o contorno do seu lábio inferior.

– Hoje eu não vou sangrar. Já sangrei ontem.

Rush abocanhou o meu dedo e chupou de leve, depois soltou.

– Eu não usei camisinha, mas não tenho nada. Sempre transo de camisinha e faço exames regularmente.

Eu não soube muito bem como processar essa informação. Não tinha nem pensado em camisinha.

– Foi mal. Você ficou pelada e o meu cérebro meio que parou de funcionar. Eu juro que não tenho nada.

Balancei a cabeça.

– Não, tudo bem. Eu acredito. Também não pensei na hora.

Rush me puxou de novo para junto de si.

– Que bom, porque foi mesmo incrível. Nunca senti isso sem camisinha. Saber que entrei em você e senti você sem nada entre a gente me deixa muito feliz, mesmo. Você é sensacional. Quente, molhada e apertadinha. Nossa... tão apertadinha.

Remexi o corpo junto ao seu. As sacanagens que ele dizia no meu ouvido tornaram a me fazer latejar.

– Hummm – falei, sentindo ele crescer e endurecer de novo lá dentro.

– Você usa algum anticoncepcional?

Nunca tive motivo para usar. Fiz que não com a cabeça.

Com um grunhido, ele afastou o meu quadril do próprio corpo e tirou o pau de dentro de mim.

– A gente não pode transar de novo até você usar. Mas você me deixou duro outra vez. – Ele pôs a mão entre as minhas pernas e passou o dedo no meu clitóris intumescido. – Delícia – murmurou.

Deixei a cabeça cair para trás e curti aquela carícia delicada.

– Venha, Blaire, vamos tomar banho juntos – pediu ele com a voz embargada.

– Ok – falei, encarando-o outra vez.

Ele me ajudou a levantar e me conduziu até o seu banheiro gigantesco.

– Quero você dentro do boxe. O que a gente fez ali no sofá foi a melhor trepada da minha vida, mas aqui vai ser mais lento. Eu vou lhe dar prazer.

Capítulo 21

Deixar Rush na cama de manhã foi bem difícil. Ele dormia tão profundamente que não quis acordá-lo e me segurei para não beijar o seu rosto antes de ir embora. Adormecido, ele parecia livre de qualquer preocupação. Só percebi como ele era angustiado e desconfiado quando o vi assim, dormindo, totalmente em paz.

Abri a porta da sala dos funcionários e fui recebida pelo cheiro de rosquinhas recém-saídas do forno e por um Jimmy sorridente.

– Bom dia, flor do dia – disse ele, animado como sempre.

– Não sei se é tão bom assim... você vai dividir essas rosquinhas ou não?

Ele me estendeu a caixa.

– Comprei duas a mais só para você, boneca. Sabia que a minha gata loura viria trabalhar hoje e não queria ser pego com as mãos abanando.

Eu me sentei em frente a ele e peguei a minha rosquinha.

– Eu até que lhe daria um beijo, se achasse que você fosse gostar – provoquei.

Jimmy bateu os cílios.

– Quem sabe, neném? Um rostinho como o seu pode desvirtuar qualquer um.

Rindo, dei uma mordida na deliciosa rosquinha, fofa e quentinha. Não era uma comida muito saudável, mas era deliciosa.

– Coma direitinho, porque hoje o nosso dia vai ser longo. À noite tem o Baile das Debutantes e não vamos servir no salão de jantar: seremos todos mandados para o salão nobre e obrigados a ficar zanzando com bandejas de canapés, servindo os convidados durante um jantar.

Baile das Debutantes? O que era aquilo?

– Por isso tantas caminhonetes lá fora com flores e enfeites?

Ele assentiu e esticou a mão para pegar outra rosquinha coberta de chocolate.

– É. O baile acontece todo ano nesta semana. As mamães podres de ricas ficam exibindo as filhinhas e as apresentam aos membros da alta-roda. Depois de hoje,

as meninas são consideradas mulheres e tratadas como sócias adultas do clube. Podem participar de comitês e coisas assim. Uma bobajada sem fim, para ser sincero. Sobretudo considerando que Nan já fez 21 anos há algumas semanas. Ou seja, ela já pode muito bem entrar para a porra da vida adulta.

Nan era uma das debutantes. Que interessante. Sua mãe não estava na cidade. Será que isso significava que ela iria voltar? Meu coração acelerou... Eu teria que ir embora em breve. Rush não dissera nada em relação à minha partida. Quando eu fosse embora, será que ele continuaria a sair comigo?

– Respire, Blaire. É só uma porcaria de um baile – disse Jimmy.

Respirei fundo. Não havia percebido que começara a entrar em pânico. Foi por isso mesmo que eu quis manter distância. Sabia que esse dia chegaria. Será que o meu pai iria voltar hoje?

– A que horas começa o baile? – consegui perguntar sem deixar a voz falhar.

– Às sete, mas eles vão encerrar o jantar no salão às cinco para podermos nos preparar.

Larguei o resto da rosquinha em cima da mesa; não consegui terminar de comer. Aquele seria um dia de espera. Senti o peso do celular no bolso, mas não podia mandar um torpedo para Rush. Não queria que ele me desse nenhuma notícia ruim por torpedo. Preferia aguardar.

– Blaire, preciso falar com você na minha sala um instante. – A voz de Woods interrompeu os meus pensamentos.

Olhei para Jimmy e vi que ele estava com os olhos arregalados de preocupação. Merda. O que será que eu fiz?

Eu me levantei e me virei para Woods. Ele não parecia zangado. Chegou até a sorrir, o que me deu a coragem de que eu precisava para andar na sua direção. Ele segurou a porta para eu passar e saí para o corredor.

– Relaxe, Blaire, você não fez nada de errado. A gente só precisa conversar sobre hoje à noite.

Ah. Ufa. Respirei fundo e o segui até uma porta no final do corredor.

– Minha sala não tem nenhum glamour. Papai acredita que é com trabalho que se chega ao topo. Mesmo que eu vá herdar o clube um dia.

Ele revirou os olhos enquanto abria a porta da sala e acenava para eu entrar. O cômodo era tão grande quanto o meu quarto na casa de Rush e tinha duas

amplas janelas quadradas com vista para o buraco 18.

Em vez de se sentar atrás da escrivaninha, Woods se sentou na borda. Fiquei agradecida por ele tentar não tornar aquela conversa excessivamente formal. Isso sim me deixaria nervosa.

– Hoje à noite vai ter o Baile das Debutantes. É um evento anual aqui do clube. Nós ajudamos umas piranhazinhas ricas e mimadas a virar adultas. É uma idiotice e um pé no saco que rende ao clube mais de 50 milhões de dólares em lucros com taxas de inscrição, doações e coisas desse tipo. Então não podemos acabar com essa bobagem. Não que a minha mãe fosse fazer isso mesmo se pudesse. Ela própria já debutou. Quem a ouve contar a história acha que ela foi coroada rainha da Inglaterra.

Aquela conversa não estava me deixando mais tranquila em relação ao baile. Pelo contrário: a explicação só aumentava a minha aflição.

– Nan está com 21 anos, então vai debutar hoje à noite. Dei uma olhada na lista e vi que o acompanhante dela vai ser o Rush. É tradição a moça ser acompanhada pelo pai ou pelo irmão mais velho. O acompanhante também tem que ser sócio do clube. Não sei o que está acontecendo entre você e Rush, mas sei que Nan a odeia. Você não precisa de nenhum drama hoje à noite. Mas eu, por outro lado, preciso de você, uma das nossas melhores funcionárias. A pergunta é: vai conseguir trabalhar hoje sem se engalfinhar? Porque Nan vai fazer o possível para provocá-la, e caberá a você ignorá-la. Você pode estar saindo com um sócio, mas é uma funcionária aqui. Uma coisa não muda a outra. O sócio tem sempre razão. Se houver uma briga, o clube vai ser obrigado a tomar o partido de Nan.

O que ele estava pensando? Aquilo ali não era o ensino médio; éramos todos adultos. Eu poderia ignorar Nan e Rush a noite inteira se fosse preciso.

– Eu consigo. Sem problemas.

Woods deu um meneio de cabeça rápido.

– Ótimo, porque o cachê é excelente e você precisa dessa experiência.

– Eu consigo – repeti.

Ele se levantou.

– Estou confiando em você. Agora pode ir ajudar Jimmy com o café da manhã. Ele deve estar falando mal da gente nesse momento.

O resto do dia passou voando; de tão ocupada com os preparativos, não tive

tempo para pensar em Nan ou na volta do meu pai. Ou em Rush. Agora estava em pé na cozinha com todos os outros garçons e garçonetes da equipe, usando um uniforme branco e preto e com os cabelos presos em um coque. Estava começando a sentir um frio na barriga.

Aquela era a primeira vez em que teria que encarar as diferenças que me separavam de Rush. Nessa noite, o mundo dele e o meu iriam colidir. Estava preparada para qualquer comentário que Nan pudesse fazer a meu respeito. Tinha inclusive falado com Jimmy e pedido que ele servisse de anteparo para evitar que eu tivesse de me aproximar dela. Queria ver Rush e até falar com ele, mas tinha a sensação de que isso seria malvisto.

– Chegou a hora. Pessoal dos canapés e das bebidas, vocês sabem o que fazer. Vamos lá.

Nessa noite quem comandava o espetáculo nas coxias era Darla. Peguei a minha bandeja de martínis e fui para a fila na porta. Saímos todos depressa para o salão e seguimos por caminhos diferentes no meio dos convidados. O meu era um semicírculo no sentido horário. A não ser que eu visse Nan; nesse caso, inverteria para o sentido anti-horário e Jimmy assumiria o sentido horário. Era um bom plano; só estava torcendo para dar certo.

O primeiro casal de que me aproximei nem sequer notou minha presença, apenas continuou a conversar enquanto pegava uma bebida na bandeja. Foi bem fácil. Passei por vários outros grupos. Reconheci alguns dos frequentadores e frequentadoras do campo de golfe. Eles sempre sorriam e meneavam a cabeça ao me ver, mas só.

Na metade do salão, minha bandeja ficou vazia e anotei mentalmente o ponto em que havia parado. Voltei depressa à cozinha para buscar mais bebidas. Darla estava à minha espera. Empurrou uma bandeja de martínis para minhas mãos e me enxotou dali.

Voltei para o ponto em que havia interrompido o meu percurso e só tive que parar duas vezes no caminho para que alguém pegasse uma bebida. O Sr. Jenkins chamou o meu nome e acenei para ele, retribuindo o seu sorriso. Ele jogava 18 buracos toda sexta e sábado; impressionava-me o fato de um senhor de 90 anos se locomover tão bem. Ele também tomava o desjejum no clube de segunda a sexta: café preto e dois ovos poché.

Quando me virei, ainda sorrindo, meu olhar cruzou com o de Rush. Mesmo sabendo que ele estava na festa, tinha me esforçado muito para não procurá-lo. Essa era a grande noite de Nan; Rush não iria perdê-la, nem deveria. Ela podia ser má, mas era irmã dele. Era a mim que ela detestava, não a ele.

Ele estava com uma expressão angustiada e o seu pequeno sorriso foi forçado. Sorri de volta para ele, embora me esforçasse ao máximo para não pensar nesse cumprimento bizarro. Pelo menos ele tinha me olhado. Eu não sabia o que esperar.

O Dr. Wallace e a sua esposa me cumprimentaram e disseram que estavam sentindo a minha falta no campo de golfe. Menti e falei que também sentia falta de lá. Então voltei à cozinha para mais uma bandeja.

Darla me empurrou uma abarrotada de taças de champanhe.

– Vá, vá, rápido – insistiu.

Saí o mais depressa que pude com uma bandeja cheia de *flûtes* de champanhe nas mãos. No salão, recomecei o mesmo percurso, cruzando com sócios mais entretidos ainda nas suas conversas e para quem eu não passava de uma bandeja circulante. Eu preferia assim; não me sentia tão na berlinda.

A risadinha conhecida de Bethy chamou a minha atenção e me virei na sua direção. Não a tinha visto na cozinha mais cedo. Imaginei que Darla não queria a sobrinha fazendo aquele trabalho. Ou então o pai de Woods...

Mas Bethy não estava vestida como nós. Usava um vestido de chiffon preto grudado no corpo e os seus longos cabelos castanhos estavam presos bem no alto da cabeça com pequenos cachos soltos em volta do rosto. Ela virou a cabeça, olhou para mim e abriu um sorrisão. Fiquei observando enquanto ela andava depressa na minha direção. O fato de estar de salto agulha não diminuiu em nada o ritmo dos seus passos.

– Você acredita que estou aqui como convidada? – falou, olhando em volta com assombro e, em seguida, tornando a me encarar. Fiz que não com a cabeça, pois não conseguia acreditar mesmo. – Ontem à noite, quando o Jace apareceu no meu apartamento e me implorou de joelhos, falei que, se ele me quisesse, teria que me assumir como namorada em público. Ele aceitou e, bom, o resto você pode imaginar. O troço pegou fogo lá em casa. Mas, enfim, aqui estou – disse ela de um só fôlego.

Jace tinha agido como homem; que bom. Olhei por cima do ombro dela e vi que ele nos observava. Sorri e meneei a cabeça com um gesto aprovador. Ele me lançou um sorriso torto e deu de ombros.

– Que bom que ele ouviu a voz da razão – falei.

Bethy apertou o meu braço.

– Obrigada – sussurrou.

Ela não tinha por que me agradecer, mas sorri.

– Vá lá se divertir. Tenho que servir todos esses copos antes da sua tia aparecer e me pegar de papo.

– Está bem. Vou me divertir, sim, mas queria que você pudesse se divertir comigo.

Ela olhou por cima do meu ombro. Sabia que o alvo do seu olhar era Rush. Ele estava na festa, me ignorando na frente de todas aquelas pessoas. Estava agindo assim por causa de Nan, mas será que isso melhorava a situação?

Aos poucos entendi o que havia acontecido: eu tinha me transformado em Bethy.

– Preciso do dinheiro para poder morar sozinha – falei, com um sorriso forçado. – Vá lá se enturmar – incentivei, afastando-me em direção ao grupo de convidados seguinte.

Os olhos que me seguiam fizeram um calor subir pelo meu pescoço; eu sabia que Rush estava me observando. Não precisava me virar e vê-lo para confirmar isso. Será que ele acabara de entender a mesma coisa que eu? Muito me espantaria. Ele era homem. Eu acabei me mostrando disponível e fácil. Era também a maior hipócrita do planeta, pois agora tinha feito justamente o que repreendera Bethy por fazer, o que me levara a sentir pena dela.

A última *flûte* de champanhe foi retirada da minha bandeja e fiz o caminho inverso pelo meio dos convidados tomando cuidado para não chegar perto de Rush nem de Nan. Nem sequer olhei na sua direção; ainda tinha algum orgulho. Só tive que parar três vezes para as pessoas depositarem as suas *flûtes* vazias na minha bandeja antes de me recolher apressada à segurança da cozinha.

– Ah, que bom que você voltou. Pegue esta bandeja aqui. Precisamos servir alguma comida antes de todos beberem demais e isto aqui virar um porre coletivo de grã-finos – disse Darla, passando-me uma bandeja de canapés que

não reconheci e que tinham um cheiro meio ruim.

Torci o nariz e afastei a bandeja do rosto. Darla deu uma sonora gargalhada.

– É escargot. Caramujo. Um nojo, mas essa gente acha um manjar. Ignore o cheiro e circule.

Senti o estômago embrulhar; não precisava daquele esclarecimento. Escargot teria bastado como descrição.

Quando cheguei à porta do salão, eu me equilibrei e tentei não pensar nos caramujos que iria servir para as pessoas comerem nem no fato de que Rush estava na festa fingindo que não me conhecia. Isso depois de eu ter passado as duas últimas noites na sua cama.

– Tudo bem? – indagou Woods quando entrei no salão.

Ele tinha surgido ao meu lado com um ar preocupado.

– Tudo. Tirando o fato de que estou servindo caramujos para as pessoas – respondi.

Ele deu uma risadinha, pegou um escargot da bandeja e pôs na boca.

– Pois deveria experimentar. É uma delícia. Principalmente com bastante manteiga e alho.

Meu estômago embrulhou outra vez e fiz que não com a cabeça. Dessa vez ele riu bem alto.

– Ah, Blaire, você sempre torna tudo mais interessante – falou, inclinando-se para junto do meu ouvido. – Eu sinto muito pelo Rush. Só para constar, se você tivesse escolhido a mim, não estaria trabalhando hoje. Estaria na festa de braços dados comigo.

Senti o rosto corar. Já era o suficiente saber que eu era um segredinho sacana, mas o fato de outras pessoas perceberem isso era humilhante. Mas eu queria ficar com Rush. Queria muito. Bem, tinha conseguido o que queria.

– Eu preciso do dinheiro. Estou muito perto de poder alugar a minha própria casa – informei-lhe com voz neutra.

Woods assentiu com um meneio curto da cabeça e deu um sorriso compreensivo antes de se virar para cumprimentar uma senhora idosa que passava. Aproveitei a deixa para me afastar. Tinha caramujos a servir.

Jimmy cruzou olhares comigo e me deu uma piscadela para me reconfortar. Eu havia completado com louvor o serviço no lado do salão em que Rush estava; não

chegara perto dele. Bethy me abriu um sorriso radiante quando cheguei ao seu grupo, mas o seu sorriso sumiu quando ela olhou para o que eu trazia na bandeja.

– Que raios é isso? – perguntou, horrorizada.

– Você não vai querer saber – respondi, arrancando risadas de Jace e de outro cara que eu não conhecia.

– Acho que é melhor você deixar esse passar – disse Jace a Bethy, segurando-a pela cintura e puxando-a afetuosamente para junto de si.

Ela ergueu para ele um olhar aceso de felicidade e aquilo foi o máximo de romance fofinho que consegui suportar. Passei depressa ao grupo seguinte. A cabeleira ruiva encaracolada me pareceu conhecida. Levei um segundo para entender quem era aquela menina; seu sorriso mau e venenoso me lembrou exatamente onde eu a tinha visto antes. Ela estava procurando Woods na casa de Rush na noite da festa de Nan. Graças a Woods, eu não tinha conquistado uma fã naquela noite.

– Ah, que engraçado – disse ela, desviando a atenção do casal com quem estava conversando para se concentrar em mim. – Woods deve ter decidido que você é mais adequada para ser sua funcionária do que sua namorada. – Ela deu uma risadinha que fez os cachos ruivos balançarem. – Ganhei a noite, sério.

Ela ergueu a mão e virou a minha bandeja.

Escargots escorreram pela frente da minha blusa e a bandeja caiu no chão com alarde. De tão pasma, não consegui me mexer nem dizer coisa alguma.

– Nossa, como ela é desastrada... Woods deveria ser mais rigoroso na escolha dos empregados – sibilou ela com ódio.

– Meu Deus! Tudo bem, Blaire? – A voz de Bethy atrás de mim me despertou do estado de choque.

Consegui remover os caramujos ainda presos à minha roupa.

– Saiam da frente – ordenou uma voz grave que reconheci na hora.

Levantei a cabeça depressa e vi Rush abrindo caminho, passando pelo casal que acompanhava a ruiva, que parecia estar rindo da minha situação. Não havia como negar: ele estava uma fera. Ele me segurou pela cintura e examinou o meu rosto por um instante. Não tive certeza para quê.

– Tudo bem com você? – perguntou baixinho.

Respondi que sim, ainda sem saber ao certo como reagir.

As veias do pescoço dele estavam novamente saltadas e ele engoliu em seco. Mal virou a cabeça para olhar na direção da ruiva.

– Nunca mais chegue perto dela nem de mim, entendeu? – falou com uma calma assustadora.

A menina arregalou os olhos.

– Por que você está bravo comigo? A desastrada foi ela, que derrubou a bandeja inteira em cima de si mesma.

As mãos de Rush apertaram com força o meu quadril.

– Se disser mais uma palavra, eu ameaço remover todas as minhas contribuições para este clube até você ser expulsa. Permanentemente.

A menina arquejou.

– Mas, Rush, eu sou amiga da Nan. A amiga mais antiga dela. Você não faria isso comigo. Sobretudo não por causa de uma empregadinha.

O tom infantil da sua voz era estranho para uma mulher de 21 anos.

– Pode pagar para ver – retrucou Rush.

Então tornou a baixar os olhos para mim:

– Venha comigo.

Não tive tempo de reagir antes de ele virar a cabeça e olhar por cima do meu ombro.

– Eu estou com ela, Bethy. Está tudo bem. Pode voltar para o Jace. – Rush me enlaçou pela cintura. – Cuidado para não escorregar nos escargots.

Dois auxiliares de garçom entraram correndo no salão trazendo apetrechos para limpar a sujeira. A música não havia parado, mas o silêncio era total. Aos poucos, os convidados voltaram a conversar. Cravei os olhos na porta, esperando sair do salão para poder me desvencilhar de Rush.

Se alguém ali ainda não sabia que estávamos transando, agora tinha ficado bem claro. Ele acabara de mostrar a todo mundo que se importava comigo até certo ponto, mas nem por isso queria que andássemos por aí de braços dados. Senti um aperto no peito. Precisava me distanciar dele. Já estava na hora de eu aprender a rastejar de volta para o meu mundinho, onde não dependia de ninguém a não ser de mim mesma. De mais ninguém. Quando saímos do salão e nos afastamos dos olhos curiosos, desvencilhei-me de Rush e abri um espaço

entre nós dois. Cruzei os braços na frente do peito e encarei os meus pés. Não sabia se olhar para ele seria a melhor coisa nesse momento. Não tinha reparado em como ele estava gato com aquele smoking preto; tive que me esforçar ao máximo para não ficar secando. Agora que ele estava ali bem na minha frente vestido daquele jeito e eu de uniforme de garçonete e toda suja de escargot, a imensa diferença entre os nossos mundos ficou patente.

– Blaire, eu sinto muito. Não imaginava que algo desse tipo fosse acontecer. Eu nem sabia que aquela menina tinha problemas com você. Vou conversar com a Nan sobre isso. Tenho a sensação de que ela teve alguma participação...

– A ruiva me odeia porque o Woods se interessa por mim. Nan não teve nada a ver com essa história, nem você.

Ele não reagiu de imediato. Fiquei indecisa se deveria simplesmente dar meia-volta e retornar para a cozinha.

– O Woods continua dando em cima de você?

Ele tinha mesmo me perguntado isso? Eu estava ali, coberta de escargot e manteiga, e ele vinha me perguntar se outro cara estava dando em cima de mim? Eu nem sequer sabia se ainda tinha um emprego. Era isso... eu havia chegado ao meu limite. Girei nos calcanhares e parti em direção à cozinha. Só que Rush não me deixou ir muito longe: estendeu a mão depressa e me agarrou pelo braço.

– Espera, Blaire. Desculpe, eu não deveria ter perguntado isso. A questão agora não é essa. Só queria me certificar de que você estava bem e ajudá-la a se limpar.

A voz dele soou triste ao pronunciar a última parte.

Suspirei e tornei a me virar. Dessa vez, olhei nos olhos dele.

– Eu estou bem. Só preciso ir à cozinha e ver se ainda tenho um emprego. Hoje de manhã Woods me avisou que algo desse tipo talvez fosse acontecer e que seria culpa minha. Neste exato momento, tenho problemas mais graves do que a sua necessidade repentina de se mostrar possessivo. O que é ridículo, aliás. Porque até esse incidente acontecer você estava se esforçando ao máximo para me ignorar. Rush, ou você me conhece ou não conhece. Não dá para ficar em cima do muro.

Não foi fácil disfarçar a mágoa na minha voz. Tirei a mão dele do meu braço com um safanão e segui novamente na direção da cozinha a passos largos.

– Você estava trabalhando. O que queria que eu fizesse? – perguntou ele, o que

me fez parar. – Se tivesse cumprimentado você, teria dado motivo a Nan para agredi-la. Eu estava protegendo você.

O simples fato de ele admitir isso me revelava a verdade: Nan vinha em primeiro lugar. Ele estava me ignorando para mantê-la feliz. É claro que eu já imaginava isso. Eu era só a comida fácil; Nan era a sua irmã. Ele estava certo de escolher a ela e não a mim. Como poderia me considerar para qualquer outra coisa, visto a facilidade com que eu tinha ido para a cama com ele?

– Tem razão, Rush. O fato de você me ignorar impediria Nan de me agredir. Eu sou só a menina que você comeu nas duas últimas noites. Pensando bem, não sou tão especial assim. Só uma entre muitas.

Não esperei ele dizer mais nada. Corri para as portas da cozinha e me joguei em cima delas antes de as lágrimas que marejavam os meus olhos começarem a rolar.

Capítulo 22

– Nossa, garota – disse Jimmy, estendendo os braços para me segurar quando entrei.

Um soluço me escapou da garganta e me segurei para não perder o controle.

– Aquilo que aconteceu no salão foi cruel, mas poderia ter sido pior. Pelo menos Rush apareceu para resgatar você.

Jimmy afagou as minhas costas e me deu um abraço.

Eu não queria que ele soubesse o quanto eu era fácil. Não podia dizer que estava chorando porque havia me transformado no segredinho sacana de um ricaço e não porque uma piranha maldosa tinha me emporcalhado de comida no meio de um salão lotado.

– Volte lá para fora, Jim. Precisamos de mais gente servindo. Deixe que eu converso com a Blaire – disse Woods, entrando na cozinha.

Jimmy me deu outro abraço apertado. Em seguida, franziu o cenho para Woods antes de pegar uma bandeja e se encaminhar para a porta.

– Seja gentil com a minha menina – falou ao passar por Woods.

Meu chefe não respondeu. Apenas ficou me observando. É isso, pensei. O grande momento de "a culpa é sua, pode arrumar as suas coisas" tinha chegado.

– Eu me dei ao trabalho de avisá-la sobre a Nan, mas não foi nem culpa do Rush aquela piranha ciumenta ter agredido você – vociferou ele, balançando a cabeça de tanta repulsa. – Sinto muito, Blaire. Essa foi culpa minha. Eu não esperava isso dela. É uma ex-namorada louca que não larga do meu pé.

Ele não iria me mandar embora? Eu me recostei na bancada e respirei fundo.

– Com esse drama todo, não quero mais você no salão. Pode ficar aqui ajudando a preparar as bandejas. Vou garantir que ganhe o mesmo cachê que receberia ficando no salão.

– Obrigada, mas posso trocar de roupa? – perguntei.

Precisava me limpar daquele escargot.

Woods sorriu.

– Pode. Vá lá no escritório e pegue um dos uniformes das meninas dos carrinhos. Todos os nossos uniformes extras de garçonete estão em uso hoje.

Eu me afastei da bancada e segui para a porta.

– Não se apresse. Estamos segurando as pontas aqui, se precisar de um tempinho – completou ele enquanto eu saía da cozinha.

Quando saí, Rush e Nan estavam no corredor tendo o que parecia um bate-boca acalorado. Nan me lançou um olhar gélido. Pude ver a expressão frustrada de Rush; eu só estava causando tristeza para ele. Não queria assistir àquilo. Eles podiam ter a sua briguinha familiar e esquecer tudo: depois dessa noite, eu deveria ter dinheiro suficiente para me mudar. No dia seguinte arrumaria um lugar para ficar, pois dormir sob o teto de Rush seria impossível. Eu me virei e abri a porta que dava para o lado de fora.

– Blaire – chamou Rush.

– Deixe ela sair, Rush – exigiu Nan.

– Não posso – respondeu ele.

A porta se fechou atrás de mim e tentei bloquear o que acabara de ouvir. Não precisava pensar ou sequer cogitar que ele fosse lutar por mim.

A porta se abriu e ele saiu por ela.

– Blaire, por favor, espere. Fale comigo – implorou.

Parei e fiquei olhando enquanto ele corria e parava na minha frente. Não tinha nada para lhe dizer, já falara tudo.

– Desculpe, mas você está enganada: eu não a ignorei lá no salão. Pode perguntar a quem quiser, não desgrudei os olhos de você. Se alguém tinha alguma dúvida sobre o que sinto por você, o fato de eu não conseguir parar de olhar para você andando pelo salão deve ter dissipado essa dúvida. – Ele fez uma pausa, correu a mão pelos cabelos e murmurou um palavrão. – Aí vi a sua expressão quando encontrou a Bethy com o Jace. Alguma coisa dentro de mim se rasgou. Eu não sabia o que você estava pensando, mas entendi que percebia o quanto esta noite está errada. Você nunca deveria ter vindo aqui servir os convidados, deveria estar ao meu lado. Eu quero você ao meu lado. Estava tão tenso esperando alguém dar um passo em falso com você que praticamente me esqueci de respirar.

Ele estendeu a mão e acariciou o meu punho cerrado.

– Se conseguir me perdoar, juro que nada desse tipo jamais vai tornar a acontecer. Eu amo a Nan, mas cansei de tentar agradá-la. Ela é a minha irmã e tem umas questões que precisa resolver. Já disse a ela que vou contar tudo a você. Há coisas que precisa saber. – Ele fechou os olhos e respirou fundo. – Estou tendo que administrar o fato de que talvez você me abandone depois de saber essas coisas e nunca mais volte. Isso me deixa apavorado. Não sei o que é isso que está acontecendo entre a gente, mas desde o primeiro instante em que a vi eu soube que você iria transformar o meu mundo. Quanto mais eu olhava para você, mais me sentia atraído. Por mais que eu chegasse perto, não bastava.

Ele estava disposto a se abrir para mim e a me deixar entrar; não estava só me usando. Eu não era só mais uma menina que ele comia e depois dispensava. Ele estava disposto a me revelar seus segredos. Queria ficar comigo. Meu coração cedeu. Eu vinha me controlando e me esforçando muito para impedir que Rush o ganhasse, mas mesmo assim ele agora lhe pertencia. Vê-lo assim, tão vulnerável, foi a última gota. Não consegui mais me segurar.

Eu havia ultrapassado o limite. Estava apaixonada por Rush Finlay.

– Tudo bem – falei.

Não havia mais nada a dizer. Ele tinha me conquistado.

Rush estranhou.

– Tudo bem?

Fiz que sim.

– Se você quer tanto ficar comigo a ponto de estar disposto a se abrir, então tudo bem.

Eu não iria dizer que o amava. Era cedo demais. Ele acharia que eu estava dizendo isso porque era muito nova. Iria me segurar para não dizer até saber que era a hora certa. Talvez fosse mesmo porque eu era nova demais, mas mesmo assim era o que eu sentia.

Um sorrisinho repuxou os lábios de Rush.

– Eu acabei de abrir o meu coração para você e a sua única resposta é “tudo bem”? – indagou ele.

Dei de ombros.

– Você disse tudo o que eu precisava escutar. Agora estou fisgada. Você me

fisgou. O que vai fazer comigo?

Rush deixou escapar uma risada grave e sensual e me puxou mais para perto.

– Estava pensando que transar no buraco 16 perto do lago seria legal.

Inclinei a cabeça como se estivesse pensando no assunto.

– Hummm... o problema é que eu preciso trocar de roupa e passar o resto da noite trabalhando na cozinha.

Ele deu um suspiro fundo.

– Que merda.

Beijei a linha do seu maxilar.

– Você precisa acompanhar a sua irmã – lembrei a ele.

Ele me abraçou com mais força.

– Só consigo pensar em estar dentro de você. Em ter você juntinho de mim e ouvir você dar aqueles gemidinhos tesudos.

Ai, ai, ai. Meu coração se acelerou ao pensar nisso.

– Se pudesse, eu levaria você para dentro daquela sala, a imprensaria na parede e me enterraria bem fundo aí dentro. Mas quando se trata de você não consigo dar uma rapidinha, você é viciante demais.

Sua descrição tinha me deixado ofegante e pendurada aos seus ombros.

– Vá mudar de roupa. Eu vou ficar aqui, assim evito qualquer tentação. Depois a acompanho de volta até a cozinha – disse ele, soltando-me devagar.

Precisei de um instante para me controlar antes de soltar os seus braços. Então me virei e entrei apressada no escritório.

Não tornei a ver Rush depois que ele me deixou na porta da cozinha com um beijo rápido. A noite parecia não acabar nunca; eu estava exausta. Preparar comida era mais difícil do que parecia. Depois que o salão ficou vazio e os móveis foram retirados, ainda tivemos que limpar tudo.

Três horas mais tarde, eram quase quatro da manhã. Praticamente cambaleei para a escuridão da madrugada e segui em direção à picape. Parte de mim imaginava que Rush fosse estar me esperando, mas nesse caso ele teria que dormir no carro, o que seria ridículo.

Dei a partida na picape e segui em direção à casa dele. Não precisava trabalhar de manhã, então poderia dormir. Tampouco precisaria encontrar outro lugar

para morar. Assim que encostei o carro, olhei para cima e vi que a luz do quarto de Rush ainda estava acesa. O último andar da casa, todo aceso, se destacava em meio à escuridão do resto.

Como a porta da frente estava destrancada, entrei sem fazer barulho e a fechei atrás de mim. Será que Rush ainda estaria acordado à minha espera ou acabara adormecendo com as luzes acesas? Será que eu deveria ir para o meu quarto ou para o dele?

Quando subi a escada, encontrei-o sentado no chão, encostado na sua porta e olhando bem na minha direção. O que ele estava fazendo?

Quando o seu olhar cruzou com o meu, ele se levantou e andou até mim a passos largos. Avancei também ao seu encontro. Ele parecia desesperado, mas eu não conseguia entender por quê.

– Preciso que você vá lá para cima. Agora – falou, com uma voz tensa, descontrolada.

Meu coração disparou. Será que tinha alguém ferido? Será que ele estava bem?

Subi apressada atrás dele. Ele fechou a porta e trancou. Nunca trancava a porta. Então, antes mesmo de subirmos a escada, ele começou a me agarrar.

Foi como se um homem primitivo o tivesse possuído. Ele desceu as mãos pelo meu quadril, alisou a minha bunda e tornou a subir. Segurou a minha blusa e a arrancou; ouvi um botão se soltar e fiz uma careta. Aquela blusa era do uniforme. Comecei a lhe perguntar qual era o problema, mas ele tapou a minha boca com a sua e enfiou a língua lá dentro. Encontrou o fecho do meu short, abriu e começou a puxá-lo para baixo. Os pequenos grunhidos excitados que ele dava fizeram o meu corpo reagir: fiquei molhada entre as pernas e senti começar de novo o mesmo latejar urgente.

Rush me derrubou para trás nos degraus, arrancou os meus sapatos e tirou o meu short e a minha calcinha, então segurou os meus dois joelhos e os afastou. Não tive nem tempo de entender o que estava acontecendo quando ele caiu de boca em mim e começou a lamber as minhas dobras e a enfiar a língua lá dentro. Meu sexo, ainda sensível por causa da nossa transa enlouquecida da noite anterior, se mostrou extremamente receptivo a cada carícia da sua língua. Comecei a gritar o nome dele. Caí de costas, apoiada nos cotovelos, e fiquei olhando enquanto ele cobria as minhas coxas de beijos e tornava a enterrar o

rosto entre as minhas pernas, fazendo-me ofegar e implorar por mais.

– Minha. Você é minha – entoava ele como um possuído, recuando para me olhar lá embaixo. Correu o dedo pelo meio do meu sexo com delicadeza, depois ergueu os olhos para me encarar. – Minha. Essa bocetinha deliciosa é minha, Blaire.

Eu estava disposta a concordar com qualquer coisa, contanto que ele me fizesse gozar. Só que antes queria que ele metesse em mim.

– Diga que ela é minha – ordenou ele.

Quando assenti, ele enfiou um dedo lá dentro e me fez soltar outro gemido.

– Diga que ela é minha – repetiu.

– Ela é sua, agora mete em mim, Rush, por favor.

Ele arregalou os olhos, levantou-se e abaixou a calça de pijama que estava vestindo. Seu pau duro surgiu, empinado e orgulhoso.

– Hoje vai ser sem camisinha. Eu tiro antes. Só preciso sentir você todinha – disse ele, levantando os meus joelhos e se abaixando até encostar a cabeça do pau na minha entrada. Não enfiou tudo de uma vez como eu esperava que fizesse. Foi entrando devagar.

– Está doendo? – perguntou ele, parando acima de mim.

Estava, um pouco, mas eu não ia admitir isso. Queria que ele perdesse o controle.

– Está uma delícia – afirmei.

Ele mordeu o lábio inferior e tirou devagar.

– Essa escada é dura demais para você. Venha cá.

Abaixando-se, ele me pegou no colo e começou a subir a escada. Nenhum cara nunca tinha me carregado, e devo dizer que foi uma experiência maravilhosa. Ser carregada contra o peito nu de Rush foi incrível.

– Faz uma coisa para mim? – pediu ele, baixando a cabeça para dar beijinhos no meu nariz e nas pálpebras.

– Faço – respondi.

Ele parou ao lado da cama e me abaixou devagar até os meus pés tocarem o chão.

– Fique de joelhos e apoie o peito no colchão. Estique os braços acima da cabeça e deixe a bunda arrebitada.

Hã... tudo bem. Não perguntei o motivo, pois já tinha entendido. Mantendo os pés no chão, curvei-me para a frente e me posicionei na cama como ele pedira.

Rush alisou a minha bunda e a sua garganta emitiu um ruído de aprovação.

– Você tem a bunda mais perfeita que eu já vi – falou, com um tom de veneração.

Ele segurou o meu quadril com as duas mãos e me penetrou devagar, puxando-me para junto de si enquanto metia. Naquela posição conseguia entrar mais fundo.

– Rush! – gritei, sentindo uma leve dor com aquela penetração tão profunda.

– Caralho, como eu estou fundo – grunhiu ele.

Ele tirou devagar e iniciou a já conhecida cadência do quadril. Eu me segurei nos lençóis à medida que o meu corpo iniciava a escalada em direção ao orgasmo. Sabia o que estava por vir e senti minhas pernas começarem a tremer por causa do prazer que ia se acumulando dentro de mim.

Rush desceu uma das mãos até tocar o meu clitóris inchado e começou a esfregar o polegar ali.

– Nossa, como você está molhada – falou, ofegante.

Minhas pernas se retesaram no momento do orgasmo e comecei a arquear o corpo, sem conseguir suportar a sensação de Rush ainda me penetrando. O prazer foi tão grande que chegou a doer. Antes de eu conseguir implorar misericórdia, ele me segurou pela cintura e tirou depressa.

– AAAHHH! – urrou, enquanto eu desabava na cama sem ver se ele tinha tirado antes de gozar.

– Gata, você nem imagina como a sua bunda está incrível agora – disse ele, ainda sem ar.

Sem forças para levantar a cabeça, virei-a de lado e olhei para ele.

– Por quê?

Uma risadinha grave brotou do seu peito.

– Digamos apenas que eu preciso limpar você.

Aos poucos entendi e um calor na minha bunda que eu não havia percebido antes de repente chamou a minha atenção. Deixei escapar uma risadinha e enterrei o rosto nas mãos.

Fiquei deitada e o escutei abrir a torneira e tornar a sair do banheiro. O calor da

luva de banho quando ele limpou o seu esperma de cima de mim era gostoso e, aos poucos, comecei a pegar no sono. Estava exausta. Não sabia se um dia tornaria a acordar.

Capítulo 23

Eu estava sozinha. Protegi os olhos da claridade da manhã e olhei para o quarto à minha volta. Rush não estava ali. Que estranho. Eu me sentei na cama e olhei para o relógio: já passava das dez. Não era de se espantar que ele não estivesse no quarto. Eu havia dormido a manhã quase toda. Nesse dia iríamos conversar. Ele iria me revelar os seus segredos. Na noite passada tivéramos uma transa incrível, mas agora eu precisava de respostas.

Eu me levantei e achei o meu short ao pé da cama. Rush devia ter trazido a roupa ali para cima, porque eu me lembrava de termos deixado tudo jogado na escada na noite anterior. Vesti o short e olhei em volta à procura da blusa. Dobrada debaixo do short havia uma das camisetas de Rush, então eu a vesti e desci. Estava pronta para encontrá-lo.

As portas dos quartos da família do outro lado do corredor estavam abertas. Gelei. O que significava isso? Aquelas portas viviam fechadas. Foi então que ouvi as vozes. Andei até o segundo lance de escada e agucei os ouvidos. A voz conhecida do meu pai subiu da sala de estar. Ele tinha voltado.

Dei o primeiro passo e parei. Será que era capaz de encará-lo? Será que ele iria me mandar embora? Será que saberia que eu tinha transado com Rush? Será que Nan faria a mãe me detestar também? Eu não tinha tempo para refletir sobre tudo isso.

Meu pai pronunciou o meu nome e entendi que precisaria ir lá encarar a situação, fosse ela qual fosse. Eu me forcei a descer cada degrau. Atravessei o hall e, quando consegui ouvi-los com clareza, parei. Precisava saber em que estava me metendo.

– Não acredito, Rush! Onde você estava com a cabeça? Sabe quem ela é? O que ela significa para esta família?

Era a sua mãe quem estava falando. Apesar de nunca a ter encontrado, tive certeza.

– Você não pode pôr a responsabilidade nela. Ela nem tinha nascido. Você não faz ideia do que ela sofreu. Do que ELE a fez sofrer.

Rush estava com raiva.

Comecei a avançar em direção à porta, mas parei. O que eu significava para aquela família? Que papo era aquele?

– Não comece a se comportar como um cavalheiro ofendido. Foi você quem o encontrou para mim. Sendo assim, por mais que ele a tenha feito sofrer, quem começou tudo foi você – cuspiu ela. – E aí você vai e *transa* com ela? Pelo amor de Deus, Rush! Onde você estava com a cabeça? É igualzinho ao seu pai.

Estendi a mão para me segurar no batente da porta. Não sabia o que iria ouvir em seguida, mas estava ficando sem ar. Pude sentir o pânico invadir o meu peito.

– Mãe, lembre-se de quem é o dono desta casa. – O alerta de Rush foi claro.

Sua mãe deu uma risada alta que pareceu um cacarejo.

– Dá para acreditar? Ele está se virando contra mim por causa de uma menina que acabou de conhecer. Abe, você tem que fazer alguma coisa!

Silêncio. Então o meu pai pigarreou.

– Georgie, esta casa é dele. Não posso forçá-lo a fazer nada. Deveria ter imaginado que isso iria acontecer. Ela é igualzinha à mãe.

– Como assim? – rugiu Georgianna.

Meu pai suspirou.

– Já falamos sobre isso. Eu deixei você porque ela exercia sobre mim uma atração... eu não conseguia me afastar dela.

– EU SEI disso. Não quero ouvir outra vez. Você a desejava tanto que me largou grávida com um monte de convites de casamento para cancelar.

– Amor, calma. Eu amo você. Estava só explicando que Blaire tem o mesmo carisma da mãe. É impossível não ficar atraído por ela. E ela é tão cega em relação a isso quanto a mãe era; não pode fazer nada a respeito.

– Aaahh! Será que essa mulher nunca vai me deixar em paz? Será que vai estragar a minha vida para sempre? Ela morreu, caramba! Eu recuperei o homem que amo e a nossa filha enfim tem um pai. E agora isso. Aí vem *você* e transa com essa.. com essa menina!

Meu corpo estava anestesiado. Eu não conseguia me mover. Não conseguia respirar fundo. Ainda estava sonhando... só podia ser isso. Ainda não tinha

acordado. Apertei bem os olhos para tentar despertar daquele pesadelo doente e pervertido.

– Se disser mais uma palavra contra ela, eu expulso você desta casa. – O tom de Rush foi frio e duro.

– Georgie, meu amor, calma. Por favor. Blaire é uma boa menina. O fato de ela estar aqui não é o fim do mundo. Ela precisa de um lugar para ficar, eu já lhe expliquei isso. Sei que você odeia a Rebecca, mas ela era a sua melhor amiga. Vocês eram amigas desde crianças; eram praticamente irmãs até eu aparecer e estragar tudo. Blaire é filha dela. Tenha um pouco de compaixão.

Não. NÃO. Não, não, não. Eu não tinha escutado aquelas palavras. Aquilo não era real. Minha mãe jamais teria estragado o casamento de outra pessoa. Nunca teria feito o meu pai abandonar uma mulher grávida de um filho seu. Minha mãe era uma mulher doce, generosa. Nunca, jamais teria deixado isso acontecer. Eu não podia ficar ali parada ouvindo aquelas pessoas falarem sobre ela daquele jeito. Eles não tinham entendido nada. Não conheciam a minha mãe. Meu pai tinha passado tanto tempo afastado que acabara esquecendo o que realmente acontecera.

Soltei o batente que segurava com força e entrei a passos largos na sala em que eles estavam caluniando a minha mãe.

– NÃO! Calem a boca, todos vocês – berrei.

A sala silenciou. Olhei para o meu pai e o encarei com um olhar irado. Ninguém mais importava nesse instante. Nem a mulher que continuava a cuspir mentiras sobre a minha mãe, nem o homem que eu pensava amar. O homem a quem eu tinha entregado o meu corpo. O homem que tinha mentido para mim.

– Blaire – a voz de Rush soou distante.

Estendi a mão para detê-lo. Não o queria perto de mim.

– Você – falei, apontando para o meu pai. – Você está deixando que eles mintam sobre a minha mãe – gritei.

Pouco me importava parecer louca. Nesse momento, eu detestava todos eles.

– Blaire, me deixe explicar...

– CALE ESSA BOCA! – vociferei. – Minha irmã morreu, minha outra metade. Ela morreu, pai. Em um acidente de carro a caminho do mercado com VOCÊ. Foi como se a minha alma tivesse sido arrancada de dentro de mim e rasgada ao

meio. Perder a Valerie foi insuportável. Tive que ver a minha mãe chorar e uivar de dor, depois tive que ver o meu pai ir embora para nunca mais voltar. Enquanto a sua filha e a sua mulher tentavam colar os caquinhos do mundo sem Valerie. Aí a minha mãe ficou doente. Eu liguei, mas você não atendeu. Então arrumei um emprego depois da escola e comecei a pagar as despesas médicas. Não fazia nada a não ser cuidar dela e estudar. Só que no meu último ano ela piorou tanto que eu tive que largar a escola. Fiz a prova de conclusão do ensino médio e parei de estudar, porque a única pessoa no planeta que me amava estava morrendo enquanto eu assistia sem poder fazer nada. Segurei a sua mão quando ela deu o último suspiro, organizei o enterro, vi quando eles baixaram o caixão na cova. Você não ligou nem uma vez sequer! Nenhuma! Aí tive que vender a casa que a vovó nos deixou e todos os objetos de valor que havia lá dentro só para pagar as despesas médicas.

Parei, respirei com vontade e um soluço escapou da minha garganta.

Dois braços me envolveram e dei um grito, debatendo-me e me desvencilhando.

– NÃO TOQUE EM MIM!

Não queria que Rush me tocasse. Ele tinha mentido para mim. Sabia de tudo aquilo e tinha mentido para mim.

– E agora estou sendo obrigada a ouvir vocês falarem sobre a minha mãe, que era uma santa. Estão me ouvindo? Ela era uma santa! Vocês são todos uns *mentirosos*. Se tem alguém culpado nessa merda toda que estou ouvindo sair das suas bocas é esse homem aí. – Apontei para o meu pai. Não podia mais chamá-lo assim, não agora. – O mentiroso é ele. Ele não vale o chão que eu piso. Se Nan é filha dele, se você estava grávida...

Eu me virei na direção da mulher para a qual ainda não tinha olhado e as palavras congelaram na minha boca. Eu me lembrava dela. Cambaleei para trás e balancei a cabeça. Não. Aquilo não era o que parecia.

– Quem é você? – perguntei enquanto começava a me lembrar lentamente daquele rosto.

– Cuidado como vai responder – disse Rush atrás de mim com uma voz tensa.

Ele continuava perto de mim.

Georgianna desviou os olhos de mim, olhou para o meu pai, depois tornou a

me encarar.

– Você sabe quem eu sou, Blaire. Nós já nos encontramos.

– Você foi à minha casa. Você... você fez a minha mãe chorar.

Georgianna revirou os olhos.

– Mãe, último aviso – falou Rush.

– Nan queria conhecer o pai, então levei ela até lá. Assim ela pôde ver a linda familiazinha dele, as duas lindas filhinhas gêmeas e louras que ele amava e a esposa igualmente perfeita. Eu estava cansada de ter que dizer à minha filha que ela não tinha pai, porque ela sabia que tinha. Então mostrei a ela o que o seu pai tinha escolhido no seu lugar. Ela só voltou a perguntar sobre ele anos mais tarde.

A menininha da minha idade que segurava a mão da mãe com força e me observava da porta. Aquela menina era Nan. Senti um nó na garganta. O que o meu pai tinha feito?

– Blaire, por favor, olhe para mim.

Ouvi a voz desesperada de Rush atrás de mim, mas não consegui prestar atenção nele. Ele sabia aquilo tudo: esse era o grande segredo de Nan e ele o havia protegido para ela. Será que não entendia que o segredo era meu também? Aquele era o meu pai e eu não sabia de nada. As palavras de Woods ecoaram na minha mente: "Quando chegar a hora de escolher, Rush vai optar por ela."

Woods já sabia que Rush tinha escolhido Nan. Todo mundo naquela cidade conhecia o segredo, menos eu. Todos sabiam quem eu era, mas eu não.

– Eu estava de casamento marcado com Georgianna, que estava grávida de Nan. Sua mãe foi visitá-la. Ela era diferente de todas as outras mulheres que eu conhecera; sua mãe era viciante. Não consegui ficar longe dela. Georgianna ainda estava a fim do Dean e Rush ainda visitava o pai a cada quinze dias. Para mim, no mesmo segundo em que Dean decidisse sossegar o facho, Georgie ficaria com ele. Eu nem tinha certeza de que Nan era a minha filha. A sua mãe era inocente e divertida. Não gostava de roqueiros e me fazia rir. Quando dei em cima dela, ela me ignorou. Não sei como, mas consegui convencê-la a fugir comigo. A jogar fora aquela amizade de uma vida inteira.

Pressionei as mãos sobre as orelhas para não ouvir o que o meu pai estava dizendo. Não conseguia escutar aquilo. Era tudo mentira. Aquele mundo doente em que eles viviam não era o meu. Eu queria voltar para casa, para o Alabama.

Voltar para um lugar que compreendia, onde o dinheiro e os astros do rock não tivessem importância.

– Chega. Não quero ouvir isso. Só quero as minhas coisas, quero ir embora daqui.

Não pude conter o soluço que dei a seguir. O meu mundo como eu o conhecia acabara de explodir em mil pedaços. Eu precisava ir me sentar junto ao túmulo da minha mãe e conversar com ela. Queria voltar para casa.

– Gata, fale comigo, por favor. Por favor.

Rush tinha se posicionado novamente atrás de mim e eu estava cansada demais para empurrá-lo para longe. Em vez disso, me afastei. Não consegui encará-lo.

– Não consigo olhar para você. Não quero falar com você. Eu só quero as minhas coisas. Quero voltar para casa.

– Blaire, querida, você não tem casa.

A voz do meu pai me irritou. Ergui os olhos e o encarei com fúria. Toda a dor e a amargura que conseguira reprimir quando ele havia nos abandonado me consumiam agora.

– Minha casa são os túmulos da minha mãe e da minha irmã. Quero ficar perto delas. Fiquei aqui parada ouvindo vocês dizerem que a minha mãe era alguém que eu sei que não era. Ela jamais teria feito isso de que a estão acusando. Pode ficar aqui com a sua família, Abe. Tenho certeza de que ela vai amá-lo tanto quanto a sua antiga o amava. Só tente não matar ninguém desta vez – cuspi.

O arquejo audível de Georgianna foi a última coisa que escutei antes de sair da sala. Queria ir embora, mas tinha que pegar a minha bolsa e a chave do carro. Subi correndo a escada, joguei tudo o que consegui de volta na mala e a fechei com violência. Pendurei no ombro a alça da bolsa e, quando me virei para a porta, vi Rush ali parado, olhando para mim.

Ele estava pálido, com os olhos fundos. Fechei os meus. Pouco me importava que ele estivesse chateado. Deveria estar mesmo. Tinha mentido para mim. Havia me traído.

– Você não pode me abandonar – disse ele com um sussurro rouco.

– Não só posso como vou – retruquei, fria e sem emoção.

– Blaire, você não me deixou explicar. Eu ia lhe contar tudo hoje. Aí eles chegaram ontem à noite e eu entrei em pânico. Tinha que lhe contar primeiro. –

Ele deu um soco no batente da porta. – Não era para você descobrir assim. Não assim. Meu Deus, *não assim*. – Ele parecia mesmo abalado.

Eu não podia me deixar afetar pela moleza que aquela expressão do seu rosto provocava no meu coração. Seria uma idiota se deixasse isso acontecer. Além do mais, a sua irmã... Nan era sua irmã. Não era de se espantar que ele a tivesse protegido desde a infância. Ela era a menina sem pai. Engoli a bile que me subia pela garganta. Meu pai era um homem horrível.

– Não posso ficar aqui. Não posso ver você. Você representa dor e traição não só em relação a mim, mas a minha mãe também. – Balancei a cabeça. – O que nós tivemos acabou. Morreu no mesmo instante em que eu desci a escada e entendi que o mundo que conheci a vida inteira era uma mentira.

Rush tirou as mãos do batente, encolheu os ombros e baixou a cabeça. Não disse nada, apenas recuou para eu poder sair. O pouco de coração que me restava intacto se estilhaçou diante daquela expressão derrotada. Mas não havia outro jeito. O que existia entre nós estava contaminado.

Capítulo 24

Não olhei para trás e ele não tornou a chamar o meu nome. Desci a escada com a minha mala na mão. Quando cheguei ao último degrau, meu pai saiu da sala e entrou no hall. Tinha o cenho franzido e parecia quinze anos mais velho do que da última vez em que eu o vira. Os últimos cinco anos não tinham sido piedosos com ele.

– Blaire, não vá embora. Vamos conversar. Dê um tempo a si mesma para refletir sobre as coisas.

Ele queria que eu ficasse. Por quê? Para poder se sentir melhor com o fato de ter estragado a minha vida? De ter estragado a vida de Nan?

Tirei do bolso o celular que ele quisera me dar e lhe estendi.

– Tome. Eu não quero isso – falei.

Ele encarou o telefone, depois tornou a olhar para mim.

– Por que eu iria ficar com o seu celular?

– Porque eu não quero nada de você – respondi.

Continuava com raiva, mas estava cansada. Só queria sair dali.

– Mas eu não dei esse telefone a você – disse ele, ainda com um ar de incompreensão.

– Fique com o celular, Blaire. Se quer mesmo ir embora, não posso impedir, mas, por favor, leve o celular.

Rush estava em pé no alto da escada. Ele tinha comprado o telefone para mim. Meu pai nunca lhe dissera para me dar um celular. Eu estava começando a ficar anestesiada; não conseguia mais sentir dor nenhuma, nem tristeza pelo que talvez pudéssemos ter tido.

Caminhei até ele e pousei o celular na mesa ao lado da escada.

– Não dá – foi a minha única resposta.

Não olhei para trás em direção a nenhum deles, embora tenha ouvido os saltos de Georgianna estalarem no piso de mármore, deixando claro que ela havia

entrado no hall.

Segurei a maçaneta da porta e puxei. Nunca mais veria nenhuma daquelas pessoas, mas só choraria a perda de uma delas.

– Você é igualzinha a ela.

A voz de Georgianna ecoou no hall silencioso. Entendi que ela estava falando da minha mãe. Só que ela não tinha sequer o direito de lembrar a minha mãe, muito menos de falar nela. Ela mentira a seu respeito. Fizera a única mulher que eu admirava mais do que qualquer outra pessoa no mundo parecer egoísta e cruel.

– Só espero que eu consiga ser metade da mulher que ela foi – retruquei em voz alta e nítida.

Queria que todos eles me escutassem, pois precisavam saber que eu não tinha nenhuma dúvida quanto à inocência da minha mãe.

Saí e fechei a porta da casa com firmeza. Um carro esportivo prateado chegava à entrada da garagem na mesma hora em que eu andava até a picape. Sabia que era Nan, mas não consegui olhar para ela. Não nesse momento.

A porta do carro bateu, mas eu não hesitei. Joguei a mala na traseira da picape e abri a porta do motorista. Não tinha mais nada a fazer ali.

– Sabe de uma coisa? – começou ela, em tom de quem está achando graça. Eu não iria falar com ela; não ouviria mais mentiras sobre a minha mãe saírem da sua boca. – Como está se sentindo? Sabendo que o seu próprio pai a trocou por outra pessoa?

Eu estava anestesiada. Aquela era a menor das minhas dores. Fazia cinco anos que o meu pai nos abandonara. Eu tinha tocado a minha vida.

– Não está se sentindo tão superior agora, está? A sua mãe era uma jeca ordinária que mereceu tudo o que aconteceu com ela.

A calma que havia se apoderado de mim desapareceu. Ninguém iria falar mais nada sobre a minha mãe. Ninguém. Levei a mão até debaixo do banco e peguei a pistola. Virei-me e mirei bem naquela sua boca vermelha mentirosa.

– Se disser mais uma palavra sobre a minha mãe eu abro um buraco a mais no seu corpo – falei com a voz dura e sem emoção.

Nan deu um grito e levantou as mãos para o alto. Não abaixei a pistola. Não tinha a intenção de matá-la, só iria lhe dar um tiro no braço se ela tornasse a

abrir a boca. Minha mira estava perfeita.

– Blaire! Abaixe essa arma. Nan, não se mexa. Ela sabe usar esse troço melhor do que a maioria dos homens.

A voz do meu pai fez as minhas mãos tremerem. Ele a estava protegendo de mim. Protegendo a sua filha, a que ele queria. A filha por quem ele nos deixara. A filha que havia abandonado durante a maior parte da vida. Eu não sabia o que sentir.

Ouvi a voz apavorada de Georgianna.

– O que ela está fazendo com essa arma? A lei por acaso permite isso?

– Ela tem porte de arma e sabe o que está fazendo – respondeu o meu pai. – Fique calma.

Abaixei a pistola.

– Vou subir nesta picape e sumir das suas vidas. Para sempre. Mas cale a boca em relação à minha mãe. Não quero ouvir isso outra vez – avisei antes de virar as costas e subir na picape.

Tornei a guardar a pistola debaixo do banco e saí de marcha a ré. Não olhei para ver se eles estavam todos reunidos em volta da pobre Nannette; estava pouco ligando para isso. Talvez agora ela fosse pensar duas vezes antes de caluniar a mãe de alguém. Porque, juro por Deus, era melhor ela nunca mais falar mal da minha.

Fui até o country clube. Tinha que avisar que iria embora. Darla merecia saber que não poderia contar comigo. Woods também, aliás. Eu não queria explicar, mas imagino que eles já soubessem. Todo mundo sabia, menos eu, e todos estavam só esperando eu descobrir. O que eu não entendia era por que ninguém pôde me contar a verdade.

A vida de Nan, afinal, não seria alterada por causa daquilo. Tudo o que ela conhecia não acabara de voar pelos ares. A vida que tinha virado de cabeça para baixo era a minha. Aquela história não tinha a ver com Nan, tinha a ver comigo. Comigo, merda. Por que eles precisavam protegê-la? Do que ela precisava ser protegida?

Estacionei a picape em frente ao escritório e Darla veio até a porta me receber.

– Esqueceu de olhar a escala, menina? Você está de folga hoje.

Ela estava sorrindo, mas o sorriso desapareceu quando olhou para mim. Ela parou e segurou o corrimão dos degraus que levavam ao escritório. Então balançou a cabeça.

– Você ficou sabendo, não é?

Até Darla sabia. Só fiz que sim com a cabeça. Ela soltou um longo suspiro.

– Eu tinha ouvido boatos como a maioria das pessoas, mas nunca cheguei a saber toda a verdade. Não quero que me conte porque não é assunto meu, mas, se for algo próximo do que ouvi, sei que deve estar doendo.

Ela desceu devagar os últimos degraus. Nada restava da espoleta mandona que eu conhecia: ao chegar no fim da escada, ela abriu os braços e corri para me aninhar neles. Nem pensei antes de agir; precisava que alguém me abraçasse. Desatei a soluçar no mesmo instante em que ela me enlaçou.

– Eu sei que é uma droga, meu bem. Queria que alguém tivesse lhe contado antes.

Não consegui dizer nada, apenas chorei e me agarrei a ela, que me abraçava forte.

– Blaire? O que houve? – A voz de Bethy soou preocupada. Ergui os olhos e a vi descer correndo na nossa direção. – Ai, merda. Você ficou sabendo – disse ela e estacou. – Eu deveria ter contado, mas fiquei com medo. Não conhecia todos os fatos. Só sabia o que Jace tinha entreouvido a Nan dizer. Não queria contar a coisa errada. Estava torcendo para o Rush conversar com você. Ele contou, não foi? Depois do jeito como vi ele olhando para você ontem à noite, tive certeza de que iria contar.

Eu me afastei do abraço de Darla e enxuguei o rosto.

– Não, ele não me contou. Eu mesma escutei. Meu pai e Georgianna voltaram para casa.

– Que merda – falou Bethy com um suspiro de frustração. – Você vai embora?

A expressão de dor dos seus olhos me fez ver que ela já sabia a resposta.

Assenti.

– Para onde? – quis saber Darla.

– Vou voltar para o Alabama. Para casa. Agora tenho algum dinheiro guardado. Vou poder arrumar um emprego e tenho amigos lá. Os túmulos da minha mãe e da minha irmã estão lá.

Não pude dizer mais nada. Não conseguiria falar sem tornar a irromper em prantos.

– Vamos sentir a sua falta por aqui – disse Darla com um sorriso triste.

Eu também sentiria falta delas. De todos eles, até mesmo de Woods.

– Eu também.

Deixando escapar um soluço bem alto, Bethy correu até mim e me enlaçou pelo pescoço.

– Nunca tive uma amiga como você antes. Não quero que vá embora.

Meus olhos ficaram marejados outra vez. Eu tinha feito alguns amigos ali. Nem todo mundo havia me traído.

– Você pode me visitar no Alabama um dia, não é? – sussurrei, engolindo um soluço.

Ela se afastou de mim e fungou.

– Posso mesmo?

– Claro – respondi.

– Que bom. Semana que vem já posso ir?

Se eu conseguisse reunir energia suficiente para sorrir, teria sorrido. Mas duvidava que algum dia fosse voltar a fazer isso.

– Quando você quiser.

Ela assentiu e esfregou o nariz vermelho com o braço.

– Vou avisar ao Woods. Ele vai entender – disse Darla atrás de nós.

– Obrigada.

– Tome cuidado. E dê notícias.

– Vou dar, sim – respondi, pensando se isso seria mentira.

Será que eu algum dia tornaria a falar com elas?

Darla deu um passo para trás e, com um gesto, chamou Bethy para ir ficar ao seu lado. Acenei para as duas, abri a porta da picape e entrei. Já estava na hora de deixar aquele lugar para trás.

Capítulo 25

O suspiro de alívio que eu esperava dar ao passar sob o primeiro dos três únicos sinais de trânsito de Sumit, Alabama, não aconteceu. Eu estivera completamente anestesiada durante o trajeto de sete horas até ali. As palavras que eu ouvira o meu pai dizer sobre a minha mãe não paravam de se repetir na minha cabeça, até eu não conseguir mais sentir nada por ninguém.

Dobrei à esquerda no segundo sinal e segui em direção ao cemitério. Precisava conversar com mamãe antes de fazer o check-in no único hotel de beira de estrada da cidade. Queria dizer a ela que não acreditava em nada daquilo. Eu sabia o tipo de mulher que ela era, o tipo de mãe que ela era. Ninguém chegava nem sequer aos seus pés. Mesmo à beira da morte, minha mãe tinha sido a minha fortaleza. Eu jamais temera que ela fosse me abandonar.

O estacionamento de cascalho estava vazio. Na última vez em que eu estivera ali, a maior parte dos moradores da cidade comparecera para prestar as últimas homenagens à minha mãe. Nessa tarde, o sol vespertino já estava indo embora e a minha única companhia eram as sombras.

Desci da picape e engoli em seco com o fato de voltar àquele lugar e saber que ela estava ali, mas ao mesmo tempo não estava. Desci o caminho até o seu túmulo perguntando-me se alguém a visitara durante a minha ausência. Minha mãe tinha amigos. Com certeza alguém havia passado ali para repor as flores. Senti os olhos arderem. Não gostava de pensar que ela tinha passado tanto tempo sozinha. Estava contente por ter mandado enterrá-la ao lado de Valerie; isso tornara mais fácil ir embora.

O túmulo estava coberto de grama agora. O Sr. Murphy tinha me dito que o cobriria de graça, já que eu eu não podia pagar nenhum extra. Ver a grama verde me deu a sensação de que ela estava adequadamente coberta, por mais bobo que parecesse. Seu túmulo agora estava igualzinho ao de Valerie. A lápide não era tão elegante quanto à da minha irmã; era simples, a única que eu tivera dinheiro para

comprar. Eu passara muitas horas decidindo exatamente o que queria que estivesse escrito nela.

Rebecca Hanson Wynn

19 de abril de 1967 – 2 de junho de 2012

O amor que ela deixou servirá de motivação para alcançar os sonhos. Ela era a rocha em um mundo que ruía. Sua força ficará, pois mora nos nossos corações.

A família que me amava não existia mais. Parada ali, olhando para os seus túmulos, entendi o quão sozinha de fato estava. Não tinha mais nenhum parente. Depois desse dia, jamais reconheceria a existência do meu pai.

– Não imaginava que você fosse voltar tão cedo.

Eu tinha ouvido o cascalho estalar atrás de mim e já sabia quem era antes mesmo de me virar. Não olhei para ele; ainda não estava pronta. Ele veria na hora o que eu estava sentindo. Cain era meu amigo desde o jardim de infância. Quando nos tornamos algo mais, fora apenas o curso natural das coisas; já fazia muitos anos que eu era apaixonada por ele.

– Minha vida está aqui – respondi.

– Eu tentei lhe mostrar isso há algumas semanas.

O toque de humor na sua voz não passou despercebido. Ele gostava de ter razão. Sempre gostou.

– Achei que precisasse da ajuda do meu pai, mas estava enganada.

O cascalho estalou mais um pouco quando ele se aproximou.

– Ele continua um babaca?

Respondi que sim. Ainda não estava pronta para dizer a Cain o quão babaca o meu pai realmente era. Não seria capaz de falar sobre aquilo. De certa forma, pronunciar as palavras tornava o fato mais real e eu queria acreditar que era um sonho.

– Não gostou da nova família dele? – perguntou Cain.

Ele não desistia. Iria me fazer perguntas até eu ceder e contar tudo.

– Como você soube que eu tinha voltado? – perguntei, mudando de assunto.

Aquilo só o enganaria por alguns instantes, mas eu não pretendia ficar tanto tempo assim ali no cemitério.

– Você não imaginava mesmo que, com essa sua picape, fosse chegar sem virar

a principal notícia em cinco minutos, imaginava? Até parece que não conhece esta cidade, Bee.

Bee. Ele me chamava de Bee desde que tínhamos 5 anos e chamava Valerie de Ree. Apelidos, lembranças. Aquilo era seguro; aquela cidade era um lugar seguro.

– Já faz cinco minutos que eu cheguei? – perguntei.

Ainda olhava para o túmulo à minha frente. Para o nome da minha mãe gravado em pedra.

– Não, acho que não. Eu estava sentado em frente à mercearia esperando Callie sair do trabalho – disse ele, sem completar a frase.

Pelo visto, estava namorando Callie outra vez. Não era de se espantar. Ela parecia ser a garota de quem ele não conseguia se desvencilhar.

Respirei fundo, então finalmente virei a cabeça e fitei os seus olhos azuis. A emoção conseguiu atravessar a barreira de entorpecimento que me envolvia como se fosse uma capa. Aquilo ali era a minha casa. Um lugar seguro. E isso era tudo que eu sabia.

– Eu vou ficar – falei.

Um sorriso repuxou os seus lábios e ele assentiu.

– Que bom. Você deixou saudades. O seu lugar é aqui, Bee.

Algumas semanas antes, eu pensara que, sem a minha mãe, poderia me encaixar em qualquer lugar. Talvez estivesse enganada. Era ali que estava o meu passado.

– Não quero falar sobre o Abe – avisei e tornei a dirigir os olhos para o túmulo da minha mãe.

– Combinado. Nunca mais vou tocar nesse nome.

Não precisei dizer mais nada. Fechei os olhos e rezei para que a minha mãe e a minha irmã estivessem juntas e felizes. Cain não se mexeu. Ficamos ali, sem dizer nada, enquanto o sol se punha.

Quando a escuridão finalmente tomou conta do cemitério, ele me deu a mão.

– Vamos, Bee. Vamos arrumar um lugar para você ficar.

Deixei ele me conduzir de volta pelo caminho até a picape.

– Posso levar você para a casa da vovó? Ela tem um quarto de hóspedes e vai amar recebê-la. Mora sozinha naquela casa. Quem sabe ela me telefona menos se tiver companhia...

Vovó Q era mãe da mãe de Cain. Fora a minha professora de catecismo durante todo o ensino fundamental. Também havia nos mandado comida uma vez por semana depois da minha mãe adoecer.

– Eu tenho um dinheirinho. Estava pensando em ficar em um hotel. Não quero atrapalhar a sua avó.

Cain riu bem alto.

– Se ela descobrir que você está em um hotel, vai aparecer lá e armar uma confusão. Quando você se der conta, já vai estar na casa dela. É mais fácil ir para lá logo em vez de provocar uma cena. Além do mais, Bee, esta cidade só tem um hotel. Tanto você quanto eu sabemos quantas noites de pegação terminaram lá. No quesito nojinho, é imbatível.

Ele tinha razão.

– Não precisa me levar. Eu posso ir sozinha. A Callie deve estar esperando você – lembrei a ele.

Cain revirou os olhos.

– Não comece, Bee. Você sabe como a banda toca. É só estalar os dedos, gata. É só você estalar os dedos, não precisa nada mais.

Há anos ele me dizia isso. Já era quase uma piada, pelo menos para mim. Meu coração pertencia a outra pessoa. Dois olhos cor de prata cintilaram na minha memória e a dor irrompeu através do entorpecimento. Eu sabia a quem o meu coração pertencia e não tinha nem ideia de se um dia tornaria a vê-lo. Não se quisesse sobreviver.

Vovó Q não me deixaria ficar sentada quietinha, não me deixaria relaxar. Nessa noite eu precisava de paz, de solidão.

– Cain, eu preciso ficar sozinha hoje à noite. Ela não me deixaria tranquila. Hoje eu preciso dormir no hotel. Por favor, entenda e ajude a vovó a entender. Só por uma noite.

Exibindo uma careta de frustração, Cain deixou o olhar se perder acima da minha cabeça. Sabia que ele queria fazer perguntas, mas estava sendo cuidadoso.

– Bee, isso está me matando. Eu sei que você está sofrendo, está estampado na sua cara. Vi você sofrer por muitos anos e isso agora está me devorando aos poucos. Pode se abrir comigo, Bee. Precisa conversar com alguém.

Ele tinha razão. Eu precisava mesmo conversar com alguém, mas nesse

momento a minha maior preocupação era processar o que havia acontecido. Algum dia eu contaria sobre Rosemary Beach para ele, pois precisava contar para alguém e Cain era o meu amigo mais próximo.

– Só me dê um pouco de tempo – pedi, erguendo os olhos para ele.

– Tempo. – Ele assentiu. – Faz três anos que eu estou lhe dando tempo. Um pouco mais não vai fazer mal.

Abri a porta da picape e subi. No dia seguinte estaria pronta para encarar a verdade, os fatos. Eu iria conseguir... no dia seguinte.

– Você não tem mais celular? Liguei para o número antigo um dia depois de você ir embora e me deixar aqui, mas estava desativado.

Rush. Sua expressão ao me implorar para ficar com o telefone sobre o qual ele havia mentido me atravessou a mente. A dor se tornou um pouco mais profunda.

Fiz que não com a cabeça.

– Não, não tenho celular.

A careta de Cain se intensificou.

– Que merda, Bee. Você não deveria ficar sem telefone.

– Mas tenho uma pistola – lembrei a ele.

– Mesmo assim você precisa de um celular. Duvido que algum dia já tenha apontado esse troço para alguém.

Nisso ele estava enganado. Dei de ombros.

– Arrume um amanhã – ordenou ele.

Embora não tivesse qualquer intenção de arrumar um celular, concordei e fechei a porta da picape.

Tornei a entrar na estrada de pista única. Percorri quase um quilômetro até o primeiro sinal e dobrei à direita. O hotel era o segundo prédio à esquerda. Eu nunca tinha me hospedado ali. Algumas amigas tinham ido para lá depois da festa de formatura, mas essa era uma parte do ensino médio da qual eu apenas ouvira falar nos corredores.

Pagar pelo quarto foi bem fácil. A moça que atendia no balcão me pareceu conhecida, mas era mais jovem do que eu. Ainda devia estar no colégio. Peguei a chave e tornei a sair.

O lustroso Range Rover preto estacionado ao lado da minha picape me pareceu totalmente fora de contexto ali. O coração que eu julgava anestesiado bateu com

força dentro do meu peito assim que deparei com Rush. Ele estava parado na frente do carro, com as mãos enterradas nos bolsos, me esperando chegar.

Não imaginava que fosse revê-lo, pelo menos não tão cedo. Tinha deixado bem claro como estava me sentindo. Como ele chegou até ali? Eu nunca mencionei para ele o nome da minha cidade. Será que tinha sido o meu pai? Por acaso eles não entendiam que eu queria ficar sozinha?

A porta de um carro bateu, minha atenção foi desviada de Rush e vi Cain descer da caminhonete vermelha da Ford que tinha ganhado de formatura.

– Tomara que saiba quem é esse cara, porque ele seguiu você do cemitério até aqui. Reparei que ele estava no acostamento observando a gente de uma certa distância, mas não falei nada – disse Cain, aproximando-se depressa e se posicionando ligeiramente na minha frente.

– Eu o conheço – falei, enquanto sentia minha garganta se fechar.

Cain olhou para mim.

– Foi por causa dele que você voltou correndo para casa?

Não. Na verdade, não foi Rush quem me fez fugir. Foi ele quem me fez querer ficar. Mesmo sabendo que seria impossível existir algo entre nós a partir de então.

– Não – falei, balançando a cabeça e olhando para Rush. Mesmo sob o luar a sua expressão era de dor. – O que você está fazendo aqui? – perguntei, mantendo distância.

Ao perceber que eu não iria chegar perto de Rush, Cain saiu um pouco da minha frente.

– Eu vim porque é aqui que você está – respondeu ele.

Meu Deus, como eu conseguiria passar por aquilo outra vez? Vê-lo e saber que não poderia tê-lo. Saber que o que ele representava sempre iria contaminar qualquer coisa que eu sentisse por ele.

– Rush, não dá.

Ele deu um passo à frente.

– Blaire, por favor, fale comigo. Tenho tanta coisa para explicar...

Balancei a cabeça e dei um passo para trás.

– Não, não dá.

Rush disse um palavrão e mudou o foco de mim para Cain.

– Pode nos deixar um minuto sozinhos? – pediu.

Cain cruzou os braços na frente do peito e deu mais um passo até ficar na minha frente.

– Não vai dar. Parece que ela não quer conversar. Não sou eu quem vai obrigá-la. Nem você.

Não precisei ver Rush para saber que Cain acabara de deixá-lo muito puto da vida. Se eu não interviesse, aquilo iria acabar mal. Passei por Cain e caminhei em direção a Rush e ao quarto que havia alugado. Se íamos mesmo conversar, não seria diante de uma plateia.

– Está tudo bem, Cain. Este é o meu irmão postiço, Rush Finlay. Ele já sabe quem você é. Se ele quer conversar comigo, a gente vai conversar. Pode ir embora. Eu vou ficar bem – falei por cima do ombro antes de me virar para destrancar a porta do quarto 4A.

– Irmão postiço? Mas espere um instante... Rush Finlay? O filho único do Dean Finlay? Caraca, Bee, você é parente de um astro do rock!

Eu tinha me esquecido o quanto Cain era fã de bandas de rock. É claro que ele sabia quem era o filho único do baterista do Slacker Demon.

– Pode ir, Cain – repeti.

Abri a porta e entrei no quarto.

Capítulo 26

Dentro do quarto, afastei-me de Rush o máximo que consegui. Só parei quando cheguei à parede do outro lado.

Ele entrou atrás de mim e fechou a porta. Parecia estar me devorando com os olhos.

– Pode falar. Ande logo. Quero você fora daqui – falei.

Minhas palavras o fizeram se retrair. Eu não iria me permitir sentir pena dele. Não podia fazer isso.

– Eu te amo.

Não. Ele não estava dizendo isso. Balancei a cabeça. Não, eu não estava escutando aquilo. Ele não me amava. Não podia me amar. Quem amava não mentia.

– Sei que as minhas ações não parecem confirmar isso, mas você tem que me deixar explicar. Gata, pelo amor de Deus, eu não aguento ver você sofrendo tanto.

Ele não fazia ideia do tamanho da minha dor. Sabia o quanto eu amava a minha mãe, o quanto ela era importante para mim e tudo que eu havia sacrificado. Sabia de tudo isso, mas mesmo assim não me contara o que a sua família pensava sobre ela. O que *ele* pensava sobre ela. Eu não podia amar isso. Não podia amar Rush. Eu jamais poderia amar alguém que zombasse da lembrança da minha mãe. Nunca.

– Nada do que você possa dizer vai consertar o que aconteceu. Ela era a minha mãe, Rush. A única lembrança na minha vida que contém algo de bom. Ela é o centro de todos os instantes felizes que eu tive na infância. E você... – Fechei os olhos, sem conseguir olhar para ele. – Você e... e eles... vocês desgraçaram a minha mãe com aquelas mentiras horríveis que disseram como se fossem a verdade.

– Eu sinto muito que você tenha ficado sabendo desse jeito. Queria ter contado.

No começo, você era só alguém com potencial para magoar Nan. Pensei que fosse causar mais dor para ela. O problema foi que você me deixou fascinado. Confesso que senti uma atração imediata, porque você é linda. Sua beleza é de tirar o fôlego e eu a odiei por isso. Não queria sentir atração por você, mas senti. Já na primeira noite fiquei louco por você. O simples fato de estar perto de você, meu Deus... eu inventava motivos para procurá-la. Aí... aí conheci você melhor. Fiquei hipnotizado pela sua risada. Era o som mais incrível que eu já tinha escutado. E você era tão honesta, tão determinada... não ficava choramingando nem reclamando. Pegava o que a vida lhe dava e fazia o melhor possível. Eu não estava acostumado com isso. Sempre que a observava, sempre que chegava perto de você, me apaixonava mais um pouco.

Ele deu um passo na minha direção e eu ergui as duas mãos para detê-lo. Estava respirando fundo, não queria chorar outra vez. Mas se ele precisava me dizer tudo aquilo e me deixar ainda mais arrasada, iria escutar. Iria conceder a ele aquele instante de conclusão, pois sabia que jamais teria o meu.

– Aí teve aquela noite no bar country. Depois daquilo, eu passei a ser completamente seu. Talvez você não tenha percebido, mas fui fisgado; para mim não tinha mais volta. Eu tinha muitas coisas pelas quais precisava me redimir. Tinha transformado a sua vida em um inferno desde a sua chegada e me odiei por isso. Eu quis lhe dar o mundo inteiro, mas sabia... sabia quem você era. Quando me permitia recordar exatamente quem você era, eu recuava. Como podia estar tão completamente envolvido com a garota que personificava a dor da minha irmã?

Tapei os ouvidos.

– Não. Eu não quero escutar isso. Saia daqui, Rush. Agora! – berrei.

Não queria ouvir falar em Nan. As palavras imundas que ela tinha dito sobre a minha mãe ecoavam na minha mente. Senti no peito uma ânsia de gritar, qualquer coisa para abafá-las.

– No dia em que a minha mãe chegou do hospital com ela, eu tinha 3 anos, mas me lembro bem. Ela era tão pequenininha. Eu tinha receio de que alguma coisa acontecesse com ela. Mamãe chorava muito e Nan também. Eu cresci depressa. Quando Nan fez 3 anos, eu já fazia tudo para ela. Desde preparar o café da manhã até colocá-la para dormir. Nossa mãe a essa altura havia se casado de

novo e agora tínhamos Grant. Nunca houve estabilidade nenhuma. Na verdade, eu ansiava pelas vezes em que o meu pai vinha me buscar, porque assim passava alguns dias sem ficar responsável por Nan. Podia tirar uma folga. Aí ela começou a perguntar por que eu tinha pai e ela não.

– Chega! – alertei, afastando-me ainda mais dele.

Por que Rush estava fazendo aquilo comigo?

– Blaire, eu preciso que você me escute. É o único jeito de você entender. – Sua voz estava embargada. – Mamãe respondia que Nan não tinha pai porque era uma menina especial, mas isso não funcionou por muito tempo. Exigi que ela me dissesse quem era o pai de Nan. Queria que fosse o mesmo que o meu, pois sabia que o meu pai a levaria para passear, mas ela me disse que o pai de Nan tinha outra família, que tinha duas filhinhas que amava mais do que a Nan. Ele queria essas meninas, mas não queria Nan. Eu não conseguia entender como alguém podia não querer Nan. Afinal, ela era a minha irmãzinha. É claro que havia momentos em que eu queria matá-la, mas a amava loucamente. Aí chegou o dia em que mamãe a levou para visitar a família que o seu pai tinha escolhido. Depois da visita, ela passou meses chorando.

Rush se calou e eu me deixei cair sentada em cima da cama. Ele iria me obrigar a escutar aquilo. Eu não conseguia fazê-lo parar.

– Eu odiei aquelas meninas. Odiei essa família que o pai de Nan tinha escolhido no seu lugar. Jurei que um dia o faria pagar. Nan vivia dizendo que um dia ele talvez fosse visitá-la. Ficava sonhando que ele iria querer vê-la. Passei anos ouvindo esses sonhos. Quando fiz 19 anos, fui atrás dele. Sabia como ele se chamava e o encontrei. Deixei para ele uma foto de Nan com o nosso endereço escrito atrás. Disse que ele tinha outra filha que era especial e que ela só queria conhecê-lo. Conversar com ele.

Isso acontecera havia cinco anos. Senti um nó na barriga e fiquei enjoada. Cinco anos atrás, eu havia perdido Valerie. Cinco anos atrás, o meu pai tinha ido embora de casa.

– Eu fiz isso porque amava a minha irmã. Não tinha a menor ideia do que a outra família dele estava enfrentando e, para ser bem sincero, não estava nem aí. Minha única preocupação era Nan. Vocês eram o inimigo. Aí você surgiu na minha casa e virou o meu mundo de pernas para o ar. Sempre jurei que nunca

me sentiria culpado por separar aquela família. Afinal de contas, ela tinha separado Nan do pai. A cada instante que eu passava com você, a culpa pelo que tinha feito começou a me devorar vivo. Quando vi a expressão nos seus olhos na noite em que você me contou sobre a sua irmã e a sua mãe... meu Deus, Blaire, eu juro que nessa noite você arrancou o meu coração. Eu nunca vou me esquecer.

Ele andou até mim e não consegui me mexer.

Eu entendia, entendia mesmo. Mas a compreensão vinha junto com um desânimo sem fim. Era tudo mentira, minha vida inteira era uma mentira. Todas aquelas lembranças, os natais em que mamãe fazia biscoitos e papai segurava Valerie e eu no colo para podermos decorar o topo da árvore... tudo isso era falso. Não podia ser real. Eu acreditava em Rush, mas isso não mudava a maneira como via a minha mãe. Ela não estava ali para contar sua versão da história. Eu sabia o suficiente para ter certeza da sua inocência. Ela não podia ser nada além de inocente. O único responsável por aquilo tudo era o meu pai.

– Eu juro que, por mais que ame a minha irmã, se pudesse voltar atrás e mudar as coisas, eu o faria. Eu *nunca* teria ido falar com o seu pai. Nunca. Blaire, eu sinto muito. Porra, eu sinto muito.

A voz dele falhou e, quando ergui os olhos, vi que os seus estavam marejados, embora as lágrimas ainda não tivessem começado a escorrer.

Se ele não tivesse procurado o meu pai, as coisas teriam sido muito diferentes. Só que, por mais que quiséssemos, nenhum de nós dois podia mudar o passado. Nenhum de nós dois podia consertar aquilo. Nan agora tinha o seu pai, tinha o que sempre quisera ter. Georgianna também.

Já eu só tinha a mim mesma.

– Eu não posso dizer que o perdoo – falei, porque de fato não podia. – Só posso dizer que entendo por que você fez o que fez. Mas o que fez transformou o meu mundo e nada vai mudar isso. Nunca.

Uma lágrima solitária escorreu pelo rosto de Rush. Eu não podia estender a mão para enxugá-la, da mesma forma que já não tinha mais lágrimas para chorar.

– Eu não quero perder você. Estou apaixonado por você, Blaire. Nunca quis nada nem ninguém como quero você. Não consigo imaginar o meu mundo sem a sua presença.

Eu sempre teria apenas a mim. Porque aquele homem tinha pegado o meu coração e destruído, mesmo sem querer. Eu jamais teria confiança suficiente para amar outra vez.

– Rush, eu não posso te amar.

Um soluço engasgado sacudiu o seu corpo e ele deitou a cabeça no meu colo. Não o consolei; não podia fazê-lo. Como aliviar a sua dor quando a minha era um buraco imenso, grande o suficiente para comportar nós dois?

– Você não precisa me amar. Só não me deixe – disse ele, enlaçando minha perna.

Será que a minha vida seria sempre cheia de perdas? Eu não pude dizer adeus à minha irmã quando ela foi embora naquele dia para nunca mais voltar. Eu me recusei a dizer adeus à minha mãe na manhã em que ela me disse que estava quase na hora, fechou os olhos e nunca mais os abriu. Sabia que, quando Rush saísse daquele quarto, seria a última vez que o veria. Seria o nosso último adeus. Eu não conseguiria seguir com a minha vida caso Rush fizesse parte dela, pois ele sempre iria prejudicar a minha recuperação.

Só que dessa vez eu queria o meu adeus. Aquele era o meu derradeiro adeus, e dessa vez eu queria uma chance de fazer as coisas direito. Não consegui pronunciar as palavras porque elas se recusaram a sair da minha boca. A necessidade de proteger o nome da minha mãe era um obstáculo entre mim e as palavras que eu sabia que Rush precisava escutar. Eu não podia dizer a ele que o perdoava sabendo que ele era o motivo pelo qual o meu pai tinha desaparecido para sempre. Naquele dia, mesmo sem saber o estrago que aquela foto iria causar, ele tinha levado o meu pai embora.

Nada disso mudava o que eu sentia por Rush antes de ele fazer o meu mundo explodir em um milhão de pedacinhos. E dessa vez eu iria ter a minha despedida.

Capítulo 27

– Rush.

Ele levantou a cabeça. Tinha o rosto banhado de lágrimas que eu não iria enxugar: elas cumpriam um propósito. Eu me levantei, abri a blusa, tirei e a pousei sobre a cama. Em seguida tirei o sutiã. Rush não desgrudou os olhos do meu corpo. Seu ar de incompreensão era previsível. Eu não conseguia explicar aquilo... era apenas algo que eu precisava fazer.

Baixei o short e me desvencilhei dele, depois tirei os sapatos e, bem devagar, a calcinha. Quando fiquei completamente nua, me aproximei e montei sobre as pernas de Rush. Ele me enlaçou na hora e enterrou o rosto na minha barriga. Senti na pele o frio provocado pela umidade das suas lágrimas e estremeci.

– Blaire, o que você está fazendo? – indagou ele, recuando apenas o suficiente para me olhar.

Não consegui responder.

Agarrei a sua camiseta e a puxei até ele erguer os braços e me deixar tirá-la por cima da sua cabeça e jogá-la longe. Afundei até ficar sentada no seu colo, segurei a sua cabeça com as duas mãos e o beijei, um beijo demorado. Aquela seria a última vez. Rush enterrou as mãos nos meus cabelos e assumiu as rédeas da situação. Cada carícia da sua língua era suave e delicada. Ele não se mostrou ávido nem exigente. Talvez já tivesse entendido que aquilo era uma despedida. Não era para ser violento e rápido: aquilo era a última lembrança que eu teria dele, de nós. A única sem uma mentira atrapalhando. A verdade estava ali, entre nós, naquele momento.

– Tem certeza? – sussurrou ele junto à minha boca enquanto eu me remexia contra a ereção que já podia sentir dentro do seu jeans.

Respondi que sim.

Ele me pegou no colo, deitou-me na cama, em seguida tirou os sapatos e a calça. Ao se posicionar por cima de mim, estudou-me com o semblante atormentado.

– Você é a mulher mais linda que eu já vi. Por dentro e por fora – sussurrou, cobrindo o meu rosto de beijos antes de abocanhar o meu lábio inferior e chupá-lo.

Ergui o quadril. Precisava senti-lo dentro de mim. Sempre iria precisar disso, mas aquela seria a última vez em que teria o meu desejo atendido. Em que o teria assim, tão próximo. Ninguém jamais chegaria perto de mim desse jeito, ninguém.

Ele correu as mãos pelo meu corpo e se demorou ao tocar cada pedacinho, como se estivesse me decorando. Arqueei o corpo sob as suas carícias e fechei os olhos para deixar o toque das suas mãos ficar gravado em mim.

– Porra, como eu te amo – disse ele, baixando a cabeça para beijar o meu umbigo.

Deixei as minhas pernas se abrirem para ele se posicionar entre elas.

– Tenho que usar camisinha? – perguntou ele, tornando a montar em cima de mim.

Sim, era a resposta. Não podíamos correr nenhum risco.

Mais uma vez, só assenti.

Rush se levantou, pegou a calça jeans e tirou uma camisinha da carteira. Fiquei olhando enquanto ele rasgava a embalagem e a fazia deslizar até cobrir o pau. Eu nunca o havia beijado ali; pensara em fazê-lo, mas nunca tive coragem. Há coisas que devem permanecer desconhecidas.

Ele alisou a parte interna das minhas coxas com as duas mãos e, bem devagar, abriu mais um pouco.

– Isto aqui vai ser meu para sempre – falou, convicto.

Não o corrigi, porque era inútil. Eu nunca pertenceria a mais ninguém. Depois desse dia, pertenceria apenas a mim mesma.

Rush baixou o corpo sobre o meu até eu sentir a ponta do seu sexo encostar em mim.

– Nunca foi tão bom. Nada nunca foi tão bom – grunhiu ele e me penetrou.

Foi um alívio. Segurei os braços dele e gritei enquanto ele me preenchia por completo.

Devagarzinho, ele tirou e depois tornou a meter. Não deixou de me encarar, e eu o encarei de volta. Pude ver o desespero na sua expressão. Sabia que ele estava

confuso e até com um pouco de medo, mas havia também amor: pude ver esse amor, essa intensidade no seu olhar, e acreditei. Vi isso com clareza, só que agora era tarde demais. O amor agora não bastava. O amor não basta quando a nossa alma está em pedaços.

Enlacei a cintura dele com as pernas e o abracei pelo pescoço. Puxei-o para bem perto de mim. Precisava da sua proximidade. Senti o calor do seu hálito no meu pescoço quando ele beijou a minha pele delicada. Ele sussurrou palavras de amor e juras que jamais precisaria cumprir. Deixei que o fizesse, só dessa última vez.

O prazer que vinha crescendo chegou ao clímax quando ele me beijou de leve nos lábios e disse:

– Só você.

Não desgrudei os olhos dos seus quando o apertei e me deixei inundar por uma sensação de êxtase total. Rush abriu a boca e um rosnado bem alto fez vibrar o seu peito enquanto ele arremetia mais duas vezes dentro de mim e depois se imobilizava, sem nunca deixar de me encarar.

Ambos estávamos com a respiração acelerada e profunda quando eu falei tudo o que precisava ser dito sem pronunciar nenhuma palavra. Elas estavam escritas nos meus olhos. Ele só precisava prestar atenção.

– Blaire, não faça isso – suplicou ele.

– Adeus, Rush.

Ele balançou a cabeça. Ainda estava enterrado bem fundo dentro de mim.

– Não faça isso com a gente.

Não falei mais nada. Deixei as mãos penderem junto ao meu corpo e as pernas deslizarem pela cintura dele até não o segurar mais. Não iria discutir com ele.

– Não pude dizer adeus à minha irmã nem à minha mãe. Foram duas despedidas que eu nunca tive. Eu precisava desta última despedida, desta última vez entre nós dois, sem mentiras.

Ele segurou as cobertas da cama com as duas mãos e fechou os olhos com força.

– Não. Não. Por favor, não.

Minha vontade era estender a mão e tocar o seu rosto. Dizer a ele que tudo iria ficar bem. Que a sua vida iria continuar e ele iria superar aquilo, superar nós dois. Mas não consegui fazer isso. Como reconfortá-lo quando eu própria me sentia vazia?

Rush saiu de dentro de mim e o vazio que reverberou pelo meu corpo me provocou uma dor. Ele se levantou da cama sem olhar para mim. Fiquei ali, sem dizer nada, enquanto ele começava a se vestir. Era isso. Seria normal o vazio doer daquele jeito? Quando é que a dor iria parar de se apresentar na minha vida?

Depois de vestir a camiseta, ele finalmente olhou para mim. Eu me sentei na cama e encolhi os joelhos até junto do peito para cobrir a minha nudez e me manter íntegra, pois estava com medo de desmoronar.

– Não posso obrigar você a me perdoar. Aliás, eu não mereço o seu perdão. Não posso mudar o passado. Tudo o que posso fazer é dar o que você quer. Se é isso que você quer, Blaire, eu vou embora. Isso vai me matar, mas vou mesmo assim.

E o que mais poderia acontecer? Eu nunca mais seria a mesma. A menina por quem ele havia se apaixonado não existia mais. Se ele ficasse ali, não demoraria a constatar isso. Eu não tinha passado, não tinha base nenhuma. Tudo havia desaparecido. Nada fazia sentido e eu sabia que jamais viria a fazer. Rush merecia mais do que isso.

– Adeus, Rush – falei, pela última vez.

A dor que enevoava os seus olhos era insuportável. Baixei os meus e os cravei na manta azul quadriculada sobre a cama.

Fiquei ouvindo ele caminhar em direção à porta. Seus passos soaram abafados por causa do carpete velho e desbotado. Então a porta se abriu e o luar iluminou o quarto escuro. Silêncio. Ele iria dizer mais alguma coisa? Eu não queria que dissesse. Cada palavra sua só tornava aquilo mais difícil.

A porta se fechou. Quando ergui os olhos, deparei com o quarto de hotel vazio à minha volta. As despedidas não eram aquilo tudo que diziam. Isso agora eu sabia.

"Não foi Rush quem me fez fugir. Foi ele quem me fez querer ficar."

A história deles não terminou...

Agradecimentos

Este livro nunca teria sido publicado sem a leitura e os inestimáveis conselhos e incentivos das seguintes pessoas:

Colleen Hoover, Liz Reinhardt, Elizabeth Reyes, Tracey Garves-Graves, Angie Stanton, Tammara Webber, Autumn Hull e Nichole Chase. Elas estavam lá quando eu não tinha certeza se deveria publicar esta história e não me deixaram duvidar de mim mesma. Este livro é graças a elas. Amo todas vocês.

Sarah Hansen, designer desta fantástica capa. Ela é incrível. Eu a amo e a acho um barato de se conviver. Confiem em mim... eu sei. ;)

Keith, meu marido, que tolerou a casa suja, a falta de roupas lavadas e minhas variações de humor enquanto eu escrevia este livro (e todos os meus outros).

Meus três queridos filhos, que comeram uma porção de cahorros-quentes, pizzas e sucrilhos porque eu estava trancada escrevendo. Juro que preparei muitas refeições saudáveis para eles depois que terminei.

A Jane Dystel, a agente mais bacana que já surgiu no mercado editorial. Eu adoro essa mulher. E um viva a Lauren Abramo, minha agente de direitos internacionais, que está fazendo um trabalho maravilhoso para publicar os meus livros mundo afora. Ela é demais.

Stephanie T. Lott: já trabalhei com muitos editores, e realmente a amo. Ela arrasa.

Sobre a autora

Keith Glines



Abbi Glines nasceu em Birmingham, Alabama. Morou na pequena cidade de Sumiton até os 18 anos, quando seguiu o namorado do colégio até a costa. Atualmente os dois moram com seus três filhos em Fairhope, Alabama. Autora de diversos livros da lista de mais vendidos do *The New York Times*, Abbi é viciada no Twitter (@abbiglines) e escreve regularmente no seu blog. www.abbiglines.com

Leia um trecho do próximo livro da série

Tentação sem limites

Rush

Há 13 anos...

Alguém bateu na porta e então ouvi o barulho de pés se arrastando. Já estava com uma dor no peito. Minha mãe havia ligado a caminho de casa para me contar o que fizera e dizer que precisava sair para beber com as amigas. Eu teria que cuidar da Nan. Minha mãe não conseguiria lidar com aquele estresse. Pelo menos foi o que disse quando me ligou.

– Rush? – a voz de Nan saiu com um soluço. Ela havia chorado.

– Estou aqui, Nan – falei, levantando-me do pufe em que estava sentado num canto.

Esse era meu esconderijo. Naquela casa, era preciso ter um. Quando não se tinha, coisas ruins aconteciam.

Nan tinha mechas de seus cachos ruivos colados ao rosto molhado. Estava com o lábio inferior trêmulo e me encarava com aqueles olhos tristes. Eu quase nunca os via felizes. Minha mãe só lhe dava atenção quando precisava arrumá-la e exibi-la. No resto do tempo, Nan era ignorada. Exceto por mim. Eu fazia o possível para que ela se sentisse querida.

– Eu não vi ele. Ele não estava lá – sussurrou ela, dando outro soluço.

Não precisei perguntar quem era "ele". Eu sabia. Minha mãe havia se cansado de ouvir Nan perguntar sobre o pai. Então decidiu levá-la para vê-lo. Eu gostaria que ela tivesse me contado. Queria ter ido junto. A expressão de mágoa no rosto de Nan me fez cerrar os punhos. Se algum dia visse aquele homem, eu lhe daria um soco no nariz. Queria vê-lo sangrando.

– Venha aqui – chamei, estendendo a mão e puxando minha irmãzinha para um abraço.

Ela enroscou os braços na minha cintura e me apertou com força. Era difícil respirar em momentos assim. Eu detestava a vida que ela tinha. Eu pelo menos sabia que meu pai me queria. Ele passava algum tempo comigo.

– Ele tem outras filhas. Duas. E elas são... lindas. Têm cabelos de anjo. E a mãe deixa as duas brincarem na terra. Elas estavam usando tênis. Tênis sujos.

Nan estava com inveja de tênis sujos. Nossa mãe não permitia que ela fosse menos do que perfeita o tempo todo. Ela nunca tivera um par de tênis.

– Elas não podem ser mais bonitas do que você – garanti a ela. Eu realmente acreditava nisso.

Nan fungou e se afastou de mim. Empinou a cabeça, e aqueles grandes olhos verdes me olharam.

– São, sim, eu vi. Vi fotos na parede com as duas meninas e um homem. Ele ama as duas... e não me ama.

Eu não poderia mentir para Nan. Ela tinha razão. Ele não a amava.

– Ele é um imbecil idiota. Você tem a mim, Nan. Você sempre vai ter a mim.

Blaire

Hoje...

Vinte e cinco quilômetros de distância da cidade era longe o bastante. Ninguém jamais ia a uma farmácia tão longe de Sumit. A menos, é claro, que tivesse 19 anos e precisasse de algo que não quisesse que todo mundo soubesse que havia comprado. Em uma hora, toda a cidadezinha de Sumit, no Alabama, ficava sabendo de qualquer coisa que se comprasse na farmácia local. Ainda mais se fosse uma pessoa solteira comprando camisinhas... ou um teste de gravidez.

Pus o teste de gravidez em cima do balcão e não olhei para a atendente. Não consegui. O medo e a culpa nos meus olhos eram algo que eu não queria dividir com uma estranha qualquer. Eu ainda não havia contado nem ao Cain. Desde que obrigara Rush a sair da minha vida três semanas antes, eu tinha voltado lentamente à rotina de passar o tempo todo com Cain. Era fácil. Ele não me pressionava para falar, mas quando eu queria falar, ele me ouvia.

– São 16 dólares e 15 centavos – disse a moça do outro lado do balcão.

Pude ouvir a preocupação na voz dela. Nada surpreendente. Aquela era a

compra vergonhosa que todas as adolescentes temiam. Entreguei uma nota de 20 dólares sem levantar os olhos da sacolinha que ela havia posto na minha frente. Ela continha a única resposta de que eu precisava e que me apavorava. Ignorar o fato de que a minha menstruação estava duas semanas atrasada e fingir que nada estava acontecendo era mais fácil. Mas eu precisava saber.

– Aqui está o troco: 3,85 dólares – disse ela.

Estendi o braço e peguei o dinheiro da mão dela.

– Obrigada – murmurei, pegando a sacola.

– Espero que tudo fique bem – disse a moça num tom gentil.

Levantei o olhar e encontrei um par de olhos castanhos solidários. Ela era uma estranha que eu jamais veria novamente, mas, naquele momento, ajudou que outra pessoa soubesse. Eu não me senti tão sozinha.

– Eu também – respondi, antes de me virar e seguir em direção à porta, de volta ao sol quente de verão.

Tinha dado dois passos no estacionamento quando olhei para a porta do motorista da minha picape. Cain estava encostado nela com os braços cruzados no peito. O boné cinza que ele usava tinha uma letra A da Universidade do Alabama e estava puxado para baixo, escondendo os olhos dele.

Parei e o encarei. Não havia como mentir sobre aquilo. Ele sabia que eu não tinha ido ali para comprar camisinhas. Havia apenas uma alternativa. Mesmo sem conseguir ver a expressão nos olhos dele, eu soube... que ele sabia.

Engoli em seco o bolo na garganta que vinha me sufocando desde que eu entrara na picape naquela manhã e saíra da cidade. Agora não éramos apenas eu e a estranha atrás do balcão que sabíamos. Meu melhor amigo sabia também.

Obriguei-me a botar um pé na frente do outro. Ele faria perguntas e eu teria que respondê-las. Depois das últimas semanas, ele merecia uma explicação. Ele merecia a verdade. Mas como explicar aquilo?

Parei a apenas alguns metros diante dele. Agradeci o fato de o boné encobrir seu rosto. Seria mais fácil explicar se eu não conseguisse ver os pensamentos atravessando seus olhos.

Ficamos parados em silêncio. Eu queria que ele falasse primeiro, mas depois do que pareceram ser vários minutos, percebi que ele queria que eu dissesse alguma coisa antes.

– Como você soube onde eu estava? – perguntei.

– Você está na casa da minha avó. Assim que saiu agindo de um jeito estranho, ela me ligou. Fiquei preocupado com você – respondeu ele.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas. Eu não choraria por aquilo. Já havia derramado todas as lágrimas que me permitiria. Segurando mais apertado a sacola com o teste de gravidez, endireitei os ombros.

– Você me seguiu – falei. Não foi uma pergunta.

– Claro que segui. – Ele balançou a cabeça e desviou o olhar de mim. – Você ia me contar, Blaire?

Eu ia contar a ele? Não sabia. Não havia pensado nisso.

– Ainda não sei se há alguma coisa para contar – respondi sinceramente.

Cain balançou a cabeça e soltou uma risada abafada sem qualquer senso de humor.

– Não sabe, é? Você veio até aqui porque não tem certeza?

Ele estava com raiva. Ou estava magoado? Não tinha motivo para nem uma coisa, nem outra.

– Enquanto eu não fizer este teste, não terei certeza. Estou atrasada. Só isso. Não há por que lhe falar sobre isso. Não é problema seu.

Lentamente, Cain virou a cabeça na minha direção. Levantou a mão e empinou o boné para trás, removendo a sombra dos olhos. Havia descrença e dor em seu olhar. Eu não queria ver aquilo. Era quase pior do que reprovação. De certa forma, isso teria sido melhor.

– É mesmo? É assim que você se sente? Depois de tudo o que passamos, é assim que você se sente de verdade?

O que nós tivéramos era passado. Ele era o meu passado. Eu havia enfrentado muita coisa sem ele. Enquanto ele aproveitava os anos de ensino médio, eu me esforçava para manter a minha vida. O que exatamente ele achava que havia sofrido? Meu sangue começou a ferver de raiva e levantei os olhos para encará-lo.

– Sim, Cain. É assim que eu me sinto. Não sei o que *exatamente* você acha que nós passamos juntos. Nós éramos melhores amigos, depois viramos um casal, então minha mãe ficou doente e, como você precisava que alguém chupasse seu pau, me traiu. Eu cuidei da minha mãe sozinha. Sem ninguém para me apoiar. Então ela morreu e eu me mudei. Meu coração e meu mundo foram destruídos,

então eu voltei. Você ficou do meu lado. Eu não pedi isso, mas você ficou. Sou grata a você, mas isso não faz com que todo o resto desapareça. Não compensa o fato de você ter me abandonado quando mais precisei de apoio. Então, me desculpe por você não ser a primeira pessoa que eu procuro quando meu mundo está mais uma vez prestes a ser puxado de baixo dos meus pés. Você ainda não fez por merecer isso.

Eu estava respirando com dificuldade, e as lágrimas que eu não queria derramar rolavam pelo meu rosto. Droga, eu não queria chorar. Diminuí a distância entre nós e usei toda a minha força para empurrá-lo para fora do caminho a fim de conseguir agarrar a maçaneta e abrir a porta do carro. Eu precisava sair dali. Ir para longe dele.

– Saia – gritei, enquanto tentava abrir a porta com o peso dele ainda sobre ela.

Esperava que ele discutisse comigo. Esperava qualquer coisa, menos que ele fizesse o que eu tinha pedido. Sentei atrás do volante e atirei a sacolinha de plástico em cima do banco ao meu lado antes de engatar a picape e dar ré da vaga do estacionamento. Pude ver Cain ainda parado ali. Ele não havia se mexido muito. Apenas o suficiente para que eu entrasse no veículo. Ele não estava olhando para mim, mas para o chão, como se nele estivessem todas as respostas. Eu não podia me preocupar com ele naquele momento. Precisava ir embora.

Talvez eu não devesse ter dito aquelas coisas a Cain. Talvez eu devesse ter mantido tudo aquilo onde eu havia deixado enterrado todos aqueles anos. Mas agora era tarde demais. Ele havia me provocado no momento errado. Eu não ia me sentir mal por isso.

Eu também não poderia voltar para a casa da avó dele. Ela estava de olho em mim. Cain provavelmente ligaria para ela e contaria tudo. Se não a verdade, algo bem próximo. Eu não tinha alternativa. Teria que fazer o teste de gravidez no banheiro de um posto de gasolina. Era possível que a minha situação ficasse pior?

Conheça os clássicos da Editora Arqueiro

Queda de gigantes e *Inverno do mundo*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e *Fique comigo*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, A vingança e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

Informações sobre a Arqueiro

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
e curta nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
Agradecimentos
Sobre a autora
Leia um trecho do próximo livro da série
Conheça os clássicos da Editora Arqueiro
Informações sobre a Arqueiro